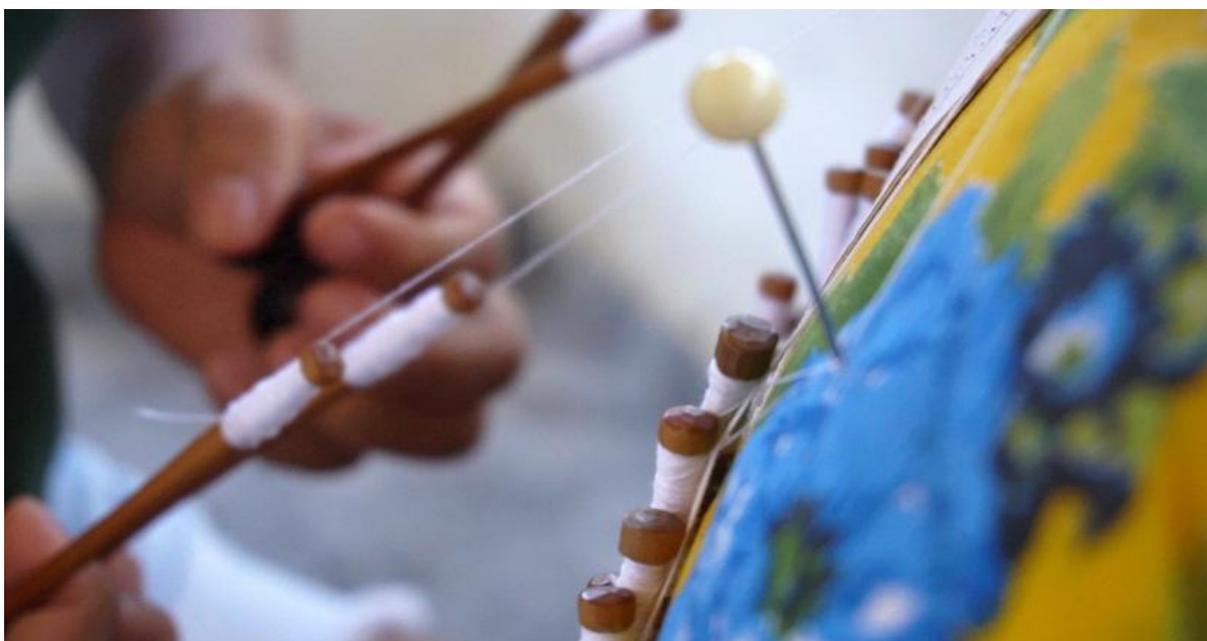


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL
ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro de Ilha Grande | Piauí | Brasil



MARINETE MARTINS VASCONCELOS

MARINETE MARTINS VASCONCELOS

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro de Ilha Grande | Piauí | Brasil

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba como requisito para obtenção do título de mestre.
Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Trabalho Final apresentado e aprovado em: 25 de março de 2022

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª Áurea da Paz Pinheiro (Orientadora)
Universidade Federal do Piauí

Profª. Drª Artemísia Lima Caldas (Avaliadora Interna)
Universidade Federal do Piauí

Profª Mestre Celia Maria Santos da Silva (Avaliadora Externa)
Universidade Federal do Piauí

Profª. Drª Carmem Gessilda Burgert Schiavon (Avaliadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande | RS

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Prof. Cândido Athayde – Parnaíba
Serviço de Processamento Técnico

V33li Vasconcelos, Marinete Martins.

Inventário Participativo: ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, Ilha Grande, Piauí, Brasil.
[recurso eletrônico] / Marinete Martins Vasconcelos. – 2022

1 Arquivo em PDF

Dissertação (Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia) - Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2022.

Orientação: Prof.^a. Dr.^a. Áurea da Paz Pinheiro

1. Museologia. 2. Inventário Participativo. 3. Renda de Bilro 4. Patrimônio Imaterial. 5. Piauí. I. Título.

CDD: 069.22

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Renda de Bilro.....	11
Figura 2. Rodas de conversas e de memórias	13
Figura 3. Mangues e Igarapés no Delta do Parnaíba.....	14
Figura 4. Sede Casa das Rendeiras.....	17
Figura 5. Ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, Ilha Grande, Piauí.....	18
Figura 6. Ofício e modos de saber-fazer.....	24
Figura 7. Almofada e bilros, Casa das Rendeiras, Ilha Grande, Piauí	25
Figura 8. Almofada com o molde e os bilros tecendo a renda.....	28
Figura 9. Trabalho na Casa das rendeiras.....	29
Figura 10. Trabalho na Casa das Rendeiras	47
Figura 11. Trabalho de campo, observação do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro na Casa das Rendeiras.....	49
Figura 12. Trabalho de campo, observação do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro na Casa das Rendeiras.....	52

LISTA DE SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

ARMM – Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana

CEDUC - Coordenação de Educação Patrimonial

CF – Constituição Federal

COOPERUNICA - Cooperativa Nacional de Marca Única

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

ICOM – Conselho Internacional de Museus

INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais

IP – Inventário Participativo

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PCI - Patrimônio Cultural Imaterial

PPGAPM – Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia

PRODART - Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Piauí

PROMOART - Programa de Promoção do Artesanato de Tradição

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFDF – Universidade Federal do Delta do Parnaíba

LISTA DE QUADROS E MAPAS

Quadro 1. Pessoas referências da pesquisa	20
Quadro 2. Trabalhos desenvolvidos com as rendeiras.....	36
Mapa 1. Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba – APA.....	15

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é tudo na minha vida, dele provém todas as minhas conquistas e vitórias.

À minha família, em especial aos meus pais, Aníbal (*in memoriam*) e Doraci, que trabalharam incansavelmente debaixo de sol e chuva para que seus filhos estudassem. Todo amor e gratidão a vocês.

A todos os professores do Mestrado, em especial a minha orientadora Prof^a Dr^a Áurea da Paz Pinheiro, pela sensibilidade, profissionalismo, ética e competência ao longo da construção deste trabalho. Pelos leveza na construção coletiva das relações orientadora-orientanda nas escolhas dos caminhos da pesquisa; pelos ensinamentos, confiança, compreensão e auxílio incondicional. Gratidão!

À Prof^a Dr^a Rita de Cássia Moura Carvalho produtora audiovisual, fotógrafa e documentarista. Obrigada por compartilhar seu conhecimento, por dedicar seu tempo para a realização deste trabalho. Gratidão!

Aos colegas de Turma 5 pelo companheirismo, vivencias compartilhadas, por todo o aprendizado juntos, agradeço imensamente pela caminhada.

Aos membros da banca avaliadora Prof^a Dr^a Artemísia Lima Caldas, Professora Célia Santos, pelas vossas sugestões e contribuições à pesquisa.

À Associação de Rendeiras dos Morros da Mariana, em especial as rendeiras Francisquinha, Edinalva, Helena, Noga, Clarisse, Ana Paula, Socorro Freitas, Socorro Galeno e Tarsila, pelas vossas contribuições na minha pesquisa e pela amizade que construímos. Muito obrigada!

À comunidade de Ilha Grande, agradeço imensamente a acolhida.

À comunidade Coqueiro da Praia pela acolhida ao longo das aulas teórico-práticas do Mestrado. Em nome de Teresa Rocha e família, agradeço a todos.

Aos barqueiros Sr. Raimundinho e Edson por nos mediarem nos trabalhos de campo ao longo da captação das imagens no Delta do Parnaíba.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para execução deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, define patrimônio cultural brasileiro como um conjunto de bens de natureza material e imaterial, que sejam marcadores de memória e identidade, referências para diferentes grupos sociais. Neste trabalho, tomamos como objeto de estudo o ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro dos Morros da Mariana, hoje, município de Ilha Grande, Estado do Piauí. O Decreto nº 3.551/2000 instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Nosso objetivo foi inventariar de forma colaborativa e participativa esse patrimônio cultural. Realizamos captação de registros sonoros, audiovisuais, fotográficos para construção de um relatório final e um documentário, esses últimos, produtos e serviços deste trabalho. O lugar dos estudos e intervenções foi Ilha Grande, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba. O município é porta de entrada para o Delta do Parnaíba, o único a desaguar em mar aberto das Américas. Trata-se de uma localidade remanescente de povos originários, detentora de um rico e complexo patrimônio cultural, com destaque para as artes de pesca artesanal e a renda de bilro, presentes na Ilha desde a colonização portuguesa no século XVIII, consideradas uma das mais antigas e ricas manifestações de arte em linha, a renda e a rede de pesca. Na renda há a manipulação de bilros, sobre uma almofada cilíndrica por mãos habilidosas de mulheres com exímia delicadeza. Usamos como metodologia a pesquisa social aplicada qualitativa, participativa no campo do patrimônio cultural imaterial e museologia, reconhecendo a importância da salvaguarda desse ofício e modos de saber-fazer. Vale referenciar que adaptamos as fichas do Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais, técnica criada pelo antropólogo Augusto Arantes para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, para a construção de Inventários. Realizamos rodas de conversas, que nos permitiram trabalhar e registrar memórias, experiências vividas de geração em geração. Dialogamos com autores que se dedicam ao campo do patrimônio e museologia: Varine (2013), Londres (2012), Leite (2016), Pinheiro (2015), dentre outros de referências em pesquisa ação e participativa, como: Thiollent (2011), Brandão (2006). Usamos também a história oral, que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de nos aproximar do objeto de estudo, como nos informa Alberti (2005); Portelli (1997).

Palavras-chave: Inventário Participativo; Renda de Bilro; Patrimônio Cultural Imaterial; Piauí

ABSTRACT

The 1988 Federal Constitution in its article 216 defines Brazilian cultural patrimony as a set of possessions of material and immaterial nature, which are markers of memory and identity, references to different social groups. In this work, we take as study object the craft and ways of know-how of “renda de bilro” in Morros da Mariana, today, municipality of Ilha Grande, State of Piauí. Decree No. 3.551/2000 institutes the Registry of Cultural Assets of an Intangible Nature that constitute Brazilian cultural heritage and created the National Program for Immaterial Patrimony. Our objective was to inventory this cultural patrimony in a collaborative and participatory way. We captured sound, audiovisual and photographic records to build a final report and a documentary, these last products and services of this work. The place of studies and interventions was Ilha Grande, one of the ten municipalities that make up the Delta do Parnaíba Environmental Protection Area. The municipality is the gateway to the Parnaíba Delta, the only one to flow into the open sea in the Americas. It is a remnant locality of original peoples, holder of a rich and complex cultural heritage, with emphasis on the artisanal fishing arts and bobbin lace, present on the island since the Portuguese colonization in the 18th century, considered one of the oldest and rich manifestations of online art, lace and fishing net. In the lace there is the manipulation of bilro, on a cylindrical pillow, by the skilful hands of women with exquisite delicacy. We use as a methodology applied qualitative social research, participatory in the field of intangible cultural heritage and museology, recognizing the importance of safeguarding this craft and ways of knowing how to do. It is worth mentioning that we have adapted the forms from the Manual for the Application of the National Inventory of Cultural References, a technique created by the anthropologist Augusto Arantes for the National Historical and Artistic Heritage Institute, for the construction of inventories. We held conversation circles, which allowed us to work and record memories, experiences lived from generation to generation. We dialogued with authors who are dedicated to the field of heritage and museology: Varine (2013), Londres (2012), Leite (2016), Pinheiro (2015), among others of references in action and participatory research, such as: Thiollent (2011), Brandão (2006). We also use oral history, which privileges the realization of interviews with people who participated or witnessed events, situations, worldviews, as a way of approaching the object of study, as informed by Alberti (2005); Portelli (1997).

Keywords: Participatory Inventory; Bobbin Lace; Intangible Cultural Heritage; Piauí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Estudo do Contexto	14
1.2 Pergunta de Partida	18
1.3 Hipótese	18
1.4 Problema	19
1.5 Público Participante	19
1.6 Objetivos	20
1.6.1 Geral	20
1.6.2 Específicos	20
1.7 Parceiros	21
1.8 Justificativa	21
2 REVISÃO DE LITERATURA	22
2.1 Renda de Bilro: origem e história	22
2.2 A Renda de Bilro de Ilha Grande	28
2.2.1 Projetos de <i>Design</i>	32
2.3 Patrimônio Cultural Imaterial	41
2.4 Educação Patrimonial	43
2.5 Museologia de Inovação Social	45
2.6 Inventários Participativos	47
3 MÉTODOS E TÉCNICAS	49
3.1 Pesquisa Social Qualitativa	49
3.2 Boas Práticas	54
4. RISCOS	56
5 MEMORIAL DESCRITIVO	56
6. CONCLUSÃO	58
7 REFERÊNCIAS	59
8 APÊNDICES	63
APÊNDICE A	64
APÊNDICE B.....	112

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 – Renda de Bilro



Autora: Cássia Moura, 2021

Olê muié rendeira
Olê muié rendá
Tu me ensina a fazê renda
Que eu te ensino a namorá

(Trecho da canção Mulher Rendeira, autor desconhecido)

A Convenção da Unesco de 2003 nos informa que o patrimônio cultural imaterial são as práticas, representações, conhecimentos e técnicas:

[...] junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana [...] (UNESCO, 2003, p. 4).

Usamos documentos normativos como leis, decretos, convenções, literatura e pesquisa de campo para construir um Inventário Participativo do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro¹ de Ilha Grande, antigo Morros da Mariana, localizada no litoral norte do Estado do Piauí, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba, com uma riqueza singular que atravessa a história da comunidade ao longo de décadas.

O Manual de Aplicação é uma técnica que orienta a construção do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC, 2000), considerado um instrumento indispensável para a

¹ Uso neste relatório a Renda de Bilro em maiúsculo sempre que me referir à Renda de Ilha Grande.

realização de registros do patrimônio cultural de natureza imaterial. Uma técnica de investigação e documentação para o patrimônio cultural imaterial (1988, 2000; 2003), proposta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para inventariar. É um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se pretende conhecer melhor.

Os inventários estão na origem da constituição do campo da preservação do patrimônio no século XVIII no contexto da construção dos Estados Nacionais. Surgiram como modos de produzir um novo saber, por meio da coleta e sistematização de informações obedecendo a determinado padrão e repertório de dados passíveis de análises e classificações, e se constituem até hoje como instrumentos de identificação, valorização e proteção dos bens como patrimônio cultural. Nesse sentido, na trajetória das práticas de preservação, o conceito de inventário deve ser considerado chave, pois sempre remeterá à própria conceituação do que seja o patrimônio cultural. (MOTTA; REZENDE, 2016, p. 1)

Na construção de inventários é fundamental a participação ativa dos detentores dos patrimônios, pois são eles que recebem e transmitem ao longo das gerações ofícios e modos de saber-fazer, celebrações, formas de expressão, conhecem o lugar, as memórias e histórias da comunidade. São portadores de herança ancestral, transmitida de forma oral, fruto da cultura local, patrimônio cultural intangível do território.

O inventário do patrimônio cultural deve ser explorado de acordo com os objetivos que se deseja alcançar. Varine (2013) aponta que existem métodos e técnicas e destaca dentre elas: o Inventário Tecnocrático, realizado por agentes públicos; o Inventário Científico, realizado pelos profissionais da cultura; e o Inventário Participativo, realizado com a efetiva participação da comunidade, dos detentores dos patrimônios.

Optamos por realizar um Inventário Participativo (IP), construir com a comunidade das rendeiras, que definiu o que consideram patrimônio. Fomos mediadores nesse processo, compartilhando saberes, pesquisadoras e detentoras dos bens culturais.

Figura 2 – Rodas de conversas e memórias.



Fonte: Cássia Moura, 2021. Casa das Rendeiras, Ilha Grande

Para Varine (2013), o IP trata de escutar os habitantes sobre o que eles consideram patrimônio de sua comunidade, bem como, fornecer o maior número de informações sobre o assunto. Afirma que é preciso constituir a base de um *corpus* patrimonial, que será o alicerce da pesquisa, para somente em seguida, ser enriquecido por pesquisas científicas, históricas ou administrativas mais aprofundadas.

Varine (2013) relata na sua experiência em trabalhos com o patrimônio, que a base da constituição do IP se dá com a mobilização da comunidade, considera o método mais eficaz para a proteção do patrimônio e para a sua introdução nas estratégias de desenvolvimento local.

O inventário participativo é um ideal dificilmente acessível em virtude do caráter pouco democrático da maior parte dos regimes nacionais e locais da atualidade. Suscita o ceticismo (para não dizer oposição) dos cientistas ou dos administradores. É lento. Entretanto, pode ter um caráter evolutivo (VARINE, 2013, p. 56-57).

Para este trabalho, elegemos a pesquisa aplicada com base no campo de estudos e intervenções do patrimônio cultural imaterial e museologia de inovação social reconhecendo a diversidade cultural dos diferentes grupos sociais, especialmente da comunidade de rendeiras dos Morros da Mariana, com o fito de contribuir para a salvaguarda do rico patrimônio associado ao ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro de Ilha Grande, construindo, assim, um Inventário Participativo como nos orienta (VARINE, 2013).

1.1 Estudo do Contexto

Como território de estudos e intervenções, escolhemos a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba, unidade de conservação administrada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), criada pelo Decreto n.º de 28.08.1996 por solicitação de ambientalistas. Tem como missão proteger o ecossistema costeiro formado por mangues e dunas localizadas nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará. Garantir a proteção dos deltas dos rios Parnaíba, Timonha e Ubatuba, com fauna, flora e fluxo dunar, remanescentes de mata aluvial e dos recursos hídricos, a fim de melhorar a qualidade de vida das populações ribeirinhas e praias no que se refere ao uso sustentável do território. A Portaria nº 827 de agosto de 2020 publicou o Plano de Manejo da APA Delta do Parnaíba, após 24 anos de sua implantação.

Figura 3. Mangues e Igarapé no Delta do Rio Parnaíba



Fonte. Áurea Pinheiro, 2021

É uma importante área da zona costeira brasileira por formar o único delta em mar aberto das Américas, com mais de 75 ilhas, sendo um santuário de reprodução de diversas espécies de peixes, caranguejos, lagostas e camarões. A unidade protege também estuários onde se reproduz o peixe-boi marinho (ICMBio, 2019).

Mapa 1. Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba - APA



Fonte: <http://bioteia.com.br/apadelta/cadernos-orientadores/>

O município de Ilha Grande está inserido na APA, situado a 6 km ao norte-oeste de Parnaíba, a maior cidade dos arredores. Estende-se por 134,3km² e contava com 9.457 habitantes (IBGE, 2010). A densidade demográfica é de 66,36 habitantes por km² no território, vizinho dos municípios de Parnaíba no Piauí e de Araioses e Água Doce no Maranhão (CIDADE-BRASIL, 2020).

Até o ano de 1994, o município pertencia a Parnaíba, sendo desmembrado por lei estadual nº 4680, de 20/01/1994, passando a ser distrito de Ilha Grande, antes povoado de Morros da Mariana, que em termos políticos-administrativos Ilha Grande tem em seu território o Porto dos Tatus, ponto turístico de partida para o Delta do Parnaíba.

O principal meio de transporte de Ilha Grande - Parnaíba - Ilha Grande é a Van (transporte tipo Microônibus), mas há também muita circulação de bicicletas e motos. Saindo de Parnaíba em direção à Ilha Grande passa-se pela ponte Simplício Dias, sobre o rio Igarçu, à margem do rio, à esquerda, há o Porto das Barcas, parte do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba tombado pelo IPHAN em 2008. Atravessando a ponte há uma estrada que segue para Ilha Grande e vários outros vilarejos.

A atual Ilha Grande foi povoada no ano de 1692, inicialmente, por dona Mariana Alexandrino Viana e sua família, próximo às margens de um Igarapé afluente do rio Igarçu. Havia vários morros que podiam ser vistos de longe, o que provavelmente fora associado ao nome da primeira moradora. Era denominado Morros da Mariana até a sua emancipação em 1994, passando a se chamar Ilha Grande (MENESES, 2009).

Sabe-se que a região da costa litorânea do Piauí foi habitada inicialmente por povos originários, há ainda poucos trabalhos de pesquisa sobre esse assunto (BORGES, 2006; 2010).

O povoamento do território teria iniciado com a dizimação dos povos originários com a colonização no século XVIII. Dias (2008) fez uma análise em torno do povoamento no Piauí, destacando que o povoamento colonial provocou o despovoamento do nativo, levando a destruição de um povo e substituindo por uma sociedade colonial escravista.

Para Borges (2006), os povos originários da costa norte brasileira, que aparecem nos primeiros documentos históricos como “tapuias”, povos não falantes da língua tupi. Ao longo do século XVII, no litoral norte, desde a costa leste do Maranhão e litoral piauiense, incluindo as fronteiras das capitanias do Ceará e Rio Grande do Norte, teria sido ocupada pelos Tremembés, representados em vários mapas, a exemplo o do cartógrafo português, Albernaz I, do ano de 1629, o qual atribuiu aos “Taramembes de Guerra” a “Província” que iria da região de Jericoacoara, Ceará, até para além do rio Parnaíba, Piauí (BORGES, 2006).

Os Tremembés sempre estiveram associados à costa norte. Durante o século XVII alguns padres tentaram catequizá-los, sem sucesso. Foram várias vezes referidos como índios pescadores, chegando a ser descritos em uma Consulta do Conselho Ultramarino, de nove de dezembro de 1722, como “Peixes Racionais” (BORGES, 2010, p. 254), devido a sua destreza no nado e mergulho. Só foram aldeados no início do século XVIII, no Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição de Almofala (hoje município de Itarema, no estado do Ceará). (BORGES; VILELA e SILVA, 2016, p. 184)

Ilha Grande tem sua história marcada pela economia da pecuária, com grandes fazendas de gado de famílias tradicionais de Parnaíba, que exploraram essa atividade na comunidade. Segundo (ALMEIDA, 2014), deu-se também o cultivo da cana-de-açúcar para a produção de rapadura e de aguardente, mas a atividade não prosperou e os engenhos foram desativados. Os moradores cultivavam agricultura de subsistência como o arroz, milho e feijão, além da criação de pequenos animais.

Conforme Silva Filho, (2002) citado por Almeida, (2014), a partir de 1840 iniciou o plantio de arroz, porém, em face da dificuldade de escoamento da safra por falta de estradas vicinais², a atividade não prosperou. Atualmente, a comunidade de Ilha Grande vive em meio à atividade turística, membros da comunidade migram do seu modo de vida tradicional para seguir na atividade do turismo. A economia do município tem como base a pesca artesanal,

² Tipos de vias secundárias ou estradas de terra. O termo vem do latim *Vicinalis*, termo significa “Aquela que faz a ligação entre dois lugares, localidades ou povoações próximas”. Disponível em: <https://inbec.com.br/blog/o-que-sao-estradas-vicinais-qual-sua-importancia> . Acesso em: 14/08/2021.

cata de caranguejo, mariscos, artesanato de palha de carnaúba, Renda de Bilro, agropecuária, empregos públicos e pequeno comércio local.

É nesse contexto sociocultural da APA Delta do Parnaíba que construímos um IP do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro dos Morros da Mariana. As rendeiras que participaram deste IP são filhas, mães, avós ou esposas de pescadores, de lavradores que resistem às adversidades ao longo de décadas. Até os anos noventa do século XX havia pouca visibilidade deste ofício, dos modos de saber-fazer da Renda de Bilro. Depois de anos de trabalho, em 1992, as artesãs conseguiram se organizar em uma associação, com sede em uma pequena casa na entrada do município, local onde trabalham e comercializam as rendas. São várias gerações a usarem os mesmos moldes. Nos últimos dez anos, recebem consultorias para novos desenhos e moldes, portanto, a inserção do *design* de moda nos modos de saber-fazer.

Figura 4. Sede Casa das Rendeiras



Fonte. Marinete Vasconcelos, 2021

A Casa das Rendeiras, sede da Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana, é ponto turístico de Ilha Grande. Ganhou visibilidade após receber oficinas de produção e intervenção do *design* de produção e moda, com o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). As artesãs foram contempladas duas vezes com o Prêmio Top 100 de Artesanato do SEBRAE Nacional. Receberam oficinas com *designers* e outros profissionais, como do estilista Walter Rodrigues, que resultou em uma participação na São Paulo *Fashion Week* em 2001.

Apesar de ter alcançado alguma visibilidade com os projetos que foram desenvolvidos desde 1990, há necessidade de proposição de um plano de salvaguarda do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro dos Morros da Mariana, expressão cultural e elemento identitário da comunidade.

Figura 5. Ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, Ilha Grande, Piauí



Fonte. Cássia Moura, Casa das Rendeiras, 2021

Como parte das ações de pesquisa, documentação, salvaguarda e comunicação dos patrimônios cultural e natural na APA Delta do Parnaíba, desenvolvidas pelo PPGAPM / UFPI / UFDPAr para esta investigação, adentramos o território para conhecer e nos aproximar das comunidades e propor soluções de problemas, o que inclui o registro e salvaguarda do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro.

1.1 Pergunta de partida

Como um Inventário Participativo do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro dos Morros da Mariana pode contribuir para a salvaguarda deste patrimônio cultural de natureza imaterial?

1.2 Hipótese

A construção coletiva e participativa de um inventário do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro de Morros da Mariana contribuirá para a salvaguarda do rico patrimônio cultural de natureza imaterial.

1.3 Problema

A comunidade da cidade de Ilha Grande, situada a 6km ao norte da cidade de Parnaíba, é detentora de um rico artesanato feito por mulheres de pescadores e lavradores da referida Ilha. O ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro dos Morros da Mariana é conhecido por sua singularidade e tradição dos rendados, revela a expressão cultural das mulheres detentoras de um patrimônio ancestral.

Por se tratar de um bem facilmente imitado por grandes indústrias nacionais e internacionais e em face da globalização, ofício e modos de saber-fazer está ameaçado. Outro ponto que deve ser considerado é o número reduzido de artesãs que seguem na atividade e o pouco interesse de pessoas mais jovens em continuar o ofício, o que ocasionará, dentre outros fatores, a perda das memórias e histórias desse modo de ser e viver da Renda de Bilro.

1.4 Público participante

O público participante desta pesquisa foram as rendeiras da Casa das Rendeiras de Ilha Grande, artesãs detentoras do ofício e modos de saber-fazer associado à Renda de Bilro, patrimônio cultural da comunidade. Trabalhamos com as mulheres da Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana, a associação que acolhe uma quantidade significativa de rendeiras que exercem esse ofício, que compartilharam conosco suas vivências e experiências no cotidiano de seu ofício.

Iniciamos a pesquisa com sete mulheres rendeiras e ao longo dos estudos e intervenções buscamos envolver o maior número de interessadas em participar deste estudo. No decorrer da pesquisa mais duas rendeiras concordaram em participar do trabalho. As participantes têm faixa etária entre 17 e 67 anos, como informa o quadro 1.

Quadro 1. Mulheres referência da pesquisa

Nº	MULHERES-REFERÊNCIA	Rendeira	IDADE
01	Francisca da Cunha Vieira	único ofício	47
02	Maria Helena Castelo Branco Costa	aposentada e rendeira	60
03	Luzia Sá da Silva	pedagoga e rendeira	61
04	Edinalva Maria Alves	único ofício	47
05	Socorro Freitas dos Santos	único ofício	58
06	Clarisse Carvalho dos Santos Souza	único ofício	32
07	Tarsila Inocência Santos	estudante e rendeira	17
08	Maria do Socorro Reis Galeno	aposentada e rendeira	67
09	Ana Paula da Silva Sousa	único ofício	31

Fonte: Marinete Vasconcelos (2021).

1.5 Objetivos

1.5.1 Geral:

- Construir um inventário participativo e um plano de salvaguarda do ofício de modos de saber-fazer da Renda de Bilro dos Morros da Mariana.

1.5.2 Específicos:

- Realizar pesquisa em fontes diversas, impressas e digitais;
- Apresentar uma proposta de inventário participativo para as rendeiras da Casa das Rendeiras de Ilha Grande;
- Realizar rodas de conversa e de memórias e entrevistas com as rendeiras;
- Produzir registros sonoros, fotográficos, audiovisuais;
- Produzir um documentário etnográfico de 13 minutos;
- Construir um Plano de Salvaguarda.

1.6 Parceiros

- Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana (ARMM);
- Prefeitura Municipal de Ilha Grande;
- Câmara Municipal de Ilha Grande;
- Universidade Federal do Piauí (UFPI);
- Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)
- Programa de Pós-graduação; Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM).

1.7 Justificativa

A construção deste trabalho se justifica pela importância cultural do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro para a comunidade de mulheres rendeiras e suas famílias em Ilha Grande; pela inexistência de um inventário participativo desse rico e complexo patrimônio cultural, que nos motiva construir pesquisa, documentação, uma proposta de salvaguarda e comunicação deste patrimônio cultural. Destacamos a importância da economia do patrimônio para o conhecimento e reconhecimento das comunidades que detêm modos de ser e existir ancestrais, que permitem a convivência entre gerações, o que possibilita sentimentos de pertença e solidariedade, mas, igualmente, a geração de emprego e renda.

Na condição de *designer* de moda, com habilidades manuais que aprendi ao longo de gerações no interior de minha família, estudar a Renda de Bilro na condição de pesquisadora e profissional no campo do vestuário e moda, foi uma oportunidade de atribuir sentidos e significados às memórias individuais e coletivas de minha ancestralidade e das mulheres rendeiras dos Morros da Mariana. Ofício e modos de saber-fazer, como a Renda de Bilro, que conheci com minha avó materna e minha mãe no sertão do Piauí. Foram muitos os sentimentos que me motivaram na condição de estudiosa do patrimônio e da museologia. Minha avó e minha mãe faziam renda não como uma atividade econômica, mas como um saber-fazer doméstico. Lembro das roupas da minha avó com bicos de mor, camisolas, anáguas e outras peças de seu vestuário. Carrego essa herança ancestral, o gosto pelos

trabalhos manuais e artesanais, que me motivaram ao longo deste estudo e intervenção, me permitiram trabalhar as minhas próprias memórias.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na pesquisa foi percebida a importância de uma museologia social, ativa, crítica, com o envolvimento direto das comunidades nos territórios, populações, que guardam modos de ser e estar no mundo dos ancestrais e que os ressignificam dia após dia. Tivemos contato com uma literatura vasta sobre esses temas, dentre as quais o caderno orientador *Educação Patrimonial: inventários Participativos* (IPHAN 2016), material indispensável para a construção de inventários desta natureza, adaptado do Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), uma técnica elaborada pelo antropólogo Antonio Arantes contratado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); além de outras referências que nos serviram para a construção, elaboração deste trabalho.

2.1 Renda de Bilro: origem e história

A Renda de Bilro é uma das mais ricas manifestações culturais por possuir rara beleza e singularidade, para seu o feitiço é necessário criatividade e habilidade na manipulação dos bilros. É transmitida oralmente de geração em geração, que desde muito cedo despertam o interesse em aprender o ofício e modos de saber-fazer com características genuínas em cada localidade onde é encontrada.

Para descrever a Renda de Bilro, Fleury (2002) citado por Poeta (2014, p. 21), explica que “[...] é algo mais que uma estrutura têxtil descontínua, feita manual ou mecanicamente com fins artísticos ou decorativos, é vista como genuína somente a renda feita à mão, com agulhas ou bilros”.

Acredita-se que as primeiras manifestações de renda tenham surgido a partir de trabalhos primitivos onde havia o entrelaçamento de fibras e fios para formar os tecidos. O tempo passou e surgiram trabalhos manuais mais complexos, como os bordados, nos quais se utilizam tecidos. Já a renda é feita sem a necessidade de uma base, mas pelo entrecruzamento

de linhas sobre o molde, ou piques, papelão que é fixado na almofada, e com o manuseio do artefato principal: o bilro.

Os registros escritos sobre o ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro são escassos e não se consegue afirmar com precisão a sua origem, porém, acredita-se que Portugal teria recebido de Flandres (Bélgica), França e Itália (ALMEIDA, 2014).

Há um consenso entre a maioria dos pesquisadores sobre o surgimento da Renda de Bilro no Brasil. Defendem que a sua chegada no País está ligada aos portugueses durante a colonização. As mulheres que acompanhavam seus maridos trouxeram consigo esse saber-fazer que se tornou uma atividade de subsistência no litoral brasileiro. Segundo Luz (2016, p.19), “[...] os portugueses trouxeram a renda para enfeitar trajes da igreja, além de toalhas, lençóis, cortinas e peças do vestuário da nobreza”.

Ilha Grande se tornou um importante centro de produção da Renda de Bilro, procurada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento como, por exemplo: Turismo, Moda, Antropologia, Educação, Artes, com o intuito de analisar a relação entre a técnica artesanal à sua área de conhecimento, uma vez que o produto artesanal é carregado de significados da cultura de quem o produz.

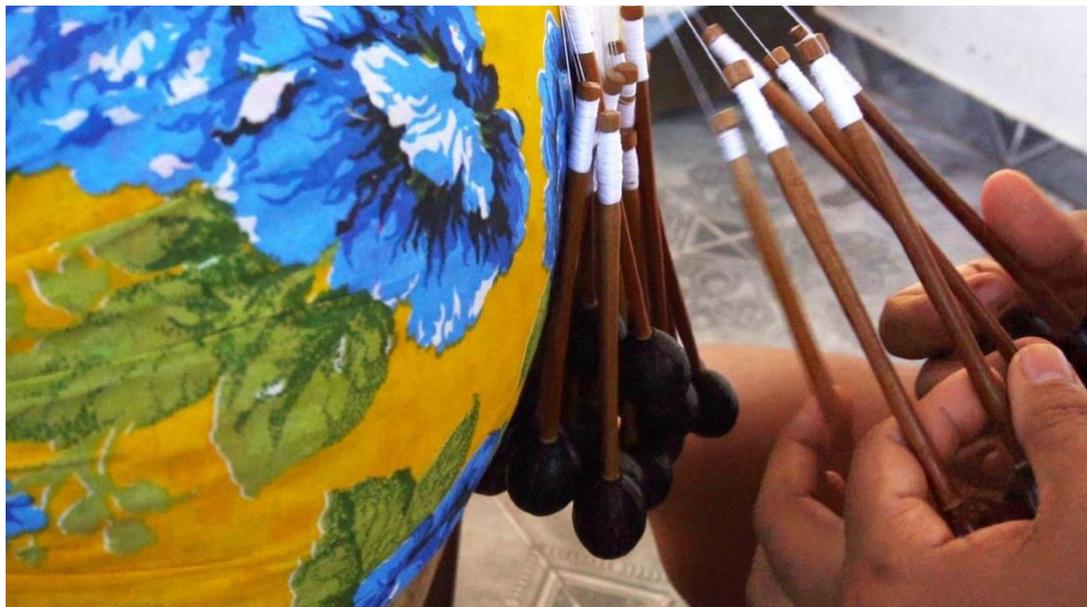
O trabalho artesanal nas comunidades é herança cultural, aprendido no convívio social entre gerações, importante para a manutenção das tradições culturais, auxiliando na formação da identidade cultural dos seus sujeitos. O artesanato traz consigo valores culturais importantes, se integra como importante atividade econômica geradora de renda nas comunidades. De acordo com Leite (2016, p.72) “[...] o artesanato e os saberes artesanais tornam-se atuais face às necessidades e dificuldades econômicas e pessoais, que fazem renascer as formas de economia doméstica”.

Na revisão dos princípios sobre Ecomuseus, o artesanato tem sua função em face às dificuldades econômicas e de garantir sua continuidade. Ainda de acordo com Leite (2016, p.72) “[...] o ecomuseu pode relançar os processos de reutilização dos saberes, associando-os à inovação tecnológica, à formação que pode abrir caminho a novas ocupações artesanais e a uma profissionalização criativa, graças a um pacto entre gerações”.

Adentramos à comunidade de rendeiras em Ilha Grande para compreender sobre o ofício e modos de saber-fazer, materiais e artefatos usados na renda, entender o processo de tessitura da própria Renda de Bilro, e fazer um diagnóstico desse rico patrimônio cultural de natureza imaterial.

Os artefatos usados são criados pelas próprias artesãs ou por seus companheiros: almofada, suporte ou grade, bilro, molde ou papelão, linha e alfinete. A almofada é confeccionada em tecido, em geral chita estampada - tecido de algodão, antigamente de pouca qualidade, com estampas de cores fortes. Possui formato cilíndrico e para o enchimento são usadas palhas secas de arroz ou de bananeira. O papelão com o desenho, também chamado de molde, a ser rendado é preso com alfinetes no corpo da almofada. Há o suporte/grade feitos em madeira, que apoia a almofada enquanto a rendeira tece a renda, serve para deixá-la suspensa evitando que fique no chão quando não está em uso. Os bilros são feitos dos frutos da palmeira tucum - árvore predominante na região - com uma haste de madeira bem leve onde é enrolada a linha.

Figura 6. Almofada e bilros. Casa das Rendeiras, Ilha Grande, Piauí



Fonte: Cassia Moura, 2021

No início da produção de rendas, usava-se para prender os pontos o espinho de mandacaru – planta do gênero de cacto nativa do Brasil – este foi substituído pelo alfinete por ser de uso mais fácil. Para a confecção da almofada usam sacos vazios ou aproveitam tecidos de rede de dormir. Percebe-se um avanço tecnológico nos artefatos na contemporaneidade.

Figura 7. Almofada com o molde e os bilros tecendo a renda



Fonte: Cássia Moura, 2021

De acordo com Meneses (2006) conforme citado por Almeida (2018, p.28) é possível que o surgimento da Renda de Bilro no Morros da Mariana esteja relacionado à Dona Mariana, considerada a primeira moradora dos Morros, o que justificaria o nome da localidade “Morros da Mariana”. Da mesma forma que surgiu em outros Estados do Brasil, a renda nos Morros teria sido introduzida por mulheres portuguesas, que trouxeram esse saber-fazer de Portugal no período colonial e espalharam pelo litoral e sertão nordestino.

A Renda de Bilros em Morros da Mariana (ALMEIDA, 2018) teria sido trazida por Dona Mariana, presume-se que foi passando a outras mulheres, atravessando a história de muitas gerações, faz parte do cotidiano de mulheres que conservam o ofício e dão sentido às memórias e histórias da comunidade.

Meneses (2009) observou em sua pesquisa a ausência de registros sobre a história das rendeiras, como também a falta de registros sobre a cultura local, ao tempo em que afirma que a história do ofício e modos de saber-fazer renda se confunde com a história da cidade. A pesquisadora chama atenção para um aspecto: a importância da pesquisa acerca do tema para a população local. Embora vários pesquisadores tenham estudado a Renda de Bilro, não foi possível identificar a sua origem, não há dados históricos.

Segundo Mme. Marguerite Du Berry, é difícil determinar a origem das rendas de bilros: em que época? Em que país vemos aparecer pela primeira vez as rendas? A essa pergunta nenhum dado histórico permite responder com rigor. [...] pelo conjunto se pode fixa a aparição da renda pelo século XV. (1907, p. 17 *apud* Meneses, 2009, p.128).

Em alguns países da Europa é possível encontrar a Renda de Bilro, como na Itália, Bélgica, Holanda e França, mas não se confirma o surgimento em nenhum dos países citados. Segundo (GIRÃO, 1984) citado por (MENESES, 2009), a renda parece ter surgido como derivado de amarrações (nós), espécie de arremate feito nas extremidades dos tecidos com o propósito de protegê-los. A fim de não desfiarem nas pontas, faziam-se amarrações que deram origem ao macramê e ao filé³. Posteriormente, a renda teria surgido, já com um fim decorativo, feita separado do tecido, isto é, sem necessidade de uma estrutura preexistente para sustentá-la.

Na Europa, também não é possível datar com precisão o surgimento das rendas, porém são consideradas um produto cultural. A iconografia da época revela que começaram a produzir renda ao final do século XV e início do século XVI. De acordo com Câmara Cascudo (1993) conforme citado por Almeida (2014), as rendas do Brasil vieram de Portugal, que teria recebido de Flandres (Bélgica), França e Itália:

[...] centros já notáveis desde meados e fins do século XV. No século XVII já era visto nas gravuras do Brasil holandês, enfeitando os trajes femininos e masculinos. O gosto pelas rendas está em todas as classes sociais. Ricas ou pobres, as mãos das moças brasileiras continuam tecendo os fios e criando beleza (CASCUDO,1993, p. 583 *apud* ALMEIDA, 2014).

No Brasil, é possível encontrar a Renda de Bilro nos Estados do Piauí, Ceará, Maranhão, Amazonas, Rio de Janeiro e região sul de Santa Catarina. O vizinho Estado do Ceará tem a tradição de fazer rendas, supõe-se que desde a mesma época do Piauí, sendo encontrada mais facilmente no litoral, nas comunidades de pescadores artesanais.

Acredito que a realização deste IP ampliará a afirmação do ofício e modos de saber-fazer renda como referência cultural, contribuirá para o registro, conhecimento e salvaguarda

³ O macramê é uma técnica artesanal iniciada por tecelões turcos em aproximadamente XIII d.C. e posteriormente perpassou vários povos e gerações, mantendo-se viva como cultura e artesanato até hoje (CARDOSO, 2017, citado por BORGIANI & BANDIM, 2018). Renda Filé [...] para a elaboração do filé, a primeira coisa a ser feita é a malha ou rede normalmente confeccionada por outra pessoa, em geral um pescador, pois a trama é a mesma da rede de pescar (FUNARTE, 1986, citado por MATSUSAKI, 2016).

de uma tradição da comunidade, essencial para o trabalho da memória, a ser conhecida por gerações presentes e futuras.

Um dos objetivos do Inventário é fazer com que os grupos e gerações se conheçam e compreendam uns aos outros, a importância do patrimônio herdado, neste caso, um ofício e modos de saber-fazer que atravessa gerações. Para este estudo usamos a pesquisa de natureza ação, associada a outros métodos e técnicas que se complementaram para a realização do IP, como a história oral e a etnografia, com a finalidade de compartilhar e conectar saberes no trabalho produzido pelas rendeiras, artefatos usados para o fabrico da renda.

Acredita-se que é uma forma fazer soar mais forte a voz das pessoas, além de tornar conhecido o ofício e modos de saber-fazer ancestral, para conhecimento, promoção, visibilidade e valorização da Renda de Bilro, que se configura como uma importante referência cultural local.

De acordo com Thiollent (2011, p. 18), “[...] a pesquisa ação ou pesquisa participante nasce da necessidade de conhecer e estudar os problemas da população envolvida”. Dentre outras características, a pesquisa ação está alicerçada nos fundamentos da museologia social, que nos permite o envolvimento com a comunidade.

A participação da comunidade foi fundamental para a realização deste trabalho, são as rendeiras que sabem dizer sobre seu patrimônio cultural, não o pesquisador. Na sua experiência como consultor, Hugues de Varine, nos ensina que “[...] o patrimônio é a base de toda proposta de desenvolvimento”, explica: “[...] meu método favorito consiste em tomar conhecimento de uma região, percorrendo-a a pé, com os habitantes, que utilizo como uma espécie de guias, e fazendo-lhes falar de seu patrimônio” (VARINE, 2013, p.35).

Figura 8. Trabalho na Casa das Rendeiras



Fonte: Cássia Moura, 2021

2.2 A Renda de Bilro de Ilha Grande, Piauí

Como parte da pesquisa histórico-bibliográfica, identifiquei artigos científicos, teses, dissertações, projetos e relatórios elaborados por instituições públicas, privadas e sociais. Compreendemos uma parte das histórias de vida das mulheres rendeiras, antes mesmo da criação da ARMM, bem como o estágio atual da vida e trabalho na Casa das Rendeiras. Procuramos descrever e sistematizar os trabalhos acadêmicos e projetos envolvendo essas mulheres.

As artesãs e rendeiras são partes significativas da história da comunidade, as rendas que tecem desde muito jovens constroem a afirmação do ofício e modos de saber-fazer. A comunidade conhecida por Morros da Mariana se destaca no cenário local, regional e nacional pela beleza e delicadeza da Renda de Bilro, elemento de identidade cultural da Ilha.

O ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro é transmitido pela oralidade, de geração em geração, constituindo-se como patrimônio cultural imaterial (UNESCO, 2013;

Decreto 3.555-1/200), transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, interação com a natureza e história, gerando um sentimento de identidade e continuidade.

Nosso primeiro contato com as rendeiras de Ilha Grande foi em janeiro de 2020, com o intuito de nos aproximar das mulheres que fazem parte da Casa das Rendeiras, o que possibilitou vivenciar o cotidiano das mulheres, a movimentação de turistas visitando a Casa, o toque dos bilros, que é música para quem escuta e que nutriu ainda mais o desejo de inventariar esta tradição.

Figura 9. Ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, Ilha Grande, Piauí



Fonte: Cássia Moura, Casa das Rendeiras, 2021

Começamos as atividades de pesquisa de campo foram em fevereiro de 2021, iniciamos com uma conversa informal com as rendeiras na Casa das Rendeiras para nos aproximar e ter a confiança das rendeiras, para que conhecessem e se interessassem em participar da construção do Inventário e de um Plano de Salvaguarda, conhecer e sistematizar os trabalhos que já foram realizados por outros pesquisadores e *designers*.

Na revisão de literatura sobre as rendeiras de Ilha Grande percebemos a importância para a história local, tendo em vista a escassez de escritos sobre o lugar. Conforme Meneses (2009), a história do ofício e modos de saber-fazer se confunde com a história da própria Ilha. Explica que não localizou quaisquer registros sobre a história das rendeiras, o que denota

escassez de fontes escritas sobre a história das pessoas que viveram e povoaram um território importante do litoral do Piauí.

Antes de estarem organizadas em associação, as rendeiras desenvolviam seus trabalhos nas próprias casas, nas calçadas sob a sombra das árvores, o que dificultava a comercialização/divulgação. Com a criação da Associação, foi realizado um projeto em parceria com o Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE), Piauí, de capacitação “*in loco*”, coordenado pelo estilista Walter Rodrigues, que promoveu as rendeiras e seu ofício, permitindo que participassem da maior Semana de Moda do Brasil, a mais importante da América Latina, São Paulo *Fashion Week*. Tratou-se de um projeto com intervenção do *designer* para o desenvolvimento de novos desenhos e coleções, além da visibilidade alcançada em nível nacional.

[As rendeiras dos Morros da Mariana se orgulham de seu ofício, contam já terem vestido personalidades famosas com suas rendas, como a Senhora Marisa Letícia \(primeira-dama do Brasil, Governo Lula\), Fernanda Lima \(atriz\), Sofia Raia \(filha da atriz Cláudia\) .](#)

Em entrevista concedida pela Senhora Socorro Galeno, atual presidente da Associação das Rendeiras, nos informa da trajetória dessas mulheres e dos benefícios alcançados por aquele Projeto:

Quando eu me entendi aqui no Morro da Mariana era só renda e bico em metro, depois a gente começou a fazer pala, depois pano de bandeja, depois aplicações de vários tamanhos e de vários tipos, depois começamos na moda né, foi quando a gente foi ao São Paulo *Fashion Week* e tal, começamos na moda a fazer blusa, vestido, saia, e depois começamos com colar, brinco, e hoje a gente faz tudo né, é bem interessante. (Entrevista concedida pela Senhora Socorro Galeno à Marinete Vasconcelos, na Casa das Rendeiras em Ilha Grande, em 24 de fevereiro de 2021)

Perguntamos à rendeira sobre a produção das rendas e como vendiam antes de estarem vinculadas à ARMM, com um local para trabalharem:

Quando foi para fazer esta Casa, a gente antes trabalhava em casa [...] aí era difícil para as pessoas [...] sempre a gente vendeu renda, as pessoas vinham comprar aqui no Morro da Mariana sempre teve as rendas, a gente trabalhava em casa debaixo das árvores, se juntava um grupinho debaixo das árvores e quando as pessoas chegavam para comprar era muito difícil, que ia na casa de fulana, de sicrana, ver o que tinha e o que não tinha, aí a Jacqueline [técnica de artesanato do Governo do Estado do Piauí] começou a aparecer por aqui já no PROMOART [Programa de Promoção do Artesanato de Tradição - Governo do Estado do Piauí] e o PRODART [Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Piauí, vinculado ao à Prefeitura Municipal de Teresina] com a Dona Carlota Freitas esposa do Governador do Piauí - Freitas Neto – elas gostavam muito de renda – e por lá fizeram essa parceria, fizeram uns projetos para dar umas casas de artesanato e incluíram nós, vieram aqui e fizeram uma reunião [...] onde vamos fazer a Casa das Rendeiras? Se juntarmos todas as rendeiras, perguntaram se a gente queria a Casa, a gente, claro que nós queremos,

e aí foi escolhido esse lugar exatamente para pegar a passagem de quem vai para o Delta e tal, [...]”. (Entrevista concedida pela Senhora Socorro Galeno à Marinete Vasconcelos, na Casa das Rendeiras em Ilha Grande, em 24 de fevereiro de 2021)

Os Programas citados potencializaram o artesanato, foram responsáveis por capacitar, fortalecer e difundir o ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro dos Morros da Mariana, capacitação e incentivou as rendeiras a se organizarem em uma associação.

Nos anos 1990, o Governo do Estado do Piauí, com o PROMOART realizou projetos de capacitação, mobilização e associativismo com o apoio do SEBRAE. Dentre as ações realizadas, foi concedido o terreno e construída a Casa das Rendeiras com recursos do Governo do Estado do Piauí. A RMM foi criada juridicamente em 1993 (POETA, 2014).

Com o apoio de Jacqueline Melo, coordenadora do PRODART, a senhora Socorro conseguiu reunir as rendeiras, que passaram a trabalhar juntas, formando um pequeno grupo (umas 4 rendeiras); em seguida, formalizaram a Associação (1993, mas a mobilização iniciou ainda em 1990). O Governo do Estado concedeu o terreno e recursos para a construção da Casa das Rendeiras, e o SEBRAE prestou assessoria técnica para formalizar a Associação. A senhora Socorro relembra essa conquista:

[...] era só o terreno, aí fizeram uma casinha muito pequena, só uma portinha, nem janela não tinha, só aqueles cobogós e tal, e aí deram para nós de papel passado, tudo direitinho para Casa das Rendeiras [...] a gente quando começou a trabalhar aqui a gente até estranhou assim, nossa, vamos sair da nossa casa, aí a primeira vez que a gente veio achou tão esquisito, mas a gente acostumou, a gente sentava no chão, não tinha cadeira, não tinha nada, começou assim. (Entrevista concedida pela senhora Socorro Galeno à Marinete Vasconcelos, na Casa das Rendeiras em Ilha Grande em 24 de fevereiro de 2021)

Perguntamos para a senhora Socorro como conseguiram reformar a Casa. A senhora fez um esforço para lembrar, depois de alguns segundos explicou:

Foi reformada três vezes [...] no tempo que o Walter veio aqui, aí deram uma reforminha, o prefeito [Dona Socorro se refere ao Prefeito de Ilha Grande na época], depois a gente fez, a Silvia Sasaoka [arquiteta e coordenadora do Projeto Moda e Artesanato] fez o Projeto com a Petrobras que foi a reforma da Casa [como está no estado atual], aí foi que foi remodelada a Casa, não me lembro mais qual foi o ano [o ano que Dona Socorro não conseguiu lembrar foi 2006]. (Entrevista concedida pela senhora Socorro Galeno à Marinete Vasconcelos, na Casa das Rendeiras em Ilha Grande em 24 de fevereiro de 2021).

Depois do Projeto financiado pela Petrobras, as rendeiras ficaram ao longo de uma década sem quaisquer assistências por parte dos órgãos públicos ou privados. Embora já tivessem um espaço para trabalharem, necessitavam de apoio, de capacitação técnica para seguirem no ofício e comercializarem seus produtos.

Os primeiros anos da Casa das Rendeiras foram de adaptação, algumas das mulheres não conseguiram permanecer no local, mesmo diante das dificuldades de terem visibilidade e venderem os produtos. Era preciso auxílio por parte do poder público ou da iniciativa privada. Durante a entrevista, a presidente relatou que a Casa quase fechou, ficando apenas a senhora Socorro e a senhora Fátima:

[...] as pessoas estavam desmotivadas e voltaram para suas casas porque não tinha quem comprasse as rendas [...] quando a Juliana [se refere a Juliana Campos, professora da UFPI] chegou aqui estava só eu e Dona Fátima, aí ela perguntou se podia conversar com a gente, eu disse sim, claro que pode, aí ela falou dessa parceria com o museu A CASA, fomos conversando, aí deu certo para trabalhar com eles [...]. (Entrevista concedida pela senhora Socorro Galeno à Marinete Vasconcelos, na Casa das Rendeiras em Ilha Grande em 24 de fevereiro de 2021).

Percebemos ao longo deste trabalho o esforço e delicadeza com que as rendeiras realizam seu ofício. Ao longo dos anos tem tido incentivo e reconhecimento por agentes públicos e sociais, mas não há uma política pública municipal e estadual que, de forma sistemática, permita a continuidade do ofício e modos de saber-fazer.

2.2.1 Projetos de *design*

O Projeto Moda e Artesanato, iniciado em 1999, pelo Museu a Casa do Objeto Brasileiro - A CASA, sob a coordenação da pesquisadora e professora da UFPI Juliana Campos, teve a missão de incentivar as rendeiras a fazerem uma parceria com o Museu. Dona Socorro e Juliana Campos incentivaram as rendeiras a participarem do Projeto, explicando as vantagens de trabalharem em parceria. O objetivo do Projeto era promover a comunidade, qualificando e divulgando o seu artesanato sem, no entanto, descaracterizá-lo.

A senhora Socorro relembra:

Eu estava de viagem para São Paulo para casa da minha filha, então a Juliana pediu que eu levasse as amostras das rendas que uma pessoa ia entrar em contato comigo [...] aí eu fui para São Paulo levando muitas rendas, aplicações e tal [...] uma pessoa me ligou, era a Suzana [produtora de moda que trabalha com Walter Rodrigues] [...] me arrumei e fui encontrar com ela, depois fomos no atelier do Walter [...] ele gostou muito das rendas e disse que vinha no Piauí na Casa das Rendeiras [...] passou uns meses e ele veio com a Suzana. (Entrevista concedida pela senhora Socorro Galeno a Marinete Vasconcelos, na Casa das Rendeiras em Ilha Grande em 24 de fevereiro de 2021)

De acordo com Peroba (2008, p.81), a escolha da comunidade para desenvolver um Projeto de reinserção do *design* no artesanato da comunidade de Ilha Grande foi feita por meio de dados obtidos através do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A curadora do projeto, Suzana Avellar, coletou dados sobre o alto índice de pobreza no Norte e Nordeste do Brasil, especificamente nos Estados do Pará e Piauí.

Partindo dessas informações, procuraram identificar comunidades de artesãos/ãs que tivessem perfil para o desenvolvimento do Projeto. Profissionais do Museu A CASA - do Objeto Brasileiro conseguiram identificar a comunidade das rendeiras em um catálogo do Programa Sebrae de Artesanato, no qual constava o trabalho das rendeiras. A partir daquele momento integraram as rendeiras ao Projeto e começaram as ações que foram desde a inserção do *design* no ofício e modos de saber-fazer a renda à difusão da arte popular (POETA, 2014).

As atividades desenvolvidas com as rendeiras foram responsáveis por proporcionar novas experiências como a utilização de cores diferentes de linhas para fazer as rendas, uma proposta de Juliana Campos. Seguindo o percurso dos trabalhos, houve o encontro das rendeiras com o estilista Walter Rodrigues, a quem elas se referem com gratidão e saudosismo.

Walter Rodrigues foi indicado pela coordenadora de projetos do Museu A CASA, naquela época, Silvia Sasaoka, pelo seu reconhecimento no mundo da moda, para ficar uma semana com as rendeiras e oferecer uma nova atração e novas funções para a Renda de Bilro, porém, conservando as mesmas características (POETA, 2014).

O trabalho do estilista foi fazê-las compreender as possibilidades de desenvolvimento de produtos de moda a partir de aplicações que já desenvolviam, aumentadas ou diminuídas e da junção delas, possibilitando às rendeiras desenvolverem um trabalho de equipe e, dessa forma, aumentar a produção. Outro ponto importante que as rendeiras destacam no trabalho de Walter Rodrigues foi a reprodução dos desenhos em xerox, que facilitou a interpretação e

execução dos pontos de renda, além disso, a possibilidade de várias pessoas estarem produzindo o mesmo tipo de aplicação. Outra proposta de Walter Rodrigues foi a inserção de novos tipos e cores de linha para a confecção das rendas, experiência bem sucedida que as mulheres continuam a utilizar em suas produções atuais.

Como consequência do Projeto anterior, surgiu um novo Projeto envolvendo as rendeiras dos Morros da Mariana, tendo mais uma vez Silvia Sasaoka à frente, dessa vez, como consultora do Artesanato Solidário (ARTESOL), visto que estava sempre em contato com as rendeiras, podendo mais uma vez potencializar, valorizar, promover esse rico patrimônio cultural da comunidade de Ilha Grande.

Iniciado em 2003, tratava-se do Projeto *Cultura e Renda: preservação e difusão da renda de bilro*, financiado pelo edital Petrobras Cultural em 2005. Tinha como propostas: a reforma da sede da Casa das Rendeiras, que foi uma solicitação das próprias mulheres; um intercâmbio, as mulheres viajaram para conhecer, pesquisar e trocar experiências com outras mulheres de regiões, onde há a Renda de Bilro. Viajaram para o vizinho Estado do Ceará, onde conheceram associações e centros de produção de Renda de Bilro, e para Santa Catarina, onde visitaram feiras, museus e exposições.

Como parte das ações desse projeto, Silvia Sasaoka convidou uma professora Holandesa da *Academy Eindhoven* e, juntas, passaram a acompanhar o trabalho das rendeiras para elaboração de outros produtos com *design* inovador a partir do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro. O Projeto deu continuidade ao *design* dos produtos que começaram no Projeto Moda e Artesanato, com duração de longo prazo. Três estudantes holandesas interessadas em renda de bilro passaram a morar na Casa das Rendeiras durante dois meses para estudarem a renda e para que as rendeiras pudessem experienciar o processo criativo no desenvolvimento de novos produtos (CULTURA, 2008).

As rendeiras reconheceram a importância do trabalho com as estudantes holandesas e relatam que depois conseguiram desenvolver mais produtos (colares, brincos, pulseiras, gargantilhas) com a proposta deixada pelas estudantes. Nota-se que houve uma ampliação do mercado depois das intervenções de *design* e inovação com outras cores de linhas. As rendeiras que antes não tinham para quem vender suas rendas, hoje trabalham arduamente para entregar as encomendas.

O Projeto revelou a importância do Patrimônio Cultural Imaterial e a afirmação de identidade cultural da comunidade com foco no ofício e modos de saber-fazer da Renda de

Bilro dos Morros da Mariana. Uma das propostas foi a criação de um museu e associação, um centro de referência da Renda de Bilro dos Morros da Mariana para divulgar os trabalhos, propostas que não se concretizaram e que foram indicadas pelas rendeiras no Plano de Salvaguarda que acompanha este trabalho.

O Programa Talentos do Brasil foi criado em 2005 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Tinha por objetivo estimular a troca de saber-fazer, valorizando a identidade cultural, promovendo a geração de emprego e renda e agregando valor à produção de grupos de artesãos rurais, além de apoiar a estruturação de grupos produtivos de forma sustentável, focado no mercado e na gestão participativa (POETA, 2014). A proposta do Programa foi selecionar grupos de artesãos do meio rural para se organizarem em cooperativas, para em seguida comercializarem seus produtos através da Cooperativa Nacional Marca Única - Cooperunica. Em 2009, a Associação das Rendeiras foi selecionada pelo Programa, recebeu a proposta para fazer parte dos grupos de artesãos.

O primeiro desafio proposto às rendeiras foi a produção de 10 peças de vestuário a serem desenvolvidas em Renda de Bilro com o acompanhamento de um *designer* para serem apresentadas em um Salão de Negócios que aconteceu no Rio de Janeiro. As rendeiras confeccionaram as peças, que foram produzidas e expostas no Salão de Negócios de Moda e *Design* Rio à Porter.

As Rendeiras não haviam assinado contrato e nesse ponto do projeto decidiram não aderir ao Programa Talentos do Brasil por entenderem que não teriam vantagens ao deixarem a ARMM para ingressarem em uma Cooperativa.

Tive acesso a trabalhos de pesquisa sobre as rendeiras de Ilha Grande, alguns se encontram impressos na Casa das Rendeiras, outros estão disponíveis na *internet*. Pontuamos eles no quadro abaixo:

Quadro 2. Trabalhos desenvolvidos com as rendeiras

ITEM	TÍTULO	CLASSIFICAÇÃO	ANO
01	Moda e Artesanato	projeto	1999
02	Cultura e Renda: preservação e difusão da renda de bilro	projeto	2003/2005
02	Rendeiras Professoras: o caso da Associação de Rendeiras dos Morros de Mariana – Piauí.	monografia/especialização	2006
03	No toque dos Bilros: a percepção das Rendeiras dos Morros de Mariana – Piauí sobre o Turismo	monografia/bacharel	2009
04	Quem te ensinou a fazer renda? A cultura dos Morros de Mariana – PI como influência na educação pela renda de bilros	dissertação/mestrado	2009
05	Morros da Mariana: um espaço rendado	livro	2011
06	Tecendo investigações sobre rendas: a troca dos bilros do Piauí	dissertação/mestrado	2014
07	As Rendeiras de Morros de Mariana: projetos de <i>design</i>	dissertação/mestrado	2014
08	O uso das rendas de bilro como elemento da identidade cultural para fomentar o turismo em Ilha Grande	artigo científico	2017
09	A vida das rendas de bilro em Ilha Grande – Piauí	tese/doutorado	2018
10	A contribuição do Design Social na preservação cultural das rendeiras de Morros de Mariana	artigo científico	2018

Fonte: Marinete Vasconcelos 2021.

1. Moda e Artesanato, 1999

O projeto *Moda e Artesanato* foi iniciado em 1999 em parceria com o Museu A CASA do Objeto Brasileiro, com o objetivo de promover a comunidade de rendeiras, qualificar e dar visibilidade ao artesanato sem, no entanto, descaracterizá-lo. O projeto culminou com a

parceria das rendeiras com o estilista Walter Rodrigues o que possibilitou experimentos no *design* dos produtos e importante para difundir a cultura da Renda de Bilro de Ilha Grande para o mundo.

2. Rendeiras professoras: o caso da Associação de Rendeiras dos Morros da Mariana – Piauí. 2006.

Através da pesquisa de Menezes (2006), foi observada capacidade de as rendeiras transmitirem de forma oral o ofício e os modos de saber-fazer. Foi percebida a habilidade educativa dessas rendeiras quando da transmissão das técnicas de produção da Renda de Bilro, bem como compreender a relação de ensino-aprendizagem no âmbito dos cursos oferecidos na Casa das Rendeiras ou fora deles. A pesquisadora observou as práticas educativas na transmissão das técnicas da produção da Renda de Bilro, acompanhou um curso que estava sendo ofertado na época da sua pesquisa, e procurou registrar a forma de ser professora das rendeiras.

A autora constatou que o ensino da Renda de Bilro é transmitido de modo semelhante à educação formal, por mulheres que se tornaram professoras após experienciar essa prática durante toda uma vida. Conclui que as mulheres constituem uma “teoria para o ensino da renda”, empiricamente, e sistematizam um conhecimento assim como se faz na ciência, mediante experimentação, observação, erros e acertos. Essa “teoria” não é baseada na escrita, mas na oralidade, assim como surgira a renda nos Morros da Mariana.

3. No toque dos Bilros: a percepção das Rendeiras dos Morros de Mariana – Piauí sobre o Turismo. 2009.

A autora buscou compreender a percepção das rendeiras sobre os impactos do turismo em relação às suas atividades.

O foco da pesquisa foi a “Casa das Rendeiras”, por estar localizada na via de acesso a um dos principais pontos turísticos piauienses: o Delta do Parnaíba. A pesquisadora constatou que o ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, em uma determinada época, quase deixou de existir e que um dos fatores que interferiu para que a tradição não morresse foi o turismo. Nas conclusões, defende que o turismo é para as rendeiras uma oportunidade de continuarem desenvolvendo uma atividade que lhes é prazerosa e que lhes confere orgulho.

4. Quem te ensinou a fazer renda? A cultura dos Morros de Mariana, Piauí, como influência na educação pela renda de bilros. Dissertação de mestrado, 2009.

A pesquisa de Meneses (2009) teve o intento de compreender a transmissão oral do ofício e saber-fazer da Renda de Bilro sob o prisma da educação. Analisou questões relacionadas à cultura local, povoamento do lugar, história da educação, contexto socioeconômico, modos de ser e viver em Ilha Grande. Pontuou aspectos da Renda de Bilro, história, arte/artesanato, qualidade, comercialização e novos usos do objeto. A pesquisa foi a continuidade de estudos da pesquisadora iniciados em 2006 em sua Especialização em Arte e Educação sob o título “Rendeiras professoras: o caso da Associação de Rendeiras dos Morros de Mariana – Piauí”, portanto, uma análise aprofundada sobre a transmissão oral do saber-fazer da Renda de Bilro nos Morros da Mariana.

5. Tecendo investigações sobre rendas: a troca dos bilros do Piauí. Dissertação de mestrado, 2014.

Almeida (2014) em seu estudo de cunho etnográfico apresentou as particularidades das relações das rendas e rendeiras na Casa das Rendeiras. Procurou descrever as principais relações entre rendas e rendeiras em uma abordagem que possibilitasse mostrar essas relações em constante movimento, evidenciando a circulação das Rendas de Bilro na Casa. Fez uma síntese sobre a origem das Rendas de Bilro e sua circulação no Brasil, contextualizando com a bibliografia existente sobre o ofício de rendar na Europa e no Brasil.

6. As Rendeiras de Morros de Mariana: projetos de *design* – Dissertação de mestrado 2014.

Poeta (2014) analisou as ações dos três projetos de *design* desenvolvidos com as rendeiras entre 2000 e 2010. No primeiro projeto a autora observou que houve uma troca de saberes no projeto Moda e Artesanato, um avanço em relação ao *design* do produto, e que,

partir desse projeto, as rendeiras tiveram mais liberdade criativa nos seus processos de desenvolvimento de produto. Com o projeto, as artesãs passaram a ser conhecidas no Brasil e no Exterior.

Ainda Poeta (2014), no segundo projeto desenvolvido com *Designers* Holandesas, uma continuidade do “Moda e Artesanato”, financiado pelo edital Petrobras Cultural 2005, com propostas de reforma da Casa das Rendeiras, houve um intercâmbio no qual as mulheres viajaram para conhecer, pesquisar e trocar experiências com outras regiões com foco na Renda de Bilro. As rendeiras viajaram para o vizinho Estado do Ceará, conheceram associações e centros de produções de renda, e para Santa Catarina, onde visitaram feiras, museus e exposições.

O projeto trouxe três estudantes de *design* da Holanda para acompanhar o trabalho das rendeiras e compreender a estrutura construtiva da renda, para depois proporem o desenvolvimento de outros produtos. Novas peças foram propostas e contribuíram para a continuidade da inserção do *design* na comunidade das rendeiras dos Morros da Mariana. A pesquisadora analisou que a realização dos dois projetos trouxe como consequência a ampliação do comércio de rendas. Outra proposta desse projeto foi a criação do Museu da Renda, que não se concretizou.

O terceiro projeto de design foi o Programa Talentos do Brasil, Poeta (2014) aponta que tinha por objetivo estimular a troca de conhecimentos entre rendeiras e profissionais de moda, assim como a valorização da cultura local de forma sustentável, focando no mercado e na gestão participativa.

Segundo a autora, as rendeiras teriam recebido a proposta e se dispuseram a participar do projeto, porém, no decorrer das atividades as rendeiras não estavam satisfeitas com a parceria. Explica que não houve transparência sobre possíveis alterações ocorridas nas peças produzidas pelas rendeiras, fazendo com que elas sentissem seus trabalhos desvalorizados por parte do Programa Talentos do Brasil. Neste ponto do Programa, as rendeiras ainda não haviam assinado contrato, o grupo decidiu por não aderir ao Talentos do Brasil, pois as propostas partiam na contramão do que a Associação já havia conquistado ao longo dos anos.

A pesquisadora observou que a inserção do *design* por meio de ações de *designers* em comunidades artesanais pode ter aspectos positivos e negativos, dependendo da atuação dos profissionais envolvidos e da interação destes com os artesãos participantes do projeto.

7. A vida das rendas de bilro em Ilha Grande – Piauí.

Almeida (2018) em seu estudo do tipo etnográfico, procurou descrever a tessitura da renda para entender o processo de construção e desconstrução. Revela que ao desmanchar a renda acessa à memória do fazer, a repetição e sequência a fez perceber vários movimentos das mãos com os bilros e com as linhas se emaranhando. Descreve que o processo de construção e desconstrução, constituem várias formas de fazer Renda de Bilro, confirma que o ensino aprendizagem se dá pela fala, pelo tocar, ouvir, em consonância com o gestual das mãos.

8. A contribuição do Design Social na preservação cultural das rendeiras de Morros de Mariana.

Sasaoka et al (2018) aborda sobre a aplicação do Design Social no projeto de Cultura e Renda desenvolvido entre 2005 e 2009. Trata de relato do processo de *design* social aplicado no projeto *Cultura e Renda*, desenvolvido entre 2005 e 2009, com as rendeiras dos Morros da Mariana, enfocando, erros, acertos, dificuldades e reflexões. O objetivo foi o desenvolvimento da percepção do repertório cultural e criativo estabelecido pela inter-relação entre artesanato, moda e *design* em ações de fortalecimento da memória coletiva e do patrimônio cultural.

9. Morros da Mariana: um espaço rendado

Livro publicado em 2011, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. A obra narra a história da Renda de Bilro e seu aparecimento na comunidade, faz uma introdução à história de algumas rendeiras, o início da Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana, e os materiais utilizados para fazer renda. O principal objeto da obra é o registro de alguns padrões reproduzidos no fazer artesanal. Há a catalogação das rendas, que estão documentadas em fotografias e com informações como: material (tipo de linha), pontos que foram empregados, tempo de confecção, número de bilros, autor/produtor, cronologia, largura, comprimento.

10. O uso das rendas de bilro como elemento da identidade cultural para fomentar o turismo em Ilha Grande.

Kanitz et al (2017), contextualizam patrimônio imaterial e identidade, instigando o leitor a refletir sobre as relações das atividades que exercemos, pela forma de ser e viver no espaço onde habitamos. Afirmam que a identidade de uma comunidade é definida não só pelos eventos a ela relacionados, mas também pelas atividades nela exercidas, o que inclui, o contato com pessoas de outras comunidades, as formas de viver das populações, a gastronomia, o vestuário, manifestações populares e pelas ações de seus membros.

Defendem que a Renda de Bilro em Ilha Grande é um importante fator de representatividade da comunidade, que tem se transformado mesmo de forma amadora, em um produto turístico do município. Apontam propostas de valorização do uso da Renda de Bilro, como um componente para a conservação da identidade cultural de Ilha Grande.

Esta pesquisa visou contribuir para a permanência e ressignificado da tradição cultural da comunidade, do ofício e modos de saber-fazer, memórias e histórias transmitidas de geração em geração.

2.3 Patrimônio Cultural Imaterial

A noção de patrimônio até meados do século XX era associada apenas aos bens materiais, especialmente aos monumentos arquitetônicos, o que se convencionou chamar de bens de “pedra e cal”. Nas últimas décadas (1980), acompanhando as transformações sociais, as noções de patrimônio foram expandidas, incluindo o patrimônio cultural imaterial, como os ofícios e modos de saber-fazer de diferentes povos e culturas.

A Constituição Federal (CF) de 1988 e Decreto nº 3.551 de 4 de agosto de 2000 contemplaram a pluralidade étnica e social formadora da sociedade brasileira, apontaram a necessidade dos bens de natureza imaterial serem salvaguardados, reavaliaram o conceito de patrimônio, bem como quais são os critérios que o Estado e a sociedade civil devem agir para protegê-lo. Conforme o artigo nº 216 (CF).

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Outro instrumento legal para a proteção dos bens culturais foi a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (PCI), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) realizada em Paris no ano de 2003, que definiu o conceito de patrimônio imaterial como um conjunto de conhecimentos associado aos modos de ser e viver, transmitido oralmente a outras gerações, presente nas comunidades e grupos, constantemente criado e recriado em função do seu ambiente, da história, criando sentimento de pertencimento, de memória, identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003).

A Convenção cita ainda os campos nos quais se manifestam o patrimônio cultural imaterial: a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais.

Neste estudo usamos o conceito de patrimônio imaterial com o intuito inventariar e propor um plano de salvaguarda de técnicas artesanais tradicionais, o ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, referência cultural da comunidade de rendeiras dos Morros da Mariana.

Como definido no Manual do INRC (2000), “[...] referências culturais nesse caso significa, pois, dirigir o olhar para representações que configuram uma ‘identidade’ da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos ‘fazeres’ e ‘saberes’, às crenças, hábitos etc.”

A noção de referência cultural deve ser percebida pela própria comunidade, é tudo que dá sentido ao universo de crenças, costumes, valores e sentimentos de pertencimento dos seus habitantes. Ainda de acordo com o Manual de Aplicação do INRC, a noção de “referência cultural” significa atribuir significado às práticas realizadas por determinados grupos sociais, tendo em vista a construção de um sistema referencial da cultura do contexto específico.

Na pesquisa de Inventário há de se contemplar uma troca entre pesquisador e o grupo participante: para o pesquisador ou outro agente externo, a ampliação da visão de patrimônio cultural, para os membros da comunidade, o contato pode significar a oportunidade de identificar e valorizar partes do acervo material e simbólico que constitui uma riqueza às vezes desconhecida ou não devidamente avaliada.

No processo de inventário, ecoam as vozes das pessoas da comunidade, as pessoas são protagonistas para falar de suas referências culturais, seu patrimônio, daquilo que é significativo para si e para o coletivo, como explica Varine (2013, p. 54) “[...] trata de escutar os habitantes e de lhes pedir para designar aquilo que consideram como sendo patrimônio de sua comunidade” [...].

Uma das recomendações da Convenção da UNESCO de 2003 é a realização de um Inventário com a participação dos detentores do patrimônio no processo de salvaguarda, uma maneira de alcançar a sustentabilidade, garantindo a permanência das famílias na sua comunidade e a valorização dos seus saberes e fazeres. Conforme a Conferência Geral da UNESCO, no seu art. 2º, entende-se por “salvaguarda”

[...] as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural, incluindo a identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente por meio da educação formal e não formal, bem como a revitalização dos diferentes aspectos desse patrimônio (UNESCO, 2003, p.5).

Intentamos construir um IP sensível e o associar à educação para o patrimônio, fazer a comunidade perceber a importância do conhecimento e reconhecimento do ofício e modos de saber fazer associados à Renda de Bilro garantindo sua continuidade e ressignificação.

2.4 Educação Patrimonial

O trabalho de Educação Patrimonial não tem um modelo definido, é essencialmente de adaptação ao contexto que é aplicado, tem por finalidade fazer com que a comunidade conheça e se aproprie do seu patrimônio, a fim de reforçar a confiança e autoestima dos indivíduos.

A Coordenação de Educação Patrimonial (CEDUC) define:

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como

recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural (IPHAN 2014, p. 19).

As ações de Educação Patrimonial têm o propósito de sensibilizar os atores sociais para refletirem sobre o seu patrimônio, suas referências culturais, e isso é possível com processos educativos. O trabalho educativo com a comunidade está na importância da preservação do patrimônio cultural, como ensina Cecília Londres (2012), para despertar o desejo, a curiosidade e o prazer de conhecer e de conviver com os bens culturais enquanto patrimônio coletivo.

Hugues de Varine corrobora com a autora, ao afirmar que “[...] a proposta de educação patrimonial é levar o maior número possível de membros da comunidade a conhecer, a dominar e utilizar o patrimônio comum dessa comunidade [...]” (Varine, 2013, p. 137). Para Londres (2012), o conhecimento do patrimônio inclui apropriar-se dos recursos associados à qualidade de vida, que possa contribuir para o enriquecimento dos sujeitos enquanto pessoas e cidadãos.

A Educação Patrimonial é um processo de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural, que provoca o envolvimento com a comunidade, neste caso, com as mulheres da Associação das Rendeiras, com a finalidade de despertar para a construção de uma consciência de valor histórico e social da prática cultural associada à Renda de Bilro como patrimônio cultural da comunidade.

O Inventário Participativo que realizamos com as rendeiras de Ilha Grande, configurou-se como uma metodologia de Educação Patrimonial, uma vez que:

Os processos participativos, que lançam mão de mecanismos de auscultação e interlocução, são elementos de uma política de asserção da democracia, portanto, de uma política efetivamente pública. A EP sob o viés proposto tem o intuito de favorecer, na Política Nacional de Patrimônio Cultural, outro *modus operandi*, que, ao invés de patrimonializar bens culturais somente com base em discursos de valoração técnico políticos, possam estimular a participação dos grupos sociais em todo o processo de preservação dos seus bens culturais referenciais (SOUZA & THOMPSON, 2016, p. 16).

Realizamos um trabalho sistemático e de reflexão com as rendeiras, como nos ensina Tolentino (2016), “é necessário que se propicie a reflexão crítica, e a partir dessa reflexão buscar a transformação da realidade”.

2.5 Museologia de Inovação Social

Uma das referências deste estudo e intervenção é a museologia, cujo campo tem uma trajetória ainda jovem de pesquisa de natureza acadêmica no Brasil, que remontam aos anos setenta do século XX, associadas às experiências em museus, que prestam serviços às comunidades com a finalidade de sensibilizar os detentores dos patrimônios para o conhecimento e reconhecimento do valor social e econômico do patrimônio cultural.

Varine (2013) nos informa sobre a importância do trabalho com e para as pessoas, sobre a gestão participativa dos patrimônios. Na condição de gestores dos patrimônios, os museus assumem uma perspectiva social, colocam no centro o protagonismo das populações locais e suas relações com os seus semelhantes, territórios e bens culturais. Esse é o sentido de uma museologia crítica e contemporânea no campo das ciências sociais aplicadas. Como explica Scheiner (2012, p.18-19), a museologia enquanto pesquisa científica é:

O campo de conhecimento dedicado ao estudo e análise do museu enquanto representação da sociedade humana, no tempo e no espaço. Abrange o estudo das múltiplas relações existentes entre o humano e o real, representadas sob diferentes formas de museus: museus tradicionais, baseados no objeto, museus de território, relacionados ao patrimônio material e imaterial das sociedades do passado e do presente, museus de natureza; museus virtuais/digitais. Como disciplina acadêmica tem metodologias específicas de trabalho, relativas à coleta, preservação, documentação e comunicação.

Manuelina Duarte nos informa que a museologia é uma disciplina aplicada voltada à transformação da realidade por meio da relação da sociedade com o seu patrimônio. Chama atenção para a diferença entre pesquisa em museu e pesquisa em museologia. “[...] considero a necessidade de defender o uso do termo pesquisa em Museologia sempre adjetivado, como pesquisa aplicada, para diferenciar da pesquisa no museu, que pode ser aplicada ou pesquisa básica, relativa aos campos conexos ao patrimônio que ele preserva” (2019, p. 154).

O trabalho de investigação em museologia desafia os profissionais a pensarem nos métodos e metodologias para a pesquisa, visto que é um trabalho que tem ligação direta com pessoas ou “sujeitos sociais”. Minayo (1994, p. 14), destaca que:

[...] não é só o investigador que dá sentido ao seu trabalho intelectual, mas os seres humanos [...] ela complementa o pensamento sobre o labor da pesquisa científica

em ciências sociais, “[...] a pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os imbricados e comprometidos.

Para este estudo nos orientamos pela “Nova Museologia”, que ao mesmo tempo que se preocupa com a conservação e salvaguarda do patrimônio cultural, visa o envolvimento das populações detentoras de modos de ser e existir ancestrais. Como recomenda a Declaração de Quebec (1999), “[...] a nova museologia, a ecomuseologia, a museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa interessam-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações”.

Nesta pesquisa usamos o conceito de museu, considerada uma instituição que durante muito tempo esteve associada a um espaço fechado, que se prestava a atender às necessidades de uma elite letrada, pois eram espaços que se destinavam principalmente a colecionar objetos das famílias tradicionais para fins de projeção social.

O Conselho Internacional de Museus (ICOM, 2007), define museu como:

[...] uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

Os museus passaram por várias transformações ao longo do século XX, ganhando outras dimensões e definições, aprimoradas ao longo de estudos em museologia. Quando falamos em museu social, estamos nos referindo a compromissos éticos, especialmente no que diz respeito às suas dimensões científicas, políticas e poéticas. O museu do qual falamos tem perspectiva libertadora, diferente do museu conservador e neoliberal, que perdurou por muito tempo desde sua origem no século XIX. Para Pinheiro (2015, p.62), um “[...] espaço museológico ganha *status* de território habitado, com o patrimônio integrado, idealizado com e para a comunidade, um instrumento para seus habitantes, um fator de sustentabilidade”.

Como um dos produtos e serviço deste trabalho construímos com e para as rendeiras um plano de salvaguarda para o ofício e modos de saber-fazer, usando técnicas da Educação Patrimonial para sensibilizar as rendeiras da importância do Inventário e Registro da Renda de Bilro, uma forma de garantir a sustentabilidade econômica, social e ambiental, a harmonia da natureza e sociedade e, principalmente, garantir a continuidade para as próximas gerações.

2.6 Inventários Participativos

Figura 10. Trabalho na Casa das Rendeiras



Fonte: Cássia Moura, 2021

Os Inventários participativos no Brasil podem ser estudados tomando como referência os trabalhos já realizados com o uso das técnicas do Manual de Aplicação associadas ao Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), adaptado em 2012, como Inventário Pedagógico no contexto do Programa Mais Educação do Ministério da Educação e Cultura - MEC (IPHAN, 2016).

Pela dinâmica de aproximação com as comunidades e em função da diversidade cultural, foi necessário pensar uma ferramenta que considerasse não apenas as referências culturais, mas ser um instrumento de mobilização e sensibilização das comunidades para a importância de seu patrimônio cultural, em um trabalho com atividades formativas de educação para o patrimônio (IPHAN, 2016).

O INRC, instrumento de conhecimento e aproximação do objeto de trabalho do IPHAN, possibilitou a identificação e documentação de bens culturais tanto de natureza material como imaterial, sendo os objetivos principais: 1) identificar e documentar bens culturais, de qualquer natureza, para atender à demanda pelo reconhecimento de bens representativos da diversidade e pluralidade culturais dos grupos formadores da sociedade; e 2) apreender os sentidos e significados atribuídos ao patrimônio cultural pelos moradores

de sítios tombados, tratando-os como intérpretes legítimos da cultura local e como parceiros preferenciais de sua preservação.

Lembramos de Varine (2013), que discorre sobre a realização do IP, defendendo que é preciso escutar a comunidade sobre o que eles consideram o que é patrimônio, destacar a importância que dão aos lugares, objetos, mesmo que não correspondam a critérios tradicionais. Dessa maneira, à medida que participam do processo de desenvolvimento da pesquisa, ampliam a visão sobre o patrimônio cultural e reforçam os laços com suas referências culturais, considerando a relevância da proteção e salvaguarda de bens de natureza imaterial, o que nos fez compreender a lógica do IP, dos critérios técnicos e políticos para definição e salvaguarda do que é considerado patrimônio por seus detentores.

Os critérios para o trabalho de Inventário são definidos em função do objetivo. Para o caso do IP, a primeira etapa foi a formação da equipe, que participou do processo, visto que as pessoas são o principal recurso para a interpretação do patrimônio da comunidade. O agente de desenvolvimento trabalha com a contribuição dos usuários do território, pois eles irão compartilhar os seus conhecimentos sobre o patrimônio.

Varine (2013, p.37) nos ensina que “o patrimônio é um capital para o desenvolvimento”, para ele, “[...] esse capital é herdado, o que significa que os herdeiros devem administrá-lo: conservar no sentido físico do termo não é suficiente. É preciso fazê-lo viver, produzir, transformar-se, para permanecer útil”. O autor recomenda que os critérios de escolha do inventário sejam estabelecidos pelo agente de desenvolvimento e membros da comunidade interessados em desenvolvimento, e ressalta que a vantagem do Inventário Participativo em relação a outros modos de inventários é o desenvolvimento das comunidades.

Na etapa de aplicação de fichas de identificação, questionários, fichas de campo e outras que sejam necessárias, procuramos fazer uma adaptação dos modelos apresentados pelo INRC, ao modelo proposto por Hugues de Varine, considerando as boas práticas apresentadas em sua experiência na realização de trabalhos em comunidades.

O trabalho do IP foi construído de forma participativa, dialógica, colocando as rendeiras como protagonistas, com participação ativa no processo. Nesta pesquisa, as rendeiras realizaram conosco este Inventário, que teve o propósito de permitir o conhecimento e reconhecimento de um bem patrimonial com valor comercial e afetivo.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS

3.1 Pesquisa Social Qualitativa

Pela transversalidade da pesquisa em patrimônio e museologia, não é possível estabelecer método único, uma vez que os trabalhos com comunidades têm suas singularidades. Dessa forma, combinamos métodos e técnicas que fossem aplicados para estabelecer diálogos entre os participantes, o território e o seu patrimônio cultural.

Figura 11. Trabalho de Campo, observação do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro na Casa das Rendeiras



Fonte: Cássia Moura, 2021

No trabalho de campo, fase fundamental para a pesquisa, foi possível vivenciar experiências com as rendeiras, o que possibilitou a aplicação da metodologia da pesquisa-ação. Conforme Thiollent (2011, p.56), “[...] a pesquisa-ação tem sido concebida principalmente como metodologia de articulação do conhecer e do agir (no sentido de ação-social, ação comunicativa, ação pedagógica, ação militante etc.)”.

Para o mesmo autor (2011), o agir remete à transformação de conteúdo social, valor ativo orientado no contexto da sociedade, explica que paralelamente ao agir existe o fazer que corresponde a uma ação transformadora de conteúdo técnico delimitado. Ressalta que não se deve separar a técnica do seu conteúdo sociocultural, “[...] precisamos dar mais

atenção ao fazer e ao saber fazer que, por enquanto, foram entregues aos ‘técnicos’ e aos outros especialistas que compartilham de uma visão tecnicista das atividades humanas” (Thiollent 2011, p. 36). O autor acrescenta ainda que:

[...] a pesquisa-ação oferece meios para romper o monopólio dos tecnocratas ao permitir uma participação ativa dos diferentes tipos de usuários com exercício e aprimoramento de suas capacidades. O saber informal dos usuários não é desprezado e sim posto em relação com o saber formal dos especialistas no intuito de enriquecimento mútuo (Ibid., id.).

A elaboração deste Inventário se deu a partir de um processo democrático, dialógico com a rendeiras que participaram como protagonistas, essenciais ao longo do processo de construção de conhecimentos sobre seu ofício e modos de saber-fazer, sobre cada etapa de confecção dos instrumentos e materiais usados por elas. O nosso trabalho na pesquisa, foi essencialmente de escutá-las e registrar as suas falas, cotejando com aporte teóricos e metodológicos.

As abordagens e metodologias da pesquisa precisam contribuir para compreensão dos fatos, que pela sua complexidade necessitam ser pesquisados sob diferentes ângulos, motivo que por vezes requer a aplicação de um ou mais métodos. Para a pesquisa em museologia, uma das formas de abordagem usada é a de natureza qualitativa, de ação colaborativa, por ser uma modalidade de ciência aplicada que trabalha com significados, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Para Bastos (2007, p. 42), o critério da abordagem qualitativa não é numérico. Há uma maior preocupação com o aprofundamento e abrangência da compreensão das ações e relações humanas. Essas variáveis correspondem a um lado não perceptível e não captável em equações, médias ou estatísticas.

A pesquisa foi iniciada com rodas de conversa para conhecer o grupo e nos aproximar das rendeiras; em seguida realizamos entrevistas temáticas individuais, semiestruturadas, para registrar o maior número de informações sobre o ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro. Pedi a autorização para gravar em áudio e imagens, assim como fotografar as entrevistas para na sequência transcrevê-las e alimentar as fichas do IP.

Portelli, (1997, p. 31) explica que “[...] entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”. A participação dos atores sociais

sobre suas vivências, suas experiências, se dá por meio do trabalho da memória, com a entrevista aplicada pelo pesquisador com o uso do método-técnica da história oral.

A história oral tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc. (ALBERTI, 2005). Consiste em um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador em pesquisa, para depois transcrever os depoimentos coletados. Funciona como uma ponte entre teoria e prática.

Avançamos no percurso da pesquisa, fazendo uso da referência *Educação Patrimonial: Inventários Participativos* (IPHAN, 2016) seguimos a proposta de Educação Patrimonial, cotejando com as fichas de inventário propostas por Varine (2013), que orientam a pesquisa de referências culturais como celebrações, saberes, formas de expressão, lugares e objetos.

Procuramos contar a história da Renda de Bilro desde o surgimento em Ilha Grande até os dias atuais. A descrição do ofício e modos de saber-fazer estão nas fichas de inventário, bem como a descrição das etapas, confecção dos artefatos e demais instrumentos usados. O IP é composto pelas seguintes fichas:

- Ficha do projeto;
- Ficha das referências consultadas;
- Ficha do território;
- Ficha das entrevistas;
- Ficha das categorias: o ofício e modos de saber fazer; os objetos; os registros fotográficos; os registros sonoros; os registros audiovisuais.

As etapas foram cruciais para o trabalho técnico-científico, exigindo atenção acurada ao longo da investigação. Os métodos devem ser capazes de fornecer subsídios necessários para obter resultados prováveis ou improváveis para a hipótese da pesquisa. O trabalho da pesquisa social, participativa, exige do pesquisador criatividade associada à teoria e método para compreender a realidade dos indivíduos nas organizações sociais. Minayo (1994, p. 12) afirma que:

[...] o labor científico caminha sempre em duas direções: numa elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seus caminhos, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, imbuem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído.

André Morim (2004) trabalha com a pesquisa-ação desde os anos 1970. Ensina que a pesquisa-ação é participativa por essência, que a participação dos atores e dos pesquisadores é analisada em suas diferentes formas e graus de intensidade e destinada à democratização e das práticas educativas e sociais, nos campos em que ocorrem a pesquisa-ação.

No trabalho com as rendeiras, usamos o método da pesquisa-ação aliado ao método etnográfico, para complementar o entendimento da referência cultural, uma vez que a etnografia se baseia na observação dos modos de viver de um determinado grupo social.

No trabalho de campo, em conversas com as mulheres, sempre anotei todas as informações no diário, recorri várias vezes ao diário para buscar informações. Entre uma conversa e outra, contei com a participação das professoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura, para o registro de sons, fotografias, vídeo, que me permitiram compreender e interpretar gestos e expressões das mulheres rendeiras.

Na segunda etapa de entrevistas, começamos as gravações em vídeo fazendo perguntas diretas relacionadas ao ofício e modos de saber-fazer e à confecção dos instrumentos e artefatos que compõem o universo das rendeiras. Seguimos com rodas de conversas e memórias com o intuito de interpretar o cotidiano das rendeiras, seus anseios, desejos e necessidades.

Figura 12. Trabalho de Campo, observação do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro na Casa das Rendeiras



Fonte: Áurea Pinheiro, 2021

Verena Alberti conceitua história oral como método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (2005, p. 18). O que justificou o uso desse método na realização deste IP, pela necessidade de abordagens com entrevistas para recuperar memórias e descobrir eventos ainda desconhecidos.

Para reconstituir histórias das famílias detentoras do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, como recurso para estimular o trabalho da memória. A história oral, nessa perspectiva, nos serviu para recuperar memórias e registrar experiências de histórias vividas ao longo de gerações. Isso foi possível com a realização de entrevistas, como nos ensina Portelli (1997, p. 31) “[...] entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”.

Portanto, neste IP fizemos história oral, etnografia, manual de aplicação e pesquisa-ação, “[...] pesquisa social com base empírica que é realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” (THIOLLENT, 2011, p. 20)

Para a coleta de dados, realizamos a transcrição das entrevistas para as interpretar e usar na escrita técnica-sensível do IP que agora disponibilizamos. Conteí com a participação das professoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura para tratar e gerir os registros sonoros, fotográficos e vídeos, que serviram para que a Prof^a Cássia Moura editasse o documentário etnográfico de 13 minutos que acompanha este IP.

Assim, a coleta de dados foi o momento no qual verificamos, organizamos e gerimos as informações para construir os resultados do IP. Usamos os dados para comunicar a pesquisa, nossas impressões e experimentação ao longo da investigação.

Estive atenta às questões éticas, como a pesquisa envolve seres humanos direta ou indiretamente, construímos o “Termo de autorização de concessão de imagens e informações verbais” que foi lido, discutido e assinado pelas rendeiras.

3.2 Boas práticas

Destacamos o Inventários Participativos realizados pelos mestrandos do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia da UFPI e UFDPAr, em condições de solicitar o registro pelo Iphan como patrimônio cultural imaterial por sua relevância para a memória das comunidades e parte das referências culturais de grupos formadores da sociedade brasileira.

A pesquisa de Ivanilda Teixeira do Amaral “Inventário Participativo do saber fazer da tecelagem manual das redes de dormir de Pedro II”. A pesquisadora procurou compreender os modos de saber-fazer da tecelagem, suas características, como ocorrem os processos de transmissão e os artefatos e/ou instrumentos associados no território. Investigou as formas de divulgação, valorização e revitalização do saber. O ofício das tecelões – como se autodenominam as mulheres protagonistas da tecelagem em teares manuais – está presente há mais de um século na história do município de Pedro II - PI.

O Inventário deixou claro a importância da implementação de ações de intervenções que abram caminhos para uma proposta de salvaguarda da tecelagem manual das redes de dormir de Pedro II, enquanto tradição expressiva daquele município (AMARAL, 2017).

Destacamos ainda o Inventário Participativo realizado por Samira Amara Gomes Alves, realizado na comunidade Canárias, um dos cinco povoados que integram a Ilha das Canárias, no Delta do Parnaíba. Investigou os modos de saber-fazer dos trançados em palha de carnaúba, com destaque para o artefato de pesca artesanal – Uru, um cesto usado para o transporte de peixes. O Inventário pretendeu contribuir para o conhecimento, reconhecimento, valorização e promoção desse rico patrimônio cultural de natureza imaterial, reconhecido pelas pessoas do lugar, que desejam a sua proteção e promoção.

O Inventário revela um expressivo saber-fazer de uma comunidade que vive às margens do rio Parnaíba, que sobrevive da pesca artesanal e de outras formas de extrativismo, que detém saberes ancestrais, um conjunto de conhecimentos resultantes das atividades e vivências cotidianas no território, transmitidos oralmente de geração em geração. Foi dado um passo importante para ações de salvaguarda desse expressivo saber tradicional na comunidade Canárias (ALVES, 2017).

Destacamos um projeto social desenvolvido pela Qair Brasil - empresa do setor de energias renováveis com filial em Fortaleza, CE, em parceria com a marca de moda Catarina

Mina, conhecida por trabalhar os conceitos de consumo consciente e a economia sustentável. Chamou atenção pela notoriedade dada às rendeiras. O projeto Olé Rendeiras do Bilro em Trairi, litoral oeste do Ceará, tem o objetivo de fortalecer a cultura do artesanato, inserir a Renda de Bilro no mercado de moda e proporcionar melhorias na vida das rendeiras das comunidades, movimentando a economia de forma sustentável. O projeto conta com 100 rendeiras de 14 comunidades (Agência Nordeste, 2020).

4 RISCOS

Enfrentamos riscos, que trabalhamos com resiliência. Destacamos:

- A continuidade da crise sanitária causada pela COVID-19;
- Incompatibilidade de datas e horários do grupo para participar das atividades;
- A confiança de que este trabalho lhe traria benefícios futuros e retorno financeiro;
- Comprometimento do grupo em todo o percurso do projeto. Poderiam ocorrer faltas, atrasos, perda de interesse dos participantes.

Foram superados esses riscos e conseguimos realizar um IP do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro.

5 MEMORIAL DESCRITIVO

A construção do IP do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro iniciou com nossa imersão no território para conhecer o universo das rendeiras de Ilha Grande. Realizamos a primeira visita em janeiro de 2020 para nos aproximar, vivenciar, observar o cotidiano das mulheres rendeiras. Efetivamente, as atividades de pesquisa de campo foram realizadas a partir de fevereiro de 2021, em função da pandemia provocada pela COVID-19, crise sanitária que afeta o mundo.

Seguindo os protocolos recomendados pelas autoridades de saúde para os cuidados e prevenção à COVID-19, iniciamos as rodas de conversa, de memórias e as entrevistas temáticas em fevereiro de 2021. Usamos gravador de voz para depois fazer a transcrição para as fichas de inventário. Foram realizadas captação de imagens e vídeos.

No percurso da pesquisa, identifiquei e registrei os trabalhos desenvolvidos com as rendeiras com o intuito de compreender as ações realizadas por pesquisadores e organizações sociais sobre o ofício da Renda de Bilro de Ilha Grande.

A segunda etapa de entrevistas foi realizada para captação de vídeos e imagens para a produção de um documentário etnográfico. Paralelo a segunda etapa de entrevistas, nos reunimos com as arquitetas Bruna Negreiros, Maria Carvalho e Larissa Galeno, sendo as duas primeiras mestrandas do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, a

última, colaboradora da Prefeitura de Ilha Grande, para propor às rendeiras uma manutenção da Casa das Rendeiras, fazer um levantamento de necessidades e materiais, para que de posse desse diagnóstico solicitar à Câmara de Vereadores, na pessoa do vereador Adilson Castro, apoio e recursos.

Neste ponto do trabalho houve a reticência por parte das rendeiras, a considerar que não estava presente a presidente da Associação da Rendeiras, coordenadora da Casa das Rendeiras. Assim, esta atividade ficou como proposta para o Plano de Salvaguarda do IP.

Na sequência do trabalho, com as entrevistas realizadas e com base nos momentos vivenciados na Casa das Rendeiras, iniciamos a construção das fichas deste IP, a sistematização do Plano de Salvaguarda e produção do documentário.

No IP construímos um conjunto de fichas que sistematizam as informações coletadas, bem como, fornecem material para a produção do documentário etnográfico:

- Ficha do projeto - 01
- Ficha das referências pesquisadas - 01
- Ficha do território - 01
- Ficha das entrevistas 01
- Ficha de categorias:
 - O ofício e modos de saber fazer - 01
 - Os objetos - 03
 - Os registros fotográficos - 01
 - Os registros sonoros - 01
 - Os registros audiovisuais - 01

Ao longo das rodas de conversas e de memórias, das entrevistas temáticas com as rendeiras, percebemos que iniciaram o ofício ainda crianças, com sete anos de idade. Eram as mães que já transmitiam o saber-fazer, que iria lhes garantir a continuidade do ofício, sobretudo, garantir-lhes uma profissão, que lhes proporcionassem renda.

À medida que construímos as fichas, iniciamos a sistematização do Plano de Salvaguarda. Pela própria natureza do IP, nós sistematizamos algumas propostas indicadas por elas ao longo de nossos encontros, discutimos com as rendeiras de modo que pudessem

acrescentar itens ao Plano. Trabalhamos de forma colaborativa, dialógica, participativa, na perspectiva de deixá-las decidir o que é melhor para o grupo. As propostas dizem respeito aos interesses da comunidade de rendeiras, e serão encaminhadas às autoridades municipais para que possam ser discutidas e efetivadas.

6 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa-ação foi possível construir um diagnóstico da comunidade das rendeiras, para compreender a cultura da Renda de Bilro em Ilha Grande, uma comunidade que vive no Delta do Parnaíba, às margens do rio Parnaíba, com um modo de vida singular, detentora de uma referência cultural que atravessa várias gerações - a Renda de Bilro.

A nossa intenção foi construir um Inventário Participativo do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, referência cultural de natureza imaterial da comunidade, representativa para a história, cultura e identidade de Ilha Grande. Por outro lado, foi também um desejo pessoal de conhecer essa referência cultural tão genuína do Piauí. Durante as nossas rodas de conversas e memórias usufruímos momentos de troca, de partilha de saberes com cada uma das mulheres que tivemos contato. Deixamos um pouco do que sabemos e levamos conosco outros tantos conhecimentos.

No percurso foi possível compreender a história da Renda de Bilro em Ilha Grande desde o surgimento, as dificuldades encontradas para manter viva a tradição que resiste ao longo de gerações, os avanços alcançados tanto em relação às formas, cores, linhas, quanto a visibilidade alcançada através da mídia. Todavia essa prática cultural precisa ser salvaguardada. É notória a preocupação das rendeiras com a continuidade do ofício, ouvimos as rendeiras e registramos seus desafios e enfrentamentos.

Os depoimentos das rendeiras nos fizeram reafirmar nossa convicção da importância do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro para as suas vidas, portanto, a salvaguarda das memórias desse patrimônio cultural imaterial irá contribuir para a sua continuidade histórica. Este Inventário Participativo é nossa contribuição nesse processo de salvaguarda do rico patrimônio cultural de Ilha Grande.

Elaboramos um Plano de Salvaguarda do Ofício e Modos de Saber-fazer da Renda de Bilro, que será entregue às autoridades municipais em primeira instância para a sensibilização sobre a importância da salvaguarda do patrimônio da comunidade.

7 REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História oral: a experiência do CPDOC**. 3. ed. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2005.

ALMEIDA, Ana Carolina de Campos. **A vida das rendas de bilro em Ilha Grande - PI**. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas - SP, 2018.

_____. **Tecendo investigações sobre rendas: o trocar dos bilros no Piauí**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas - SP, 2014.

ALVES, Samira Amara Gomes. **Inventário Participativo: os modos de saber-fazer associados ao trançado em palha de carnaúba**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia). Universidade Federal do Piauí. Parnaíba, 2017.

AMARAL, Ivanilda Teixeira do. **O saber-fazer da tecelagem manual das redes de dormir de Pedro II-PI: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia). Universidade Federal do Piauí. Parnaíba, 2017.

BASTOS, Núbia Maria Garcia. **Introdução à metodologia do trabalho acadêmico**. Fortaleza, Nacional, 2007.

BORGES, Jóina Freitas. Documentos, cacos cerâmicos e fragmentos de memória: os Tremembés Descalços sobre Mosaicos de suas Histórias. In: ANPUH - **Simpósio Nacional de História**, São Leopoldo, RS 2007. (Anais do XXIV Simpósio Nacional de História - CD-ROM).

BORGES, Jóina Freitas. **Sob os areais: arqueologia, história e memória**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí, 2006.

BORGES, Jóina Freitas. Os Senhores das Dunas e os adventícios d'além mar: Autonomia indígena e escambo na costa norte brasileira. In: **Patrimônio Arqueológico e Cultura**

Indígena. PINHEIRO, Áurea da Paz, GONÇALVES, Luís Jorge Gonçalves; CALADO, Manuel. (orgs). Teresina: EDUFPI, Lisboa: Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, 2011.

BORGES, Jóina F. VILELA, L. das Chagas. RODRIGUES, T. SILVA, R. V. S. História e arqueologia na construção da interculturalidade: construindo saberes plurais com os tremembés de Almofala - CE. Fronteiras: **Revista de História** | Dourados, MS | v. 18 | n. 32 | p. 178 - 196 | Jul. / Dez. 2016

BORGIANI, Daniele Silva Simões; BANDIM, Marylin Viana. Tecendo Através De Nós: relato de experiência de curso de Macramê como Extensão Universitária. **XVI Congresso Internacional de Tecnologia na Educação**. Recife - PE, Setembro, 2018.

BRASIL, IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/ilha-grande/historico>. Acesso em: 23 jun. 2020.

BRASIL, MINISTÉRIO DAS CIDADES. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/>. Acesso em: 11 set. 2020.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2016.

CULTURA E RENDA. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MGiHAMvn Js>. Acesso em: 20 out. 2020.

DECLARAÇÃO DE QUÉBEC: Princípios de Base de uma Nova Museologia 1984. **Cadernos de Sociomuseologia**, n 15. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, pp. 223-225, 1999.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Conselho Internacional de Museus, São Paulo, 2013.

DIAS, Claudete Maria Miranda. **Povoamento e despovoamento: da pré-história à sociedade colonial escravista**. Revista FUMDHAMentos VII. 2008.

DUARTE, Manuelina. **A Pesquisa em Museologia ou... por uma pesquisa adjetivada**. Museologia e suas interfaces críticas: museus sociedades e os patrimônios. Recife: Ed. da Universidade de Pernambuco, 2019.

AGÊNCIA NORDESTE. Disponível em: <https://agenciaeconordeste.com.br/projeto-resgata-e-valoriza-tradicao-de-renda-de-bilros-no-ceara/>. Acesso em: 02 jan. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2019.

ICOM. Conselho Internacional de Museus, 2007.

INRC. Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. IPHAN, 2000.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). Educação Patrimonial. Inventários participativos: Manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto: Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.

IPHAN. **Educação Patrimonial**: históricos, conceitos e processos. 2014.

LEITE, Pedro Pereira. Ecomuseus e Museologia Social. **Informal Museology Studies**, 14, summer 2016.

LEITE, Pedro Pereira. **Museologia e Inovação Social** – Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra, 2016.

LONDRES, Cecília. O Patrimônio Cultural na formação das novas gerações: algumas considerações. In: **Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. Átila Bezerra Tolentino (org) – João Pessoa, 2012. (Caderno temático; 2).

LUZ, Geovana Alves da. **DE ARTESANATO A TRADIÇÃO**: a preservação da prática da Renda de Bilro na Ilha de Santa Catarina. Trabalho de Final de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, 2016

MATSUSAKI, Bianca do Carmo. **TRAJETÓRIA DE UMA TRADIÇÃO**: renda de bilro e seus enredos. Universidade de São Paulo - Escola de Artes, Ciências e Humanidade. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2016.

MENESES, Ana Cláudia Pires Fontenele de. **Quem te ensinou a fazer renda?** A cultura dos morros da Mariana - PI como influência na educação pela renda de bilro. (Dissertação de mestrado), Fortaleza, 2009.

_____. **Rendeiras professoras**: o caso da Associação de Rendeiras dos Morros de Mariana. Piauí. Monografia. Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2006.

MINAYO, Maria (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica**: uma antropopedagogia renovada. Trad, Michel Thiollent. Rio de Janeiro. DP&A. 2004.

MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Inventário. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (termo chave Inventário). ISBN 978-85-7334-299-4.

PEROBA, Ana Rita Valverde. **Design Social**: um caminho para o designer de moda? São Paulo, (Dissertação de Mestrado). Universidade Anhembi Morumbi, 2008.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio Cultural e Museus: por uma educação dos sentidos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n.58, p. 55-67, out/dez 2015.

PINHEIRO, Áurea P., Moura Carvalho, R. de C., & Martins Vasconcelos, M. (2021). Inventário participativo da Rendas de Bilro dos morros da Mariana, Piauí, Brasil. *Historiæ*, 12(1), 129–150. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/12746>

POETA, Joana Áurea Medeiros Lima. **As Rendeiras de Morros da Mariana: projetos de design**. (Dissertação de Mestrado), São Paulo - SP, 2014.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História. ISSN 2176-2767. São Paulo. Fev. 1997.

SCHEINER, Tereza. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012.

SOUZA, Igor A. N. & THOMPSON, Analucia. A educação patrimonial no âmbito da Política Nacional de Patrimônio Cultural. In: TOLENTINO, A. B; BRAGA, E. O. (orgs). **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. Caderno Temático 5. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

TOLENTINO, Átila B. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. In: TOLENTINO, A. B; BRAGA, E. O. (orgs). **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. Caderno Temático 5. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016.

UNESCO. **Convenção Internacional para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris, 2003.

VARINE, Hugues de; trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz. 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A

FICHAS DO INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DO OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER DA RENDA DE BILRO DOS MORROS DA MARIANA (ILHA GRANDE, PIAUÍ, MEIO NORTE DO BRASIL)

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER DA RENDA DE BILRO
ILHA GRANDE PIAUÍ BRASIL
FICHA Nº1 FICHA DO PROJETO

1. TÍTULO DO PROJETO

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: **ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro** | Ilha Grande
| Piauí | Brasil

2. NOME DA INSTITUIÇÃO DE PESQUISA/ SETOR RESPONSÁVEL

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM)

3. PESQUISADORAS RESPONSÁVEIS

Mestranda Marinete Martins Vasconcelos (pesquisadora)

Prof.^a Dr.^a. Áurea da Paz Pinheiro (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Moura Carvalho (fotógrafa e documentarista)

4. NOME DOS ENTREVISTADOS – detentoras do ofício e modos de saber-fazer

Para a construção deste Inventário Participativo (IP) foram realizados contatos prévios com as rendeiras da Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana (ARMM) para apresentar o projeto e construção do IP. Realizamos entrevistas temáticas sobre o ofício e modos de saber-fazer, registramos as informações em suportes e linguagens diversas – diários de campo, textuais (relatório final), áudios, vídeos e fotográficos.

Abaixo quadro com a informações das pessoas referência do IP. São mestras da Renda de Bilro, que atuam no ofício e modos de saber-fazer, que trabalham na Casa das Rendeiras em Ilha Grande.

Nº	RENDEIRAS-REFERÊNCIA	MAIS CONHECIDA COMO	IDADE
01	FRANCISCA DA CUNHA VIEIRA	Francisquinha	47
02	MARIA HELENA CASTELO BRANCO COSTA	D. Helena	60
03	LUZIA SÁ DA SILVA	Noga	61
04	EDINALVA MARIA ALVES	Edinalva	47
05	MARIA DO SOCORRO FREITAS DOS SANTOS	D. Socorro	58
06	CLARISSE CARVALHO DOS SANTOS SOUZA	Clarisse	32
07	TARSILA INOCÊNCIO SANTOS	Tarsila	17
08	MARIA DO SOCORRO REIS GALENO	D. Socorro	67
09	ANA PAULA DA SILVA SOUSA	Ana Paula	31

5. INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM)

Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana (ARMM)

6. PARCEIROS

Câmara Municipal de Ilha Grande

Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana (ARMM)

Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM)

7. PERÍODO DE REALIZAÇÃO

Janeiro de 2020 a setembro de 2021.

8. REFERÊNCIAS/MANIFESTAÇÕES CULTURAIS PESQUISADAS

O ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro

9. FICHAS DAS CATEGORIAS DO PATRIMÔNIO CULTURAL UTILIZADAS NO PROJETO

9.1 Ficha do Projeto: 01

9.2 Ficha das Referências (bibliográficas e demais fontes consultadas) 01

9.3 Ficha do Território: 01

9.4 Ficha de Categorias: 01

9.5 Ficha das Entrevistas 01

9.5.1 O ofício e modos de saber-fazer: 01

9.5.2 Os objetos: 03

9.5.3 Os registros fotográficos - 07

9.5.4 Os registros sonoros - 07

9.5.5 Os registros audiovisuais - 07

Total de fichas produzidas: 30

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER A RENDA DE BILRO
ILHA GRANDE PIAUÍ BRASIL
FICHA N º 2 FICHA DAS REFERÊNCIAS CONSULTADAS

LIVROS E OUTRAS PUBLICAÇÕES NÃO SERIADAS

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
ALMEIDA. Ana Carolina de Campos. Tecendo investigações sobre rendas: o trocar dos bilros no Piauí. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas - SP, 2014.	Renda de bilro; Rendeiras e rendeiras; Aptidão; Estética; Desenho.	https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/136169/	01
ALMEIDA. Ana Carolina de Campos. A vida das rendas de bilro em Ilha Grande - PI. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas - SP, 2018.	Materiais; rendas de bilro; antropologia; tim ingold; artesanato.	http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333200	02
BRASIL, MINISTÉRIO DAS CIDADES	Informações sobre as cidades	https://www.cidade-brasil.com.br	03
IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.	Dados censo populacional/demográfico	https://www.ibge.gov.br/	04
ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.	Área de Conservação Ambiental Delta do Parnaíba	https://www.gov.br/icmbio/pt-br	05
Ilha Grande (2008) PMIG – Prefeitura Municipal de Ilha Grande. Plano Diretor	Plano Diretor Participativo de Ilha Grande – Piauí	Prefeitura Municipal de Ilha Grande	06

Participativo de Ilha Grande – Piauí. Relatório Final. Vol. 1. Diagnóstico e Prognóstico.			
INRC. Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. IPHAN, 2000.	Orientações para construção de inventários do patrimônio cultural	http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual do INRC.pdf	07
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). Educação Patrimonial. Inventários participativos: Manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto: Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.	Manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf	08
LUZ, Geovana Alves da. DE ARTESANATO A TRADIÇÃO: a preservação da prática da Renda de Bilro na Ilha de Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2016.	Patrimônio cultural; preservação; renda de bilro.	https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/171278/TC_C_geovana_alves_final.pdf?sequence=1&isAllowed=y	09
MENESES, Ana Cláudia Pires Fontenele de. Quem te ensinou a fazer renda? A cultura dos Morros de Mariana – Pi como influência na educação pela renda de bilros.2009.	Renda de bilro; história; oralidade; cultura; educação não formal; educação informal; arte.	http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3403	10
POETA, Joana Áurea Medeiros Lima. As Rendeiras de Morros da Mariana: projetos de design. São Paulo - SP, 2014	Design gráfico; artesanato; aspectos socioculturais; Piauí (estado); rendas; acessórios de moda.	Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana	11
VARINE, Hugues de; trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz. 2013.	Patrimônio; Museologia; Gestão do Patrimônio Cultural; Inventários Participativos	Acervo pessoal da pesquisadora	12

ENTREVISTAS

Nome/apelido	Fonte	Assunto
Francisca da Cunha Vieira (Francisquinha)	Entrevista concedida à Marinete Martins Vasconcelos na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 24/02/2021.	Renda de Bilro; patrimônio cultural; artesanato.
Maria Helena Castelo Branco Costa	Entrevista concedida à Marinete Martins Vasconcelos na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 24/02/2021.	Renda de Bilro; patrimônio cultural; artesanato.
Luzia Sá da Silva (Noga)	Entrevista concedida à Marinete Martins Vasconcelos na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 24/02/2021.	Renda de Bilro; patrimônio cultural; artesanato.
Edinalva Maria Alves	Entrevista concedida à Marinete Martins Vasconcelos na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 24/02/2021.	Renda de Bilro; patrimônio cultural; artesanato.
Clarice Carvalho dos Santos Souza	Entrevista concedida à Marinete Martins Vasconcelos na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 26/02/2021.	Renda de Bilro; patrimônio cultural; artesanato.
Maria do Socorro Reis Galeno	Entrevista concedida à Marinete Martins Vasconcelos na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 24 e 26/02/2021.	Renda de Bilro; patrimônio cultural; artesanato.
Ana Paula da Silva Sousa	Entrevista concedida à Marinete Martins Vasconcelos na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 30/07/2021.	Renda de Bilro; patrimônio cultural;

		artesanato.
Tarsila Inocêncio Santos	Entrevista concedida à Marinete Martins Vasconcelos na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 28/07/2021.	Renda de Bilro; patrimônio cultural; artesanato.
Maria do Socorro Freitas dos Santos	Entrevista concedida à Marinete Martins Vasconcelos na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 02/08/2021.	Renda de Bilro; patrimônio cultural; artesanato.

Responsáveis:

PESQUISADORAS	Marinete Martins Vasconcelos, Áurea da Paz Pinheiro
FOTÓGRAFA E DOCUMENTARISTA	Rita de Cássia Moura Carvalho
PREENCHIDO POR	Marinete Martins Vasconcelos
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Marinete Martins Vasconcelos, Áurea da Paz Pinheiro

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER DA RENDA DE BILRO

ILHA GRANDE | PIAUÍ | BRASIL

FICHA Nº 3 | FICHA DO TERRITÓRIO

MAPA DO TERRITÓRIO

Mapa 1. Área de Proteção Ambiental – APA Delta do Parnaíba



Fonte: <http://bioteia.com.br/apadelta/cadernos-orientadores/>

DENOMINAÇÃO DO TERRITÓRIO

Nome: Ilha Grande

OUTRAS REFERÊNCIAS DE LOCALIZAÇÃO

Local – Ilha Grande (Antes, Morros de Mariana)

A atual Ilha Grande foi povoada no ano de 1692, inicialmente por dona Mariana Alexandrino Viana e sua família, próximo às margens de um Igarapé afluente do rio Igaracu. Havia vários morros que podiam ser vistos de longe, o que provavelmente fora associado ao

nome da primeira moradora. Era denominado Morros da Mariana até a sua emancipação em 1994, passando a se chamar Ilha Grande (MENESES, 2009).

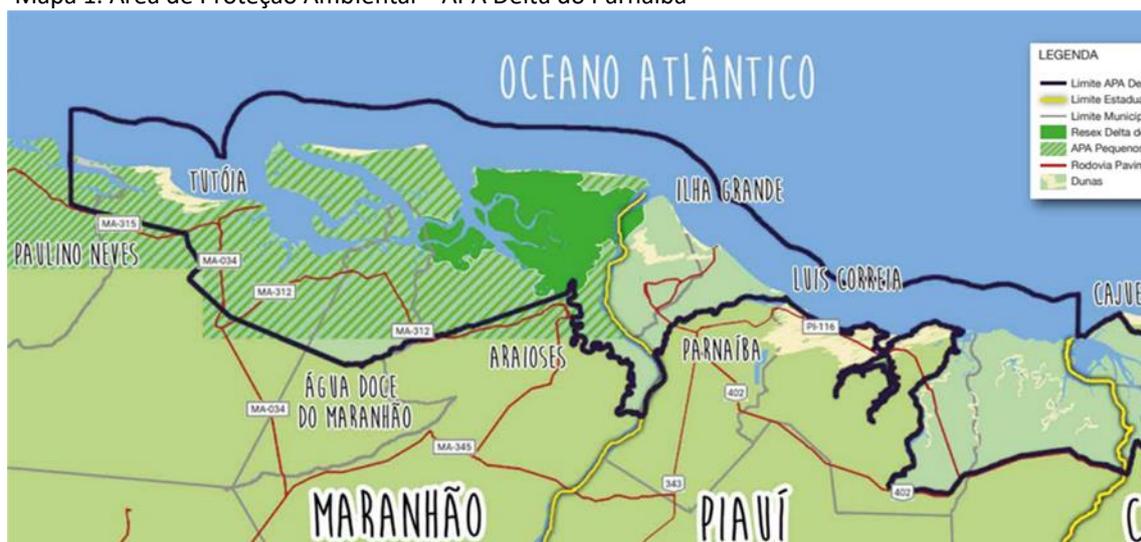
Até o ano de 1994, o município pertencia a Parnaíba, sendo desmembrado pela lei estadual nº 4680, de 20/01/1994, e passando a ser distrito de Ilha Grande, antes povoado de Morros da Mariana. Os Morros da Mariana compõem atualmente, em termos políticos, a Ilha Grande, o Porto dos Tatus e o ponto turístico Delta.

Ilha Grande, antes conhecida por “Morros de Mariana”, está dentro do circuito turístico para o passeio ao Delta.

A Casa das Rendeiras, está localizada no corredor de passagem para o ponto turístico Delta do Parnaíba, local de embarque para quem faz o passeio.

DELTA DO PARNAÍBA

Mapa 1. Área de Proteção Ambiental – APA Delta do Parnaíba



Fonte: <http://bioteia.com.br/apadelta/cadernos-orientadores/>

A Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba, Unidade de Conservação (UC) administrada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), criada pelo decreto s/n.º de 28.08.1996 por solicitação de ambientalistas, visando proteger o ecossistema costeiro formado por mangues e dunas localizados nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará. A APA possui aproximadamente 3.031 km² e seu acesso é feito pela BR-343 até Parnaíba, a partir de onde se torna possível visitar o Delta por meio de embarcações. É uma importante área da zona costeira brasileira por formar o único delta em mar aberto das Américas, com mais de 75 ilhas, sendo um santuário de reprodução de diversas espécies de peixes, caranguejos,

lagostas e camarões. A unidade protege também estuários onde se reproduz o peixe-boi marinho (ICMBio, 2019).

PORTO DOS TATUS

O porto dos Tatus é o ponto de maior movimento em todo o Delta: é embarque e desembarque de turistas, (Complexo Turístico Porto dos Tatus) e da população residente em outras ilhas que estudam em Ilha Grande ou Parnaíba; é entrada e saída de mercadorias e produtos agrícolas; entrada e saída de pescadores; entrada e saída de pessoas de Ilha Grande que trabalham em roças em outras ilhas ou no outro lado do rio; e, por fim, entrada diária de caranguejo e pescado (Ilha Grande, 2007).

UNIDADE DA FEDERAÇÃO – PIAUÍ

O município de Ilha Grande - (PI) está situado a aproximadamente 340 km da capital, Teresina, está localizado na microrregião do litoral piauiense, corresponde a uma área de 134,3km² (IBGE, 2010), tendo como limites, ao norte, o oceano Atlântico, ao sul, o município de Parnaíba, ao leste, o rio Parnaíba e o Oceano Atlântico, e a oeste, o Estado do Maranhão, separado pelo rio Parnaíba.

DESCRIÇÃO DE ILHA GRANDE | PAISAGENS PREDOMINANTES

A cidade está localizada entre lagoas e igarapés, aos arredores predominam matas ciliares, com domínio de carnaúba (*Copernicia prunifera*). O município está inserido na bacia hidrográfica do Baixo Parnaíba, portanto compreende formações vegetacionais arbustivas. A rede hidrográfica é composta pelo rio Parnaíba, pelos igarapés do Urubú, do Baixão, dos Morros, do Brejo e do Piriquito, e ainda por pequenas lagoas perenes formadas por águas pluviais (Ilha Grande, 2007).

PRINCIPAIS CONSTRUÇÕES

Igreja - Nossa Senhora da Conceição, construção arquitetônica da igreja foi inaugurada em 1946. A Festa da Padroeira é realizada em dezembro.

Santuário Nossa Senhora Mãe dos Pobres e Nossa Senhora do Piauí - localizado no centro da Cidade, é um dos símbolos de fé e devoção religiosa da população de Ilha Grande. É ponto turístico e mirante da cidade. Do alto do santuário pode-se ter uma vista das belezas naturais de Ilha Grande. Os festejos em homenagem a Nossa Senhora do Piauí são realizados no mês de julho e atraem fiéis de todo o Estado e região.

Casa das Rendeiras - Construída em 1993 com o apoio do governo estadual e municipal, fica localizada à rua Vitoriano Ribeiro, centro de Ilha Grande. É a sede da Associação das Rendeiras e ponto de comercialização dos produtos e ponto turístico de Ilha Grande.

Mesmo em frente ao Santuário, está localizada a praça central, no seu entorno estão a Câmara Municipal de Vereadores e o Anfiteatro de Ilha Grande.

A Prefeitura funciona em prédio alugado onde se encontra instalado o gabinete do Prefeito, a Secretaria de Administração e Finanças, além das assessorias. As demais secretarias estão instaladas em prédios também alugados (Ilha Grande, 2007).

Destacamos também as próprias moradias, casas construídas em alvenaria e cobertas de telha, pé direito baixo e de pequenas dimensões. Nas periferias e nas áreas rurais ainda há grande quantidade de casas de taipa, muitas das quais construídas sobre dunas de areia e em beiras de lagoas e igarapés. Quase todas as casas – no urbano e no rural - têm frutíferas plantadas nos seus quintais.

POPULAÇÃO ELEMENTOS NATURAIS

A população de Ilha Grande é formada principalmente por famílias de pescadores e lavradores. A maioria da população ganha a vida mediante a combinação das atividades de pesca artesanal (marinha e fluvial), coleta de caranguejo, cultivo de pequenos roçados anuais, cultivo de pomares domésticos, extrativismos, artesanato, pecuária leiteira e empregos públicos (Ilha Grande, 2007).

Há a população de crianças e jovens em idade escolar. Professores, comerciantes e funcionários de órgãos públicos compõem outra parcela da população.

VEGETAÇÃO

A vegetação predominante na região é de mata de transição entre caatinga e a floresta amazônica. A influência fluvial e marinha formou manguezais nas partes alagadas de beira de rio e extensas várzeas de alagações sazonais onde estão presentes palmeiras como babaçu, carnaúba, tucum e buriti (Ilha Grande, 2007).

FAUNA

Ilha Grande possui uma formação encravada em manguezais razoavelmente preservados, mas que não se constitui em área isenta da atividade antrópica (Ilha Grande, 2007).

FLORA

No município de Ilha Grande se distinguem quatro formações vegetais: manguezal, carnaubal, fruticeto de restinga e campo herbáceo (Ilha Grande, 2007).

CLIMA

O clima é tropical semiárido, quente e chuvoso, com períodos secos que chegam a durar até seis meses. O período chuvoso começa no mês de janeiro e prolonga-se até o mês de maio, tendo como trimestre mais chuvoso os meses de fevereiro, março e abril (Ilha Grande, 2007).

HISTÓRIA

A atual Ilha Grande foi povoada no ano de 1692, inicialmente por dona Mariana Alexandrino Viana e sua família, próximo às margens de um Igarapé afluente do rio Igaráçu.

Havia vários morros que podiam ser vistos de longe, o que provavelmente fora associado ao nome da primeira moradora. Era denominado Morros da Mariana até a sua emancipação em 1994, passando a se chamar Ilha Grande (MENESES, 2009).

Sabe-se que a região da costa litorânea do Piauí foi habitada inicialmente por povos originários, porém há ainda poucos trabalhos de pesquisa sobre o assunto (BORGES, 2011). O povoamento começou com nativos que foram dizimados com a colonização dos europeus no início dos anos 1500. A historiadora Claudete Dias (2008) fez uma análise acerca do povoamento no Piauí, destaca que o povoamento colonial provocou o despovoamento do nativo, levando a destruição de um povo e substituindo por uma sociedade colonial escravista.

Ilha Grande tem sua história marcada pela exploração da pecuária, grandes fazendas de gado de famílias tradicionais de Parnaíba, que exploraram essa atividade na comunidade. Segundo ALMEIDA (2014), deu-se também o cultivo da cana-de-açúcar para a produção de rapadura e de aguardente, mas a atividade não prosperou e os engenhos foram desativados. Os moradores cultivavam agricultura de subsistência.

Conforme Silva Filho, (2002) citado por Almeida, (2014), a partir de 1840 iniciou-se o plantio de arroz, porém em face da dificuldade de escoamento da safra por falta de estradas vicinais a atividade não prosperou.

Atualmente, a comunidade encontra-se em meio a atividade turística, membros da comunidade migram do seu modo de vida tradicional, para seguir nas atividades ligadas ao turismo.

Trata-se de uma comunidade detentora de um rico e complexo patrimônio cultural, com destaque para as artes de pesca artesanal e a renda de bilro, presentes na Ilha desde a colonização portuguesa no século XVI, consideradas uma das mais antigas e ricas manifestações de arte em linha, a renda e a rede de pesca. Neste trabalho, apresentamos o ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro em Ilha Grande.

DADOS SOCIOECONÔMICOS

De acordo com o último censo (IBGE, 2010) contava com 9.457 habitantes. A densidade demográfica é de 66,36 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Parnaíba no Piauí e de Araisos e Água Doce no Maranhão (CIDADE-BRASIL, 2020).

Constata-se que na economia de Ilha Grande não há uma divisão profissional rigorosa; as mesmas pessoas que pescam, também fazem roça, extrativismo, artesanato e assalariam-se, eventualmente, fazendo biscates. Até mesmo as pessoas que têm emprego fixo também pescam e fazem roça. Predomina, portanto, o trabalho familiar em moldes tradicionais e pré-capitalistas, com o envolvimento de todos os membros da família, por conta própria e utilizando recursos naturais até certo ponto livres ou obtidos mediante arrendamentos tácitos - principalmente em áreas territoriais de outras ilhas do delta do Parnaíba. São muito poucos os empregos formais, que se concentram no serviço público – especialmente na Prefeitura Municipal (Ilha Grande, 2007).

A pesca artesanal é a mais significativa atividade econômica e de subsistência do município, e se caracteriza principalmente por utilizar diferentes artes de pesca, por ser tradicionalmente passada de pais para filhos, assim como os conhecimentos associados à sua prática e experiência, que estabelece o ritmo da vida cotidiana em permanente contato com a natureza (ICMBio, 2020)

Outras atividades tradicionais significativas são desenvolvidas, como a Renda de Bilro, a agricultura familiar, a criação de animais, o extrativismo de sementes e frutos, também dependentes dos ciclos das chuvas, estão associados à subsistência e à segurança alimentar das famílias, muitas vezes complementando a renda de outras atividades como a pesca (ICMBio, 2020).

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: O OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER DA RENDA DE BILRO
ILHA GRANDE PIAUÍ BRASIL
FICHA N º 4 CATEGORIAS

4.1 OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Renda de Bilro ou Renda de Almofada. Nome mais comum na Região – Rendas de Bilro dos Morros da Mariana

Fazer renda ou trocar bilro é como se identifica com o ofício e modos de saber-fazer, uma atividade comum no cotidiano das mulheres da comunidade de Ilha Grande.

Fazer renda ou tocar renda consiste em movimentos repetidos de troca de bilros, gerando diversos pontos combinados.

Para descrever a Renda de Bilro, Fleury (2002) citado por Poeta (2014, p. 21), explica que “[...] é algo mais que uma estrutura têxtil descontínua, feita manual ou mecanicamente com fins artísticos ou decorativos, é vista como genuína somente a renda feita à mão, com agulhas ou bilros”.

O ofício e modos de saber-fazer geralmente desenvolvido por mulheres, feito em linha, manualmente pela manipulação de bilros e com a utilização de uma almofada com enchimento em palha seca de bananeira ou arroz, onde é fixado o molde com o desenho a ser rendado.

As mulheres se autodenominam “rendeiras” e produzem artigos para o lar e artigos de moda (roupas e acessórios).

A Renda de Bilro recebe essa denominação por ser desenvolvida com o uso do objeto “bilro”. As rendeiras desenvolvem peças como palas, aplicações, bicos, partes de peças de blusas, coletes etc., através do entrecruzamento dos bilros com linhas e sobre um papelão.

ONDE ESTÁ

Ilha Grande é uma pequena comunidade localizada no extremo norte do estado do Piauí, tem 100% do seu território na Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. A comunidade é detentora de saberes tradicionais passados de geração em geração como os apetrechos de pesca e sua fabricação, a pesca artesanal, a Renda de Bilro, o artesanato em palha de carnaúba, entre outros.

Nas residências em Ilha Grande é comum encontrar rendeiras em suas casas com uma ou mais almofadas com Renda de Bilro.

HISTÓRIA

As primeiras manifestações do ofício e modos de saber-fazer da renda possivelmente tenha surgido a partir de trabalhos muito simples, onde havia o entrelaçamento de fibras e fios para formar os tecidos. Ao longo do tempo, surgiram trabalhos manuais mais complexos como os bordados, que se utilizam de tecidos para serem realizados. Já a renda é feita sem a necessidade de uma base, é feita pelo entrecruzamento de linhas sobre o molde, ou piques, papelão que é fixado na almofada, e com o manuseio do artefato principal: o bilro.

No Brasil, a literatura nos informa a renda de bilro chegou trazida pelos portugueses durante a colonização. As mulheres que acompanhavam seus maridos trouxeram consigo esse ofício e modos de saber-fazer, que se tornou uma atividade de subsistência ao longo do litoral brasileiro. Segundo Luz (2016, p.19), “[...] os portugueses trouxeram a renda para enfeitar trajes da igreja, além de toalhas, lençóis, cortinas e peças do vestuário da nobreza”.

A Renda de Bilro dos Morros de Mariana (ALMEIDA, 2018) teria sido trazida por Dona Mariana, que teria transmitido para outras mulheres o ofício e modos de saber-fazer, que tem atravessado a história de gerações, faz parte do cotidiano de mulheres que conservam o ofício e dão sentido às histórias e às memórias da comunidade.

PERÍODOS IMPORTANTES

O ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro é realizado o ano inteiro, sem estar associado a nenhum período ou data importante. A atividade é uma referência de memória e identidade, bem cultural vinculado ao cotidiano das famílias da comunidade de Ilha Grande desde a colonização portuguesa no território no século XVIII, desde quando vem sendo transmitido oralmente de geração em geração.

De acordo com Meneses (2006) conforme citado por Almeida (2018, p.28) é possível que o surgimento da Renda de Bilro nos Morros de Mariana tenha ocorrido por intermédio de Dona Mariana, considerada a primeira moradora dos Morros, motivo pelo qual foi denominado o nome da localidade “Morros de Mariana”. Da mesma forma que surgiu em outros Estados do País, a Renda nos Morros teria sido introduzida por mulheres descendentes de portugueses, que trouxeram esse ofício e modos de saber-fazer de Portugal no período colonial e espalharam pelo litoral e sertão nordestinos.

SIGNIFICADOS

Ilha Grande está atravessada por patrimônios naturais e culturais. O ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro constitui uma importante atividade na comunidade. É complemento de renda da família, além de ser considerado por todas as rendeiras envolvidas neste IP uma atividade que lhes dá prazer, deleite. Em todos os depoimentos colhidos nas entrevistas individuais e coletivas relatam que fazem renda principalmente porque gostam muito, depois pela necessidade do complemento da renda familiar.

É uma profissão que eu gosto, eu aprendi pela dificuldade, mas eu dou muito valor, gosto muito, é a minha profissão mesmo, assim, de tudo que eu tenho é à custa da minha renda, da minha almofada (Trecho da Entrevista com a Senhora Socorro Galeno, concedida à Marinete Vasconcelos, dia 24 de fevereiro de 2021, na Casa das Rendeiras).

Percebemos que as dificuldades financeiras que marcam a vida cotidiana das mulheres as motivaram a aprender o ofício, que ao longo de décadas ganha importância cultural, social e econômica para suas detentoras. As narrativas das rendeiras nos permitiram compreender que o trabalho das rendeiras sempre foi importante para o sustento das suas famílias.

[...] todo tempo eu estou com um dinheirinho [...] para complementar a minha renda, porque lá em casa a gente não tem salário, nossa ajuda é o bolsa família e as coisinhas que aparecem lá. Meu marido é pescador e trabalha em roça, e aí eu trabalho porque é necessário e também porque eu gosto muito mesmo (Trecho da Entrevista concedida pela Senhora Francisca Vieira à Marinete Vasconcelos, dia 24 de fevereiro de 2021, na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, Piauí).

O trabalho das rendeiras é complexo e demorado, exige muito do corpo físico, os movimentos das mãos na altura do busto, sentadas em cadeiras de plástico ou de madeira por longas horas, o que lhes causa dores de coluna. Nestes tempos de pandemia (COVID-10), as mulheres tiveram a saúde mental afetada, vez que estarem juntas lhes proporciona prazer, relações de afeto, de sociabilidades.

A Senhora Luzia Silva relata a importância do trabalho como atividade terapêutica.

É bom, uma terapia, tive bastante doente, eu sou sozinha com meu esposo, tenho filho que mora distante daqui, e lá é afastado da cidade, aí comecei a entrar em depressão, e aqui eu me sinto melhor fazendo renda, não fico pensando nas coisas. (Trecho da Entrevista concedida pela Senhora Luzia Silva à Marinete Vasconcelos, dia 24 de fevereiro de 2021, na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, Piauí).

As rendeiras comumente exercem o ofício nos turnos da tarde e noite, depois de realizarem os afazeres domésticas, o que inclui cuidar da família, esposo, filhos e netos. Os companheiros, geralmente, são pescadores ou trabalham em roça. Apoiam suas mulheres e até ajudam na confecção dos artefatos, como é o caso do Sr. Nonato, esposo de Francisca Vieira, que confecciona as almofadas e os bilros.

DESCRIÇÃO

ETAPAS

Na produção de renda de bilro são usadas linhas adquiridas em armarinhos na cidade de Parnaíba e Teresina. Para cada tipo de renda há uma linha específica, às vezes mais delicadas, outras de estruturas mais firmes, coloridas etc.

Para iniciar um trabalho é necessário que a rendeira esteja com a almofada, o molde e os bilros com linha. A forma de enrolar a linha no bilro consiste em segurar o bilro com a mão direita, passar a linha por baixo do cabo e prendê-la, continuar a enrolar girando o bilro em sua direção para enchê-lo de linha. A rendeira dá uma laçada com a linha que permite o desenrolar fácil, com movimentos sutis à medida que vai tecendo a renda.

Os movimentos de troca de bilros dão forma aos mais diversos pontos de renda. Elas seguram dois bilros em cada mão, giram a mão direita e a mão esquerda simultaneamente para a esquerda e trocam os pares da mão direita com os da mão esquerda entrecruzando, criando uma tela, colocam o alfinete para firmar o ponto, e repete o movimento de troca dos pares de bilro.

PESSOAS ENVOLVIDAS NO OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER

O ofício e modos de saber-fazer é exclusivo de cada rendeira. A confecção das almofadas e bilros atualmente é feita por um companheiro de uma rendeira, porém nas entrevistas elas relatam que sabem fazer seus materiais.

Na minha casa eu tenho umas 10 almofadas, e, antigamente, era eu mesma que fazia, agora não que a Francisquinha está fazendo, o marido dela faz aí facilita mais né, porque é muito pesado para a gente (Trecho da Entrevista concedida pela Senhora Francisca Vieira à Marinete Vasconcelos, dia 24 de fevereiro de 2021, na Casa das Rendeiras, Ilha Grande, Piauí).

Atualmente, as rendeiras deixaram de fazer almofadas e bilros pela facilidade de adquirir para compra em pronta entrega.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

O material necessário para a realização do ofício é a linha. São utilizadas tipologias diferentes de acordo com a peça a ser confeccionada.

As linhas mais usadas pelas rendeiras conhecidas por nomes comerciais, são:

- Esterlina nº10
- Esterlina nº20
- Camila
- Clara brilhante
- Corrente marrom

São usados alfinete, agulha de crochê, tesoura, para auxiliar a rendeira em seu ofício.

O OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER

A Renda de Bilro é uma tipologia de ofício e modo de saber-fazer em linha, através dos movimentos de troca dos bilros que são conduzidos por mãos habilidosas que vão preenchendo com as linhas, dando forma aos desenhos (piques) previamente feitos no molde ou papelão. Não é necessária uma base para tecer a Renda, a execução se dá apenas pelos movimentos de troca de bilros.

PRODUTOS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

A principal característica da Renda de Bilro é a forma de confecção manual, sem a utilização de qualquer base/tecido, com a utilização dos equipamentos (almofadas, bilros) mantendo a tradição da cultura local.

ROUPAS E ACESSÓRIOS

Não há roupas e acessórios associados ao ofício.

EXPRESSÕES CORPORAIS

Não há expressões corporais ou danças associadas ao ofício. Todas as rendeiras tecem sentadas, os movimentos são com as mãos e antebraços ao manipular os bilros.

EXPRESSÕES ORAIS

Não há expressões orais, músicas, canções e outras formas de expressões orais associadas ao ofício.

OBJETOS IMPORTANTES, ELEMENTOS UTILIZADOS

Os objetos necessários ao ofício e modos de saber-fazer são a almofada, o papelão, a linha, alfinetes e o bilro.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

Para a confecção da Renda de Bilro há uma estrutura mínima necessária, geralmente elas tecem nas suas casas em uma calçada, sala. No caso das mulheres da ARMM elas tecem na sala principal da casa. Basicamente o recurso são as linhas adquiridas no comércio à medida que vão precisando.

TRANSMISSÃO DO OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER

Não há escolas que ensinem o ofício e modos de saber-fazer, que são transmitidos de forma oral de geração em geração.

A senhora Socorro nos fala em sua entrevista que as famílias obrigavam as filhas a aprenderem um ofício, a Renda de Bilro era um deles.

Eu aprendi em casa com a minha mãe e eu não gostava não, eu aprendi fazer a renda criança, eu chorava, ah eu não acredito que vou ter que fazer esse negócio, eu dizia para minha mãe, e ela: fica aí sentada, e antigamente quando eu aprendi não tinha os desenhos, só tinha o papelãozinho, só com os furos, entendeu? era só com os furos, não tinha marca nenhuma, aí eu porque antigamente não tinha, quando eu era criança, eu sou de 53, aprendi mais ou menos com sete ou oito anos, naquele tempo não tinha máquina de xerox essas coisas não, era só os buraquinhos que é chamado crivado né, aí minha amiga, na hora de fazer a renda eu não sabia onde era as traças, não sabia onde era carreira, não sabia onde era charita, não sabia onde era ponte (ela se refere aos nomes dos pontos), só tinha o molde do desenho da ponta mas só no buraquinho, aí era luta, aí a minha mãe era rígida: você vai ter que aprender, isso aqui é uma profissão, e todas nós mulheres temos que aprender um ofício. Na minha casa era costurar, fazer renda e bordado (Trecho da Entrevista com a Senhora Socorro Galeno, concedida à Marinete Vasconcelos, dia 24 de fevereiro de 2021, na Casa das Rendeiras).

Geralmente as mulheres das famílias aprendiam entre 7 e 9 anos de idade, e sempre houve a preocupação de complementar a renda da família, mesmo não sendo uma atividade geradora de renda, havia um desejo de aprender o ofício.

Eu aprendi com uma vizinha, eu comecei a fazer renda com 7 anos, porque antigamente aqui tinha um festejo de Nossa Senhora da Conceição, aqui tem ainda, e gente ainda era daquelas que só ia com roupa boa, andar bem vestida, bem arrumadinha, e a minha mãe tinha muitos filhos, minha mãe teve 15, nós, ela não tinha condições de manter nós com aquela roupa, filhos de pescador, muito pobre, nós tinha que se virar [...] (Trecho da Entrevista com a Senhora Luzia Sá, concedida à Marinete Vasconcelos, dia 24 de fevereiro de 2021, na Casa das Rendeiras).

AVALIAÇÃO

Com a realização deste Inventário, percebemos que há uma preocupação com a continuidade do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, sobretudo porque há uma pequena quantidade de rendeiras em atividade. Observamos que há pouco interesse de pessoas da comunidade pelo ofício. São inúmeros os fatores, dentre eles, os preços da renda, diante da alta complexidade de produção associada ao tem empregado na produção.

Tem mês que não faço nem um centavo, tem mês que dá para fazer, (ela me pergunta quanto eu acho que custa a renda que está na almofada), passo 15 dias para fazer e custa \$40,00 (Quarenta reais), é porque a gente gosta da nossa profissão (Trecho da Entrevista com a Senhora Luzia Sá, concedida à Marinete Vasconcelos, dia 24 de fevereiro de 2021, na Casa das Rendeiras).

As rendeiras relatam que há senhoras produzindo renda desde décadas passadas. A população envelheceu e, hoje, os jovens não têm interesse no ofício, o que ocasiona ao longo do tempo a perda da memória do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro.

RECOMENDAÇÕES

Recomendamos outras pesquisas e intervenções com a comunidade, trabalhos de educação patrimonial voltados para a valorização do rico patrimônio cultural associado à Renda de Bilro.

Recomendamos, ainda, parcerias das rendeiras com do poder público na elaboração de políticas a fim de obter recursos necessários ao funcionamento de uma escolinha que venha garantir a continuidade da memória do ofício e modos de saber-fazer para as presentes e futuras gerações.

4.2.1 OBJETOS

IDENTIFICAÇÃO

NOME: ALMOFADA E SEUS OBJETOS COMPLEMENTARES

A almofada é o instrumento/base para a confecção da Renda de Bilro. É fabricada em um tecido com tamanho que pode variar 45 centímetros de largura e 60 a 70 centímetros de comprimento. É costurada em formato de cone, com extremidades igualmente costuradas com uma bainha de 2 cm em média. Por dentro da bainha passa um torçal que é puxado formando um cilindro a ser preenchido com o enchimento de palhas secas de bananeira ou de arroz.

Antigamente a gente usava era aquelas redes quando rasgava, pano de rede, aí fazia aquele saco e enchia de palha de bananeira ou de palha de arroz, mas a gente fazia para gente mesmo, não era para comercializar, e os bilros também. Como a Francisquinha chegou agora, a gente parou, porque aí fica mais fácil (Trecho de depoimento da senhora Luzia, concedido à Marinete Vasconcelos em 24 de fevereiro 2021).

As palhas são colhidas pelas artesãs nas roças, colocadas para secar para depois servirem para o enchimento das almofadas. A rendeira Francisca Vieira explica como faz a colheita [...] o enchimento é de palha de arroz, a gente vai na roça pegar a palha, põe para secar e depois vai encher (Entrevista concedida pela Senhora Francisca Vieira, à Marinete Vasconcelos em 2021).

As almofadas e os bilros utilizados atualmente pelas artesãs da Casa das Rendeiras são confeccionadas por uma das rendeiras da Casa juntamente com o seu esposo, que também é artesão. A senhora Francisca me conta que aprendeu a fazer os materiais necessários para fazer renda pela própria necessidade.

As almofadas era eu que fazia também, comecei a fazer e vender a minha [...] eu já ensinei foi ele a fazer as almofadas porque meus braços ficando fraco porque bota força para encher a almofada, e aí ele começou a fazer os bilros e as almofadas, eu só costuro o pano e ele enche". (Entrevista concedida pela Senhora Francisca Vieira, à Marinete Vasconcelos em 24 de fevereiro 2021).

Atualmente as almofadas são confeccionadas pelo esposo de Francisca, que é artesão e pescador.

OBJETOS COMPLEMENTARES

4.2.2 PAPELÃO OU MOLDE

O papelão é fixado na almofada com o desenho a ser rendado. São feitos pequenos furos para demarcar os pontos da renda, uma espécie de guia para a artesã desenvolver a renda.

Geralmente as rendeiras reutilizam papel de calendário, elas classificam como o ideal para fazer o molde. Quando há necessidade, utilizam papel paraná adquirido em papelarias.

ALFINETES

São usados para fixar o molde na almofada e prender os pontos da renda que percorrem o desenho no papelão. São utilizados alfinetes de aço niquelado nº29.

4.2.3 NOME: Bilro

DESCRIÇÃO

O Bilro utilizado pelas rendeiras de Ilha Grande é feito de Tucum – fruto de uma palmeira comum na região - espécie de coco de coloração escura e formato esférico. Os frutos são colhidos já secos e depois são lixados para deixá-los bem lisos.

Acho que é em janeiro que os tucuns estão tudo maduro, agora eles já ficaram maduros e já caíram, o pior é que a gente tá preocupada porque toda vez que meu esposo vai atrás, quando chega lá já cortaram um bocado de pé, o povo tá cortando a madeira, e é uma madeira que é cheia de espinho, o caule dele é todo cheio de espinho, o povo corta, toca fogo e corta para fazer cerca (Entrevista concedida pela Senhora Francisca Vieira, à Marinete Vasconcelos em 24 de fevereiro 2021).

Em seguida é preparada a haste que vai ser colocada no tucum. A haste complementa o bilro, é feita em madeira bem leve, tem em média 15cm de comprimento. A madeira é lixada até ficar roliça, um acabamento delicado feito pelas próprias rendeiras ou por seus companheiros.

[...] a gente pega o tucum e fura ele, pega a madeirinha e arruma bem direitinho né, para fazer o cabo dos bilros para nós poder trabalhar. A madeira dos bilros a gente compra e racha no meio, o buraquinho no tucum é feito na faca também, ele já até furou a mão umas duas vezes (se referindo ao marido) (Trecho de entrevista concedida pela Senhora Francisca Vieira, à Marinete Vasconcelos em 24 de fevereiro 2021).

Uma das extremidades do Tucum é furada para receber o cabo do bilro, esse é feito em madeira. O bilro funciona como uma espécie de bobina onde é enrolada a linha para a confecção da renda.

IDENTIFICAÇÃO

4.2.4 NOME: Grade/cavalete

O cavalete é uma base confeccionada em madeira, que se assemelha à base de uma banqueta de madeira para servir de assento. Trata-se do suporte que sustenta a almofada para que esta fique na altura da cadeira da rendeira.

Imagem

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER A RENDA DE BILRO
ILHA GRANDE PIAUÍ BRASIL
FICHA Nº 5 FICHA DAS ENTREVISTAS

1. LOCALIZAÇÃO: ILHA GRANDE, CASA DAS RENDEIRAS - RUA VITORIANO RIBEIRO, 369 - CENTRO, ILHA GRANDE | PI

2. IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADA Francisca da Cunha Vieira
Casa das Rendeiras, 24 de fevereiro de 2021 Ilha Grande -PI

3. IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO

CATEGORIA VÍDEO	SOM
LOCALIZADOR audio_01_mp3	
ASSUNTO Patrimônio Cultural Imaterial; Inventário Participativo; Renda de Bilro; Ofício e Modos de Saber-fazer; Ilha Grande; Meio Norte do Brasil; Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.	
DESCRIÇÃO TÉCNICA: Formato MP3	

4. DESCRIÇÃO

Entrevista realizada por Marinete Martins Vasconcelos e Rita de Cássia Moura Carvalho, com uso das metodologias da história oral e etnografia. A entrevista foi realizada na Casa das Rendeiras no dia 24 de fevereiro de 2001
--

5. FONTE

Entrevista. Francisca da Cunha Vieira. Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 24 de fevereiro de 2021.

6. SENTIDO

A escolha da entrevistada por ser uma das rendeiras da primeira geração detentoras do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro que trabalha cotidianamente na Associação das Rendeiras de Ilha Grande - Casa da Rendeiras no município de Ilha Grande

7. RESPONSÁVEIS

PESQUISADORAS: MARINETE MARTINS VASCONCELOS,
ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

FOTÓGRAFA E DOCUMENTARISTA: RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

PREENCHIDO POR: MARINETE MARTINS VASCONCELOS

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO: MARINETE MARTINS VASCONCELOS, ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

Pergunta: Como você aprendeu o ofício?

“Eu morava no Pará e aí quando eu cheguei aqui eu via a sobrinha do meu marido fazendo, ela estava aprendendo também nesse tempo, aí eu fiquei curiosa né, eu vi ela fazendo, aí eu disse, ah eu quero aprender a fazer renda também ... eu disse Leila quando tiver curso na Casa das Rendeiras tu me avisa que eu quero entrar, aí logo surgiu um curso, e eu me inscrevi, eu não tinha condições de comprar muito assim materiais, os bilros, tinha bem pouquinho, aí eu comecei, vim aprendendo e comecei a inventar meus bilros, tudo torto (risos), eu fazendo lá e meu marido ficou vendo aí foi o tempo que, ele que faz os bilros né, que a gente trabalha, depois ele começou a fazer, aí ele ficava dizendo: ah tu vai inventar isso e nem vai para frente, porque eu aprendi a bordar ponto cruz, e aí eu não gostei muito não, aí ele disse: vai ser outro curso que tu vai fazer que não vai para frente, eu disse: não vai não, tu vai ver como eu vou fazer renda, vou aprender e vou trabalhar com isso, aí ele começou a fazer os bilros para mim, as almofadas era eu que fazia também, comecei a fazer e vender a minha, e aí eu fiquei aqui trabalhando, e aí depois já comecei foi a trabalhar e não saí mais daqui de jeito nenhum da Casa das Rendeiras, eu já ensinei foi ele a fazer as almofadas porque meus braços ficando

fraco porque bota força para encher a almofada, e aí ele começou a fazer os bilros e as almofadas, eu só costuro o pano e ele enche”.

Pergunta: Você já ensinou o ofício a outras pessoas?

Gosto muito desse trabalho, comecei também, apareceu uns cursos aí, o SEBRAE pagou a gente como professora, já ensinei a bastante gente, já saí para fora para ensinar, aqui dentro do estado, no sul do Piauí, estou ensinando agora (risos)”.

Pergunta: Por que você exerce a atividade?

“Eu faço porque eu gosto muito, e também, o meu trabalho é esse, eu trabalho nisso né, eu sou associada na colônia de pescadores mas também eu preciso disso aqui, porque lá é só de ano em ano porque tem a piracema, e aqui não, todo tempo eu tô com um dinheirinho né, para complementar a minha renda, porque lá em casa a gente não tem salário, nossa ajuda é o bolsa família e as coisinhas que aparecem lá, meu marido é pescador e também trabalha em roça, e aí eu trabalho porque é necessário e também porque eu gosto muito mesmo”.

Pergunta: Descreva em detalhes o seu ofício, preparação, fabricação da almofada ...

“Então, a almofada que a gente trabalha é de chita, né, de tecido chitão, eu compro e faço esse saco para encher, o enchimento é de palha de arroz, a gente vai na roça pegar a palha, põe para secar e depois vai encher né, e os bilros é feito de tucum, uma fruta que tem aqui, a gente pega o tucum e fura ele, pega a madeirinha e arruma bem direitinho né, para fazer o cabo dos bilro para nós poder trabalhar, a madeira dos bilros a gente compra e racha no meio, o buraquinho no tucum é feito na faca também, ele já até furou a mão umas duas vezes (se referindo ao marido), aí o papelão a gente, sempre a D. Socorro que é a presidente daqui faz o desenho para nós, aí a gente vai e tira a xerox, e aí vai e cola no papelão, pode ser em papel cartão ou então calendário, a gente reaproveita os calendários porque o papelão é muito bom para gente trabalhar. Tem também um papelão que a gente compra, que agora a gente quase não estar comprando mais ele porque é grosso, que é um papel paraná o nome dele, compra nos armarinhos, aí a gente faz o papelão, coloca o desenho em cima e cola para poder trabalhar”.

Pergunta: O que você sabe sobre o aparecimento da renda em Morros da Mariana?

“A gente não sabe explicar direito de onde foi que veio, deve ser do lugar mesmo no litoral, porque lá no Pará é barro amarelo, a terra lá é amarela, e eu já fui passar um tempo lá, fui cuidar do meu pai, aí pedi pro meu marido levar meus materiais para trabalhar, mas peça

branca, por mais cuidado que a gente tenha, mas ainda fica amarelo, tem as poeirinhas aí fica tudo amarelo, não dá certo a gente trabalhar com renda para lá não”.

Pergunta: Como são adquiridos os bilros e almofadas?

“Acho que é em Janeiro que os tucuns estão tudo maduros, agora eles já ficaram maduros e já caíram. O pior é que a gente está preocupada porque toda vez que meu esposo vai atrás, quando chega lá já cortaram um bocado de pé. O povo está cortando a madeira, e é uma madeira que é cheia de espinhos, o caule dele é todo cheio de espinhos, o povo corta, toca fogo e corta para fazer cerca”.

Pergunta: O que é que você considera um bom bilro?

“O tucum tem que ser grande, tem tucum de todo tamanho, tem uns que é bem pequenino”.

Pergunta: Quais matérias primas você utiliza e como são adquiridas?

A linha a gente compra nos armarinhos, alfinetes ... alfinetes agora está muito difícil, até a linha com essa pandemia, ninguém está encontrando, essa pala que vou começar agora só tem um tubinho de linha da “rendeira” (marca da linha), tem até uma linha que foi batizada o nome de rendeira em nossa homenagem eu acho (risos), que ela a linha “renascer” aí agora o nome dela é “rendeira”, e aí não está tendo no comércio para vender.

Pergunta: Há um fundo recurso para a compra de material?

“Não, cada rendeira compra seu material, aí eu recebo o valor que é vendida a peça e pago uma mensalidade de \$6,00 (seis reais)”.

Pergunta: Quantas horas você trabalha por dia na atividade?

“Trabalho demais, aqui eu venho para cá 7h por exemplo e fico até 11h, aí vou em casa, almoço, descanso um pouquinho lá, volto de novo 1h (13h) e fico até 5h (17h). Aí descanso depois de noite lá em casa, aí depois quando dá assim 8h (20h) começo de novo, até 11 horas as vezes da noite.

Pergunta: Quantas peças você faz em um mês de trabalho?

“É difícil saber, essa aplicação aqui eu acho que é uns quatro ou cinco dias trabalhando todo o dia”.

Pergunta: Como são comercializadas as peças?

“Quando não é encomenda a gente faz e coloca aí na loja”.

Pergunta: Essa é sua atividade principal (principal fonte de renda)?

“Meu marido é pescador, aí como ele é pescador a gente tem direito de se associar na associação dele, mas a minha atividade principal é essa aqui”.

Pergunta: Você considera que a comunidade local reconhece e valoriza seu trabalho?

“Muito não, agora está até mais assim, está mais conhecido aqui, mas antigamente, não”.

Pergunta: Quais transformações surgiram no seu ofício desde que você o faz?

“As peças mudaram, mais pessoas ficaram conhecendo”.

1. LOCALIZAÇÃO: ILHA GRANDE, CASA DAS RENDEIRAS - RUA VITORIANO RIBEIRO, 369 - CENTRO, ILHA GRANDE | PI

2. IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADA Maria Helena Castelo Branco Costa (D. Helena)
LOCAL, DIA E HORA Ilha Grande -PI

3. IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO

CATEGORIA VÍDEO	SOM
LOCALIZADOR audio_01_mp3	
ASSUNTO Patrimônio Cultural Imaterial; Inventário Participativo; Renda de Bilro; Ofício e Modos de Saber-fazer; Ilha Grande; Meio Norte do Brasil; Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.	
DESCRIÇÃO TÉCNICA: Formato MP3	

4. DESCRIÇÃO

Entrevista realizada por Marinete Martins Vasconcelos e Rita de Cássia Moura Carvalho, usando as metodologias da história oral e etnografia. A entrevista foi realizada na Casa das Rendeiras no dia 24 de fevereiro de 2001
--

5. FONTE

Entrevista oral. Maria Helena Castelo Branco Costa. Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 24 de fevereiro de 2021.

6. SENTIDO

A escolha da entrevistada por ser uma das rendeiras da primeira geração detentora do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro que trabalha cotidianamente na Associação das Rendeiras de Ilha Grande - Casa da Rendeiras no município de Ilha Grande

7. RESPONSÁVEIS

PESQUISADORAS: MARINETE MARTINS VASCONCELOS,
ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

FOTÓGRAFA E DOCUMENTARISTA: RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

PREENCHIDO POR: MARINETE MARTINS VASCONCELOS

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO: MARINETE MARTINS VASCONCELOS, ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

Pergunta: Como você aprendeu o ofício?

“Aprendi com minha avó quando eu tinha 7 anos de idade, mas aí eu não sabia fazer renda com traça, era só aqueles biquinhos estreitinhos, aí depois foi que eu aprendi a fazer com uma moça que trabalha do outro lado aí (ela se refere a alguém da cooperativa ao lado), aí foi que eu aprendi com ela, fui aprender a fazer traça, fui aprender a fazer blusa, aprender a fazer essas outras coisas, mas eu vim aprender mesmo direito mesmo os pontos foi quando eu entrei aqui, porque quando eu cheguei aqui eu não sabia o que era colchete (um tipo de ponto), aí aqui me ensinaram muita coisa que ela me ensinou errado, e aqui eu aprendi.

Pergunta: Quantas horas você trabalha por dia na atividade?

“Eu chego aqui 1h e saio 5h, chego em casa descanso alí as costas um pouco, porque eu cuido de um menino, aí que quando vou ter tempo de pegar, na hora que ele dorme já é mais tarde, aí é assim, trabalho em casa até na hora de vir para cá, aí deixo a de lá e venho para cá. Tem vez que eu me distraio tanto fazendo que quando vou olhar a hora no celular já é 1 e pouco, eu faço aqui e em casa a gente tem a almofada da gente também”.

Pergunta: Quantas peças você faz em um mês de trabalho?

“Você sabe, eu boto peça aqui na almofada mais nem presto atenção, assim, não cálculo, porque é só a parte da tarde, e num instante as horas se passam”.

Pergunta: Como são adquiridos os bilros e almofadas?

“Tem uma parte aqui que foi eu que fiz mais meu marido, e os outros comprava da Francisquinha, as almofadas também nós compramos dela, mas meu marido também faz, mas aí depois que ela começou a fazer nós não fizemos mais, nós compramos dela”.

Pergunta: Quais matérias primas você utiliza e como são adquiridas?

“As linhas é a gente mesmo que compra, tem vez quando a gente está com dinheiro a gente vai para Parnaíba comprar nos armarinhos, quando a gente não está a Edinalva vende, a gente compra dela”.

Pergunta: Essa é sua atividade principal (principal fonte de renda)?

“Eu sou aposentada né, mais aí esse dinheirinho que a gente recebe aqui ajuda, é um complemento que a gente ganha para ir ajudando, é para ajudar na despesa e é porque é um serviço que eu gosto muito, eu faço aqui e faço em casa”

Pergunta: Você considera que a comunidade local reconhece e valoriza seu trabalho?

“Rapaz aqui no nosso lugar, apesar de ter muita gente aqui que sabe fazer, mas não dá valor não, as pessoas de fora que chegam para comprar é que dá valor ao serviço da gente”.

Pergunta: Quais transformações surgiram no seu ofício desde que você o faz?

“O desenho aqui é com a D. socorro, quando a gente pega um serviço é ela quem ajeita o desenho. Mudou bastante os desenhos”.

1. LOCALIZAÇÃO: ILHA GRANDE, CASA DAS RENDEIRAS - RUA VITORIANO RIBEIRO, 369 - CENTRO, ILHA GRANDE | PI

2. IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADA Luzia Sá da Silva - Pedagoga, 61 anos
--

LOCAL, DIA E HORA Ilha Grande, PI

3. IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO

CATEGORIA VÍDEO

SOM

LOCALIZADOR audio_01_mp3

ASSUNTO Patrimônio Cultural Imaterial; Inventário Participativo; Renda de Bilro; Ofício e Modos de Saber-fazer; Ilha Grande; Meio Norte do Brasil; Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.
--

DESCRIÇÃO TÉCNICA: Formato MP3

4. DESCRIÇÃO

Entrevista realizada por Marinete Martins Vasconcelos e Rita de Cássia Moura Carvalho, usando as metodologias da história oral e etnografia. A entrevista foi realizada na Casa das Rendeiras no dia 24 de fevereiro de 2001
--

5. FONTE

Entrevista oral. Luzia Sá da Silva. Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 24 de fevereiro de 2021.

6. SENTIDO

A escolha da entrevistada por ser uma das rendeiras da primeira geração detentora do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro que trabalha cotidianamente na Associação das Rendeiras de Ilha Grande - Casa da Rendeiras no município de Ilha Grande

7. RESPONSÁVEIS

PESQUISADORAS: MARINETE MARTINS VASCONCELOS,
ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

FOTÓGRAFA E DOCUMENTARISTA: RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

PREENCHIDO POR: MARINETE MARTINS VASCONCELOS

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO: MARINETE MARTINS VASCONCELOS, ÁUREA DA
PAZ PINHEIRO

Pergunta: Como você aprendeu o ofício?

“Eu aprendi com uma vizinha, eu comecei a fazer renda com 7 anos, porque antigamente aqui tinha um festejo de Nossa Senhora da Conceição, aqui tem ainda, e gente ainda era daquelas que só ia com roupa boa, andar bem vestida, bem arrumadinha, e a minha mãe tinha muitos filhos, minha mãe teve 15, nós, ela não tinha condições de manter nós com aquela roupa, filhos de pescador, muito pobre, nós tinha que se virar, aí eu com 7 anos comecei a fazer um bico chamado “chega para tudo”, que eu lhe mostrei, é o que aquela menininha tá fazendo, aí eu comecei, de lá para cá, até hoje”.

“É bom, uma terapia, tive bastante doente, eu sou sozinha com meu esposo, tenho filho que mora distante daqui, e lá é afastado da cidade, aí comecei a entrar em depressão, e aqui eu me sinto melhor fazendo renda, não fico pensando nas coisas”.

“Isso aqui não deveria se acabar, se as autoridades olhassem com bons olhos dava chance dos mais novos continuar, levar adiante essa arte, porque antes, aqui era cheio de senhoras e hoje se encontram poucas, o tempo vai passando, você vai envelhecendo e tudo vai mudando”

Pergunta: Você já ensinou o ofício a outras pessoas?

“Já. Ensinei para duas cunhadas minhas, já ensinei, estou ensinando agora para uma garotinha com 8 anos que é a Emilaine, está aprendendo”.

Pergunta: Essa é sua atividade principal (principal fonte de renda)?

“Para lhe dizer eu nem tenho renda, é porque eu gosto mesmo de trabalhar. Mesmo quando eu estava trabalhando na ativa, eu fazia renda. Meu marido dizia: mulher para com isso, não

tem hora para ti, mas é porque eu gosto de fazer, gosto de verdade. Eu vivo assegurada do INSS, meu marido vive de bico”.

Pergunta: Como são adquiridos os bilros e almofadas?

“Na minha casa eu tenho umas 10 almofadas, e antigamente era eu mesma que fazia, agora não que a Francisquinha está fazendo, o marido dela faz aí facilita mais né, porque é muito pesado para gente”.

“Antigamente a gente usava era aquelas redes quando rasgava, pano de rede, aí fazia aquele saco e enchia de palha de bananeira ou de palha de arroz, mas a gente fazia para gente mesmo, não era para comercializar, e os bilros também, como a Francisquinha chegou agora, a gente parou, porque aí fica mais fácil”.

Pergunta: Em relação aos moldes, desenhos?

“Tenho muitos, tudo que aparecia de moldes diferentes, de modelos diferentes, eu tinha a curiosidade de ter comigo, porque cada cliente a gente expor alguma coisa que a gente tem (ela me mostra alguns desenhos no celular capturados do Pinterest), eu mostro e a pessoa tem uma noção, tem tanto da nossa região quanto de outras regiões”.

Pergunta: O que você sabe sobre o aparecimento da renda em Morros da Mariana?

“Olhe, segundo os mais antigos, eu trabalhava com a vizinha, D. Maria (falecida), ela dizia que tinha sido trazida pela primeira habitante daqui, era Mariana, ela veio trazendo essa renda para cá, ela era nordestina, não dizia de onde, e se organizou alí em cima perto daquele morro, e de lá passou para toda geração da Ilha Grande, outros dizem que foram os índios, uma índia que era Mariana que começou essa arte”.

Pergunta: Quantas horas você trabalha por dia na atividade?

“Eu chego aqui 1h (13h) e fico até as 5h (17h), às vezes faço a noite, porque eu tenho três hérnias de disco, e quando elas estão inflamadas eu não consigo nem torcer o pescoço, nem para um lado nem pro outro, então eu paro um pouquinho, porque eu só faço essas coisas assim, exageradas”.

Pergunta: Quantas peças você faz em um mês de trabalho?

“Tem mês que não faço nem um centavo, tem mês que dá para fazer ... (ela me pergunta quanto eu acho que custa a renda que está na almofada), passo 15 dias para fazer e custa \$40,00 (Quarenta reais), é porque a gente gosta da nossa profissão”.

Pergunta: Você considera que a comunidade local reconhece e valoriza seu trabalho?

“Não. Nem as autoridades daqui não se orgulham da Casa das Rendeiras, ... esses governantes que entraram e saíram, eles nunca tiveram a curiosidade de pelo menos dizer ... eu vou mandar uma cesta básica, eu vou fazer uma pintura, eu vou promover um projeto para ensinar um jovem, né, ... aqui não, nunca eles se interessaram. Como é que a gente vai ensinar? A gente vai ter que largar a almofada, porque requer muita paciência de ensinar e prestar bem atenção à pessoa, porque não é só a gente dizer eu vou ensinar e largar o aluno e deixar ele ao léu, você tem que está ali acompanhando ele direitinho, né, então falta verba para gente sobreviver, porque ou bem trabalha na renda, ou bem ensina, então eu acho que deveriam fazer projetos do qual pudesse pagar monitora para sobreviver para poder ter essa renda (dinheiro), porque era muito interessante que esses jovens viessem alavancar a cultura que está decaindo”.

Pergunta: Quais transformações surgiram no seu ofício desde que você o faz?

“Ah sim, no começo, antigamente a gente fazia só renda em metro, aí com a chegada dessas novas tecnologias, foram aparecendo modelos diferentes, né, foi aparecendo a renda quatro pontas, ela forma tudo que você imagina, foi aparecendo as camélias, as camélias também formam tudo que você quiser, vestidos, principalmente, você viu alí da D. Marisa Letícia, né, e foi aparecendo tanta aplicação bonitinha, então de tudo tem, pano de bandeja, aplicação, essas coisas foi se modernizando, então foi melhorando, porque antigamente só era renda em metro.

1. LOCALIZAÇÃO: ILHA GRANDE, CASA DAS RENDEIRAS - RUA VITORIANO RIBEIRO, 369 - CENTRO, ILHA GRANDE | PI

2. IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADA Edinalva Maria Alves - 47 anos
LOCAL, DIA E HORA Ilha Grande, PI

3. IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO

CATEGORIA VÍDEO	SOM
LOCALIZADOR audio_01_mp3	
ASSUNTO Patrimônio Cultural Imaterial; Inventário Participativo; Renda de Bilro; Ofício e Modos de Saber-fazer; Ilha Grande; Meio Norte do Brasil; Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.	

DESCRIÇÃO TÉCNICA: Formato MP3

4. DESCRIÇÃO

Entrevista realizada por Marinete Martins Vasconcelos e Rita de Cássia Moura Carvalho, com o uso das metodologias da história oral e etnografia. A entrevista foi realizada na Casa das Rendeiras no dia 26 de fevereiro de 2001

5. FONTE

Entrevista. Edinalva Maria Alves. Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 24 de fevereiro de 2021.

6. SENTIDO

A escolha da entrevistada por ser uma das rendeiras da primeira geração detentora do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro que trabalha cotidianamente na Associação das Rendeiras de Ilha Grande - Casa da Rendeiras no município de Ilha Grande

7. RESPONSÁVEIS

PESQUISADORAS: MARINETE MARTINS VASCONCELOS,
ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

FOTÓGRAFA E DOCUMENTARISTA: RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

PREENCHIDO POR: MARINETE MARTINS VASCONCELOS

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO: MARINETE MARTINS VASCONCELOS, ÁUREA DA
PAZ PINHEIRO

Pergunta: Como você aprendeu o ofício?

Eu aprendi quando eu era criança, com a minha avó, na época ela fazia aí eu sempre tive vontade de aprender, aí arrumaram uma almofada para mim, aí eu aprendi os primeiros trocados que é para trocar bilro a gente usa só dois pares de bilro fazendo a trancinha, depois já fui fazendo outras coisinhas, depois “espinhaço de urubu”, que é o primeiro passo que a gente dá nos cursos, é o “espinhaço de urubú”, aí depois “olho de pombo”, que agora quando a gente ensina o “olho de pombo”, ele é com a linha grossa, a linha Camila que é assim (ele me mostra a linha), e antigamente não, a mãe da gente colocava essa linha fina. Eu sempre gostei, aí eu passei um tempo sem fazer, aí com treze anos eu comecei de novo fazendo, aí casei e fui morar dois anos com minha sogra, e ela fazia renda, passei dois anos lá, quando eu

saí vim morar aqui do lado das “Rendeiras” (Casa das rendeiras), aí tive minha primeira filha, e todo tempo nunca deixei de fazer, aí vim para cá quando eu tive minha segunda filha, quando ela tinha dois anos de idade aí eu vim para “Casa das Rendeiras”, justamente quando o Walter veio para cá, eu já estava aqui na “Casa das Rendeiras”, daí em diante eu nunca saí. Antigamente, principalmente no meu tempo, na rua, na época não tinha calçamento, era só areia, aí a gente costumava brincar, então quando via uma idosa fazendo renda, eu cansei de pegar uns palitinhos de talo de coco e enfiava, amarrava a linha, pegava os restos de linha da mamãe, minha vó que eu chamava de mãe, e ia fazer aqui atrás dela, até quando ela viu que chegou o tempo de eu aprender e ela perguntou: que fazer renda, e eu: quero [...]”

Pergunta: Essa é sua atividade principal (principal fonte de renda)?

Na verdade, é porque as condições é muito pouca, é uma ajuda, é um complemento meu, além de eu gostar do trabalho é também para ajudar nas despesas.

Pergunta: Quantas horas você trabalha por dia na atividade?

Trabalho aqui na associação na parte da tarde, quando dá, trabalho em casa à noite.

Pergunta: Quantas peças você faz em um mês de trabalho?

Não dá para saber, assim, a gente começa um trabalho e pode demorar três a cinco dias, ou pode ser até mais, vai depender do tamanho da peça.

Pergunta: Você já ensinou o ofício a outras pessoas?

“Sim, ensinei para minhas filhas, quando a gente tem filha mulher, elas quando vê já se interessam também, aí a gente também gosta porque aí eles não vão se empenhar também só em brincar, aí tem também a almofada, daí elas cresceram e nunca deixaram de fazer. A minha mais velha que é a Andrea, a Andrea, ave maria, gosta, agora a outra tem mais preguiça, mas ela também não fica sem a renda dela, ela tem que trabalhar também”.

Pergunta: Como são adquiridos os bilros e almofadas?

É a Francisquinha que faz. Antigamente cada qual fazia a sua, mas hoje depois que ela entrou aqui na Casa das Rendeiras, do nada ela aprendeu a fazer a almofada, aí nós ficamos preguiçosas (risos), ninguém não quer outra vida, querer fazer bilros e almofadas. Dá muito trabalho”. Os bilros, eu ia para casa da minha sogra e meu sogro fazia para ela, esse aqui é de buriti (ela me mostra o bilro), eu queria muito um bilro de buriti, queria mudar, aí levei, sequei

os buritis, pelei, deixei tudo no ponto, aí fui casa deles lá para ele fazer uns para mim. Esse aqui (ela me mostra o bilro de buriti) ainda dá mais trabalho porque ele não tem a pontinha que nem o tucum, né, e esse aqui para furar, menina, mas deu um trabalho.

Pergunta: Você considera que a comunidade local reconhece e valoriza seu trabalho?

Na verdade, aqui são poucas as pessoas que praticam, as pessoas não praticam, não fazem, aí não reconhecem.

1. LOCALIZAÇÃO: ILHA GRANDE, CASA DAS RENDEIRAS - RUA VITORIANO RIBEIRO, 369 - CENTRO, ILHA GRANDE | PI

2. IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADA Clarice Carvalho dos Santos Souza- 32 anos

LOCAL, DIA E HORA Ilha Grande, PI

3. IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO

CATEGORIA VÍDEO	SOM
-------------------	-----

LOCALIZADOR audio_01_mp3

ASSUNTO Patrimônio Cultural Imaterial; Inventário Participativo; Renda de Bilro; Ofício e Modos de Saber-fazer; Ilha Grande; Meio Norte do Brasil; Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.
--

DESCRIÇÃO TÉCNICA: Formato MP3

4. DESCRIÇÃO

Entrevista realizada por Marinete Martins Vasconcelos e Rita de Cássia Moura Carvalho, usando as metodologias da história oral e etnografia. A entrevista foi realizada na Casa das Rendeiras no dia 26 de fevereiro de 2001 e dia 02 de agosto de 2021.
--

5. FONTE

Entrevista oral. Clarice Carvalho dos Santos Souza. Casa das Rendeiras, 26 de fevereiro de 2021 e 02 de agosto de 2021.

6. SENTIDO

A escolha da entrevistada por ser uma das rendeiras da segunda geração detentoras do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro que trabalha cotidianamente na Associação das Rendeiras de Ilha Grande - Casa da Rendeiras no município de Ilha Grande

7. RESPONSÁVEIS

PESQUISADORAS: MARINETE MARTINS VASCONCELOS,
ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

FOTÓGRAFA E DOCUMENTARISTA: RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

PREENCHIDO POR: MARINETE MARTINS VASCONCELOS

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO: MARINETE MARTINS VASCONCELOS, ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

Pergunta: Como você aprendeu o ofício?

“Eu aprendi com a minha irmã, e a minha irmã aprendeu aqui na associação num curso que teve aqui. Nesse tempo tinha uns cursos aí, que veio pelos projetos e ela veio e aprendeu e me ensinou em casa, eu aprendi em casa, o que ela aprendia aqui, ela me ensinava em lá casa, e o que nós aprendemos ensinamos para mamãe, porque na minha família não tem tradição de rendeiras, a primeira rendeira sou eu, eu aprendi com 17 anos, eu já era grande, porque não tinha quem me ensinasse, até porque assim essa renda aqui, essa tradição de renda é mais aqui nos Morros, e eu não era daqui, eu morava no Cau (um bairro de Ilha Grande), então eu não via, eu comecei a ver quando eu comecei a estudar aqui nos Morros”.

Pergunta: Essa é sua atividade principal (principal fonte de renda) ?

“É minha atividade principal, eu aprendi a fazer renda assim, porque, meu pai, pescador e lavrador, minha mãe, do lar né, aí eu aprendi a bordar, mas o bordado não vendia muito, e aí depois eu descobri a renda, e a renda é um negócio que se vende bem, eu comecei a fazer e aprendi, um dia desses eu estava dizendo para mamãe, mamãe nunca mandou eu aprender a fazer renda e nunca mandou eu sentar para fazer renda, nunca. Só que minha irmã não faz não, ela não gosta de fazer”.

Pergunta: Como são adquiridos os bilros e almofadas?

Sobre essa pergunta, todas elas responderam que compram da Francisquinha.

“É como a Edinalva disse: toda rendeira que se colocar para fazer, faz. O meu eu nunca fiz não. Com o tempo, pega a prática”.

Pergunta: Quantas horas você trabalha por dia na atividade?

“Trabalho oito horas por dia, eu trabalho em casa e trabalho aqui, pela manhã até dez horas, onze horas, e a tarde eu venho para cá”.

Pergunta: Quantas peças você faz em um mês de trabalho?

“Essa aplicação aqui eu faço uma em uma tarde, eu gosto muito de fazer renda, acho que é isso”.

1. LOCALIZAÇÃO: ILHA GRANDE, CASA DAS RENDEIRAS - RUA VITORIANO RIBEIRO, 369 - CENTRO, ILHA GRANDE | PI

2. IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADA Maria do Socorro Reis Galeno - 67 anos

LOCAL, DIA E HORA Ilha Grande -PI

3. IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO

CATEGORIA VÍDEO	SOM
-------------------	-----

LOCALIZADOR audio_01_mp3

ASSUNTO Patrimônio Cultural Imaterial; Inventário Participativo; Renda de Bilro; Ofício e Modos de Saber-fazer; Ilha Grande; Meio Norte do Brasil; Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.
--

DESCRIÇÃO TÉCNICA: Formato MP3

4. DESCRIÇÃO

Entrevista realizada por Marinete Martins Vasconcelos e Rita de Cássia Moura Carvalho, usando as metodologias da história oral e etnografia. A entrevista foi realizada na Casa das Rendeiras nos dias 24 e 26 de fevereiro de 2001

5. FONTE

Entrevista oral. Maria do Socorro Reis Galeno. Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 24 e 26 de fevereiro de 2021.

6. SENTIDO

A escolha da entrevistada por ser uma das rendeiras da primeira geração detentora do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro que trabalha cotidianamente na Associação das Rendeiras de Ilha Grande - Casa da Rendeiras no município de Ilha Grande

7. RESPONSÁVEIS

PESQUISADORAS: MARINETE MARTINS VASCONCELOS,
ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

FOTÓGRAFA E DOCUMENTARISTA: RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

PREENCHIDO POR: MARINETE MARTINS VASCONCELOS

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO: MARINETE MARTINS VASCONCELOS, ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

Pergunta: Como você aprendeu o ofício?

“Eu aprendi em casa com a minha mãe e eu não gostava não, eu aprendi fazer a renda criança, eu chorava, ah eu não acredito que vou ter que fazer esse negócio, eu dizia para minha mãe, e ela: fica aí sentada, e antigamente quando eu aprendi não tinha os desenhos, só tinha o papelãozinho, só com os furos, entendeu? era só com os furos, não tinha marca nenhuma, aí eu porque antigamente não tinha, quando eu era criança, eu sou de 53, aprendi mais ou menos com sete ou oito anos, naquele tempo não tinha máquina de xerox essas coisas não, era só os buraquinhos que é chamado crivado né, aí minha amiga, na hora de fazer a renda eu não sabia onde era as traças, não sabia onde era carreira, não sabia onde era charita, não sabia onde era ponte (ela se refere aos nomes dos pontos), só tinha o molde do desenho da ponta mas só no buraquinho, aí era luta, aí a minha mãe era rígida: você vai ter que aprender, isso aqui é uma profissão, e todas nós mulheres temos que aprender um ofício. Na minha casa era costurar, fazer renda e bordado. Tinha que aprender a fazer tudo isso, e aí eu fui aprendi a fazer renda foi luta, aí minha mãe, ... eu chorando e fazendo renda, de noite, para mim aprender, eu ia dormir e fazendo renda no meu pensamento, eu fazia a renda toda no cérebro aqui como era e como não era, quando era no outro dia dava tudo certo, era difícil porque não tinha o desenho para gente saber, hoje está muito fácil. Aprendi a fazer “chega para tudo”, “desaperto” e tal, (nomes de rendas) ... e quando eu, o primeiro dinheiro da renda que eu ganhei, nossa, foi uma alegria muito grande, comprei um vestido muito bonito para ir para missa, porque antigamente para vender renda era muito difícil, tinha aqui na comunidade, as

peessoas que pegava as rendas e ia vender em Parnaíba, aquelas rendas para as pessoas mais ricas, aí a gente deixava lá e depois ia perguntar: já vendeu minha renda? Vendi, e vai atrás de mais encomendas e tudo o mais. Quando eu comecei a ganhar dinheiro de renda pequena foi que comecei a me interessar mais né, depois que eu aprendi mesmo, mas no começo eu não gostava, eu chorava, mas como tinha as tarefas, tinha a hora de brincar e hora de fazer renda, aí aprendi. Hoje eu agradeço muito minha mãe ter me botado para fazer porque senão, onde é que eu estava hoje!

Pergunta: Essa é sua atividade principal (principal fonte de renda)?

“É uma profissão que eu gosto, eu aprendi pela dificuldade, mas eu dou muito valor, gosto muito, é a minha profissão mesmo, assim, de tudo que eu tenho é a custa da minha renda, da minha almofada”.

Pergunta: Você já ensinou o ofício a outras pessoas?

“Eu já ensinei a muita gente, um tempo eu ensinei pela prefeitura de Parnaíba, primeira gestão do Mão Santa, ele botou uma escolinha, era eu e outra menina, foi a primeira vez que eu ensinei, foram quatro anos, aliás, hoje tem muitas rendeiras daquele tempo que eu ensinei viu! do tempo da escolinha, depois disso já ensinei várias pessoas aqui mesmo em cursos que a gente faz né, de projetos, e já ensinei pessoas lá em São Paulo, assim, de poucos dias, semana, já ensinei muita gente”.

O primeiro mandato do Mão Santa, os primeiros quatro anos dele, era eu e D. Delda, ele alugou uma casa aqui perto, eu dava aula de manhã e ela de tarde, nesse tempo ficou foi muita gente, essa menina que fez isso aqui (ela mostra a renda) ela aprendeu comigo, era criança, tinha uns doze anos na época, hoje ela é uma senhora, muitas pessoas que aprenderam lá, hoje são rendeiras.

Nesse tempo era Morros da Mariana, Ilha Grande de Santa Izabel é a Ilha toda, então aqui era os Morros da Mariana, alí, Barro Vermelho, Labino, lá na frente a Fazendinha com era conhecido, aí depois que emanciparam, que deviam ter colocado outro nome, colocaram Ilha Grande, aí ficou a Ilha Grande da Ilha Grande de Santa Izabel, aí as pessoas fazem confusão, as Batatas, os Tatus para cá, tudo é Ilha Grande.

Pergunta: Essa escolinha, eram meninas de qual idade, e tinha quantas?

“Eram meninas de 8 anos até 15 anos, eram 15 de manhã e 15 de tarde. A prefeitura deu as almofadas, deu os bilros, mandava lanche, e a gente ganhava na época meio salário-mínimo

cada uma, professoras (risos), e era bom na época, foi muito bom. Depois do Mão Santa, não teve mais”.

Pergunta: E a prefeitura daqui, nunca contratou vocês?

“Nunca. Aqui quando foi emancipado, eu fui lá falar com a prefeita que era a Joana na época, fui lá conversar com ela para vê se ela fazia um trabalho desses aqui, ela disse que não tinha condições de fazer, fiquei muito desgostosa, me revoltei muito, porque na própria cidade não tem um prefeito que se anime para fazer uma coisa dessas, porque se existisse isso, eu tenho certeza que aqui tinha mais rendeira, hoje nós tem trabalho para fazer e não tem rendeira, a gente anda atrás de uma, fulana faz isso, faz aquilo, e nós, rendeira cada uma tem não sei quantos serviços, não é Clarice? A Clarice tem uma almofada aqui e tem outra em casa, eu tenho uma aqui e outra em casa, todas nós temos uma almofada em casa”.

Pergunta: O que a senhora acha que poderia incentivar?

“Eu não sei nem lhe dizer o que poderia incentivar, porque é muita gente que vem perguntar se a gente pode ensinar, e a gente não pode deixar de fazer nosso trabalho para ensinar, porque nós vivemos disso né, e para a gente ensinar uma pessoa a gente perde tempo, então não é por falta de professora, é por falta de incentivo, tem muita gente para ensinar. Quando tem projeto que a gente faz, a gente pega três, quatro para ensinar porque uma só é difícil, a gente ensina aqui na Casa das Rendeiras, a gente manda fazer as almofadas, porque assim, se a prefeitura der todo o incentivo disso aqui, terminou no último dia o material vai ficar na casa, e você comprando seu material, você já aprendeu, coloca suas coisas para vender, no caso até eu compro, porque eu faço pano de bandeja de tecido, compro das meninas para incentivar”.

1. LOCALIZAÇÃO: ILHA GRANDE, CASA DAS RENDEIRAS - RUA VITORIANO RIBEIRO, 369 - CENTRO, ILHA GRANDE | PI

2. IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADA Ana Paula da Silva Sousa - 31 anos

LOCAL, DIA E HORA Ilha Grande -PI

3. IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO

CATEGORIA VÍDEO

SOM

LOCALIZADOR audio_01_mp3

ASSUNTO Patrimônio Cultural Imaterial; Inventário Participativo; Renda de Bilro; Ofício e Modos de Saber-fazer; Ilha Grande; Meio Norte do Brasil; Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.
--

DESCRIÇÃO TÉCNICA: Formato MP3

4. DESCRIÇÃO

Entrevista realizada por Marinete Martins Vasconcelos e Rita de Cássia Moura Carvalho, usando as metodologias da história oral e etnografia. A entrevista foi realizada na Casa das Rendeiras no dia 30 de julho de 2021
--

5. FONTE

Entrevista oral. Ana Paula da Silva Sousa, Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 30 de julho de 2021.
--

6. SENTIDO

A escolha da entrevistada por ser uma das rendeiras da segunda geração detentora do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro que trabalha cotidianamente na Associação das Rendeiras de Ilha Grande - Casa da Rendeiras no município de Ilha Grande

7. RESPONSÁVEIS

PESQUISADORAS: MARINETE MARTINS VASCONCELOS,
ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

FOTÓGRAFA E DOCUMENTARISTA: RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

PREENCHIDO POR: MARINETE MARTINS VASCONCELOS

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO: MARINETE MARTINS VASCONCELOS, ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

1. LOCALIZAÇÃO: ILHA GRANDE, CASA DAS RENDEIRAS - RUA VITORIANO RIBEIRO, 369 - CENTRO, ILHA GRANDE | PI

2. IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADA | Tarcila Inocência Santos - 17 anos

LOCAL, DIA E HORA | Ilha Grande, PI

3. IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO

CATEGORIA | VÍDEO

SOM

LOCALIZADOR | audio_01_mp3

ASSUNTO | Patrimônio Cultural Imaterial; Inventário Participativo; Renda de Bilro; Ofício e Modos de Saber-fazer; Ilha Grande; Meio Norte do Brasil; Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.

DESCRIÇÃO TÉCNICA: Formato MP3

4. DESCRIÇÃO

Entrevista realizada por Marinete Martins Vasconcelos e Rita de Cássia Moura Carvalho, usando as metodologias da história oral e etnografia. A entrevista foi realizada na Casa das Rendeiras no dia 28 de julho de 2021.

5. FONTE

Entrevista oral. Tarcila Inocência Santos. Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 28 de julho de 2021.

6. SENTIDO

A escolha da entrevistada por ser uma das rendeiras da terceira geração, aprendiz do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, na Associação das Rendeiras de Ilha Grande - Casa da Rendeiras no município de Ilha Grande

7. RESPONSÁVEIS

PESQUISADORAS: MARINETE MARTINS VASCONCELOS,
ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

FOTÓGRAFA E DOCUMENTARISTA: RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

PREENCHIDO POR: MARINETE MARTINS VASCONCELOS

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO: MARINETE MARTINS VASCONCELOS, ÁUREA DA
PAZ PINHEIRO

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER A RENDA DE BILRO

ILHA GRANDE | PIAUÍ | BRASIL

FICHA Nº 6 | FICHA DOS REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

1. LOCALIZAÇÃO: ILHA GRANDE, CASA DAS RENDEIRAS - RUA VITORIANO RIBEIRO, 369 - CENTRO, ILHA GRANDE | PI

2. IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADA Maria do Socorro Freitas dos Santos
--

LOCAL, DIA E HORA Ilha Grande -PI

3. IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO

CATEGORIA VÍDEO

SOM

LOCALIZADOR audio_01_mp3

ASSUNTO Patrimônio Cultural Imaterial; Inventário Participativo; Renda de Bilro; Ofício e Modos de Saber-fazer; Ilha Grande; Meio Norte do Brasil; Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.
--

DESCRIÇÃO TÉCNICA: Formato MP3

4. DESCRIÇÃO

Entrevista realizada por Marinete Martins Vasconcelos e Rita de Cássia Moura Carvalho, usando as metodologias da história oral e etnografia. A entrevista foi realizada na Casa das Rendeiras no dia 02 de agosto de 2001.
--

5. FONTE

Entrevista oral. Maria do Socorro Freitas dos Santos. Casa das Rendeiras, Ilha Grande, 02 de agosto de 2021.
--

6. SENTIDO

A escolha da entrevistada por ser uma das rendeiras da primeira geração detentora do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro que trabalha cotidianamente na Associação das Rendeiras de Ilha Grande - Casa da Rendeiras no município de Ilha Grande

7. RESPONSÁVEIS

PESQUISADORAS	MARINETE MARTINS VASCONCELOS, ÁUREA DA PAZ PINHEIRO
FOTÓGRAFA E DOCUMENTARISTA	RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO
PREENCHIDO POR	MARINETE MARTINS VASCONCELOS
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	MARINETE MARTINS VASCONCELOS, ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

ANEXO B – PROPOSTA DE PLANO DE SALVAGUARDA DO OFÍCIO E MODOS DE SABER-FAZER DA RENDA DE BILRO | ILHA GRANDE, PIAUÍ

PROPOSTA CONSTRUÍDA AO LONGO DO INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: ofício e modos de saber fazer da Renda de Bilro | Ilha Grande | Piauí | Brasil

Para a realização do Inventário Participativo (IP) foram realizados contatos prévios com as rendeiras que fazem parte da Associação Casa das Rendeiras de Ilha Grande. Apresentamos o projeto e construção do IP. Realizamos entrevistas temáticas sobre o ofício e modos de saber-fazer, registramos as informações em suportes e linguagens diversas – diários de campo, textos (relatório final de atividades), áudio, vídeos e fotográficos.

SUMÁRIO

Apresentação

Diagnóstico

Princípios

Diretrizes

Ações do Plano de Salvaguarda

Eixos das Ações Propostas

Mobilização Social e Alcance da Política

Gestão Participativa no Processo de Salvaguarda

Difusão e Valorização

Produção e Reprodução Cultural

Equipe Organizadora do Plano de Salvaguarda

APRESENTAÇÃO

O ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro é considerado herança, um bem cultural, pelas rendeiras que residem no antigo Morros da Mariana, hoje, Ilha Grande, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental. APA Delta do Parnaíba.

Realizamos um Inventário Participativo com essas mulheres que trabalham na Casa das Rendeiras da Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana, que revelam um ofício e modos de saber-fazer, de ser e existir enquanto comunidade, que possui memórias, histórias e vivências atravessadas pelo ofício, que aprenderam e transmitem de forma oral ao longo de décadas.

Após identificação, pesquisa, documentação e registros de memórias e do ofício com 9 (nove) mulheres rendeiras, filhas, mães, avós, pescadoras, donas de casa, com as quais realizamos um plano de salvaguarda, a ser apresentado, caso desejem, em nível municipal, para se criar políticas públicas de conhecimento e reconhecimento do patrimônio cultural imaterial que diz muito sobre o território, sobre a história da cidade, das pessoas e de suas formas de viver.

Apresentamos, assim, um Plano de Salvaguarda do ofício e modos de saber-fazer fruto de diálogos e participação direta ao acompanhar o trabalho cotidiano dessas mulheres ao construirmos um inventário participativo. Desejamos que esta proposta fomente e permita a continuidade no território, com princípios, diretrizes e estratégias elaborados de forma participativa e colaborativa junto às comunidades que participou do Inventário do Ofício e Modos de Saber-fazer da Renda de Bilro, realizado no âmbito do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) entre 2020 - 2021.

Para a realização deste Plano partimos da escuta, do diálogo e da percepção das necessidades de manter salvaguardado para estas e gerações futuras o ofício, que.

DIAGNÓSTICO

Para pensar estratégias e ações que salvaguadem o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro, partimos das dificuldades e problemas enfrentados ao longo do processo de inventário participativo, da imersão e percepção no e do território, de apontamentos que são verdadeiros entraves nas formas de viver, ser e estar das rendeiras. Elencamos alguns eixos que foram relevantes para entender as necessidades da comunidade local.

No que diz respeito às ações do **poder público**, notamos que há uma dificuldade de relacionamento entre as rendeiras e poderes executivo, legislativo e judiciário. Muitas ações são realizadas ainda sem consulta popular, sem ouvir as pessoas que vivem do ofício. Dificuldades de reconhecimento do ofício e modos de saber-fazer como patrimônio cultural, que precisa de políticas públicas de salvaguarda, fazendo com que o ofício não se perca e atinja públicos diversos.

Quanto ao **registro**, percebemos que antes da construção do Inventário Participativo realizado no âmbito do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia da UFPI/UFDPAr, não havia registro para comunicação desse patrimônio. Há a Casa das Rendeiras, onde realizam suas atividades, espaço vivo, de memórias uma instituição que pode ser potencializada para salvaguardar as memórias e histórias das rendeiras. No processo de registro, sensibilizamos as mulheres rendeiras para a importância de salvaguardar o ofício e modos de saber-fazer no Município.

Em relação à **educação** nos espaços escolares e não escolares, considerando a parte diversificada do currículo, diagnosticamos que não há educação para os patrimônios e para a diversidade cultural nos estabelecimentos de ensino do município; os professores de forma pontual realizam alguma atividade voltada para a história da cidade, desconsiderando a cultura do ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro e outras manifestações culturais e o patrimônio natural.

Observamos que há uma valorização da história oficial, pautada em edificações e personalidades políticas, enquanto outros saberes ficam à margem das atividades de educação e interpretação cultural. Há lacunas quanto ao currículo, pois não há uma abordagem do tema patrimônio cultural, exceto em data comemorativa do aniversário da

cidade; inexistência de coordenação de educação patrimonial na estrutura administrativa do município e há ausência de formação de gestores para o patrimônio cultural.

Outro aspecto que podemos apontar nesse diagnóstico é a inexistência de **comunicação** do patrimônio cultural relacionado à Renda de Bilro. Percebemos ausência de articulação entre organizações públicas, privadas e sociais que estão inseridas nesse contexto; faltam atividades culturais em âmbito municipal, estadual e regional; há desinteresse das gerações mais novas em relação ao ofício; bem como dos meios de comunicação locais, que não divulgam esses patrimônios cotidianamente.

Há **infraestrutura** precária dos espaços em que o ofício se materializa e que atravessa um processo de risco de desaparecimento, instalações que necessitam de manutenção da gestão pública, comunidade e usuários. Observamos as instalações da Casa das Rendeiras, há a necessidade de intervenção para pequenos reparos estruturais e de limpeza.

Apontamos **problemas diversos** oriundos da falta de infraestrutura, educação ambiental e patrimonial, diálogos e ações de salvaguarda

PRINCÍPIOS

- ✚ Reconhecimento das memórias e histórias das rendeiras associadas a paisagem cultural, suas memórias, histórias de vida e formação geopolítica da cidade de Ilha Grande, Piauí;
- ✚ Reconhecimento das memórias do ofício e modos de saber-fazer como um dos elementos de identidade da cultura local;
- ✚ Salvaguarda das memórias do ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro;
- ✚ Salvaguarda da cultura material relacionada às memórias do ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro de Ilha Grande.

DIRETRIZES

- ✚ Promover ações educativas e culturais relacionadas ao ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro, registrado no Inventário Participativo;
- ✚ Fortalecer o sentimento de pertencimentos das rendeiras com o território e o patrimônio cultural e natural do território;
- ✚ Criar espaços de pesquisa, documentação, educação, comunicação para salvaguarda dos patrimônios culturais relacionados ao ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro na região;
- ✚ Organizar iniciativas que comuniquem o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro junto a instituições públicas, privadas e em espaços sociais;
- ✚ Realizar ações de desenvolvimento econômico, político, social e cultural a partir do patrimônio;
- ✚ Criar mecanismos de salvaguarda da tradição do ofício e modos de saber-fazer da Renda de Bilro no Município.

AÇÕES DE SALVAGUARDA | EIXOS DAS AÇÕES PROPOSTAS

MOBILIZAÇÃO SOCIAL E ALCANCE DA POLÍTICA

AÇÃO 1

- ✚ Mapeamento das rendeiras presentes no território.

Objetivos

Geral:

- ✚ Produzir mapas referentes à paisagem cultural associada à residência das rendeiras para informar, comunicar e divulgar em instituições públicas, privadas e sociais.

Específicos:

- ✚ Mapear as casas das rendeiras;
- ✚ Organizar equipe técnica, com participação das rendeiras no processo de mapeamento da cidade, com destaque para as casas das rendeiras;
- ✚ Construir dossiê com textos, fotos, vídeos e outros artefatos que registrem e promovam visibilidade ao ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro.

Justificativa:

- ✚ O conhecimento do território, bem como o registro e a documentação da paisagem cultural associada ao ofício e modos de saber-fazer na região proporcionará melhor entendimento do lugar, das identidades e do ofício, que ao longo do tempo é realizado pelas mulheres de Ilha Grande. Os mapas informativos devem ser de natureza educativa e comunicação aos residentes e turistas, podendo ser instalados em espaços públicos.

Estratégias:

- ✚ Reunião com a comunidade das rendeiras e gestão pública sobre a necessidade do mapeamento dos espaços onde ocorrem o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro;

- ✚ Construção de cronograma para realização do mapeamento;
- ✚ Montagem da equipe com agentes da comunidade e técnicos municipais;
- ✚ Definição de local de encontro para sistematização das informações produzidas durante o processo de mapeamento;
- ✚ Visitas às casas das rendeiras do Município;
- ✚ Montagem de dossiê informativo sobre o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro no Município;
- ✚ Produção de mapas informativos e instalações que comuniquem o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro no Município.

Parceiros:

- ✚ Gestão Pública Municipal de Ilha Grande, PI;
- ✚ Secretarias Municipais de Ilha Grande;
- ✚ Universidade Federal do Piauí;
- ✚ Universidade Federal do delta do Parnaíba;
- ✚ Organização Culturais da Sociedade Civil.

Periodicidade:

- ✚ Durante 2022-2023.
-

AÇÃO 2

- ✚ Seminário sobre patrimônio cultural imaterial

Objetivos

Geral:

- ✚ Realizar seminário para dialogar, debater e encaminhar ações culturais, educativas e políticas associadas ao ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro do Município.

Objetivos Específicos:

- ✚ Montar comitê gestor do seminário;
- ✚ Debater ações relacionadas a continuidade do ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro na cidade;
- ✚ Realizar seminário de discussão com instituições públicas, privadas e sociais sobre o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro.

Justificativa:

- ✚ Os debates em torno do patrimônio cultural oportunizam a comunicação entre comunidade, órgãos públicos, privados e sociais. O seminário, além de mobilizar a sociedade para a construção de ações educativas, políticas e culturais, permite atualizar as rendeiiras sobre o ofício e modos de saber-fazer.

Estratégias:

- ✚ Articulação com instituições públicas, privadas e sociais para organização do seminário das águas;
- ✚ Montagem de programação do seminário;
- ✚ Seleção de eixos temáticos a serem debatidos durante o seminário;
- ✚ Definição do local do encontro;
- ✚ Realização do seminário e alinhamento de propostas relacionadas aos eixos discutidos.

Parceiros:

- ✚ Gestão Pública Municipal;
- ✚ Secretarias Municipais de Ilha Grande;
- ✚ Universidade Federal do Piauí;
- ✚ Organização Culturais da Sociedade Civil.

Periodicidade:

- ✚ Anual.

GESTÃO PARTICIPATIVA NO PROCESSO DE SALVAGUARDA

AÇÃO 1

- ✚ Formação de Comitê de Gestores do Patrimônio.

Objetivo geral:

- ✚ Formar grupo de trabalho, com técnicos da área do patrimônio e comunidade local; que articule, sistematize e organize ações de natureza patrimonial no município.

Objetivos Específicos:

- ✚ Articular a comunidade para formação do comitê de gestores do patrimônio cultural;
- ✚ Legalizar o comitê gestor em âmbito municipal;
- ✚ Promover reuniões periódicas do comitê gestor.

Justificativa:

- ✚ Para realizar ações de natureza patrimonial em Ilha Grande faz-se necessário criação de grupo de trabalho formado por membros que possuam formação técnica em áreas diversas (Engenharia, História, Geografia, Antropologia, Museologia, Arquitetura, Artes, Educação, Turismo, Biologia, Engenharia de Pesca, Direito etc.) e comunidades ribeirinhas que vivenciam os patrimônios salvaguardados.

Estratégias:

- ✚ Articulação com instituições públicas, privadas e sociais para formação do comitê gestor;
- ✚ Formação do comitê na cidade;
- ✚ Organização de espaço de trabalho para a equipe;
- ✚ Construção de cronograma de ações que salvaguardem o ofício e modos de saber-fazer da rende de bilro;
- ✚ Mobilização social com as comunidades tradicionais locais.

Parceiros:

- ✚ Gestão Pública Municipal de Ilha Grande - PI;
- ✚ Comunidades Ribeirinhas de Ilha Grande - PI.

Periodicidade:

- ✚ Mensal.

AÇÃO 2

- ✚ Mutirão de Limpeza.

Objetivos

Geral:

- ✚ Limpar, periodicamente, o espaço que hoje abriga as rendeiras – a Casa das Rendeira e entorno, evitando o acúmulo de lixo.

Específicos:

- ✚ Mobilizar atores públicos, privados e sociais para limpeza a Casa das Rendeira e entorno, evitando o acúmulo de lixo;
- ✚ Retirar materiais que prejudicam o trabalho na Casa das Rendeira e entorno, evitando o acúmulo de lixo;

- ✚ Realizar coleta de lixo no município, com prioridade aos espaços que se realizam os ofícios associados a paisagem cultural.

Justificativa:

- ✚ A limpeza da Casa das Rendeiras e entorno é de fundamental importância, pois muitas pessoas vivem e sobrevivem do ofício e modos de saber-fazer na Casa das Rendeira e entorno, evitando o acúmulo de lixo produtos oriundos dos modos de vida cotidianos. A Casa das Rendeiras necessita de manutenção predial periódica.

Estratégias:

- ✚ Montagem de equipe de limpeza no município;
- ✚ Compra de material necessário para a limpeza pública com destaque para a Casa das Rendeiras;
- ✚ Retirada do lixo do entorno da Casa das Rendeiras;
- ✚ Descarte do lixo retirado de forma ordenada e de acordo com os protocolos de vigilância sanitária do município.

Parceiros:

- ✚ Gestão Pública Municipal;
- ✚ Secretarias Municipais de Ilha Grande;

Periodicidade:

- ✚ Semestral.

AÇÃO 3

- ✚ Patrimônio Cultural e nossa Terra.

Objetivos

Geral:

- ✚ Fortalecer o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro no município.

Específicos:

- ✚ Cadastrar as rendeiras no município;
- ✚ Comprar produtos das rendeiras evitando burocracias;
- ✚ Colaborar com a organizar a Casa da Rendeiras.

Justificativa:

- ✚ Explicar a partir da renda de bilro

Estratégias:

- ✚ Cadastro das rendeiras do município;
- ✚ Reunião com as rendeiras para explicar ações de compra e venda de produtos;
- ✚ Organização de estabelecimento que comunique a renda de bilro no município;
- ✚ Compra organizada e sistematizada da renda de bilro;
- ✚ Inserção dos produtos originários da renda de bilro em espaços da esfera pública municipal e estadual em Ilha Grande.
- ✚ Consumo desses produtos em instituições públicas e sociais em Ilha Grande, como em escolas, secretárias, organizações sociais etc.

Parceiros:

- ✚ Gestão Pública Municipal de Ilha Grande;
- ✚ Secretarias Municipais;
- ✚ Associação das Rendeiras;

Periodicidade:

- ✚ Mensal.

DIFUSÃO E VALORIZAÇÃO

AÇÃO 1

- ✚ Formação de Mediadores de Educação para o Patrimônio.

Objetivos

Geral:

- ✚ Formar mediadores de educação para o patrimônio cultural imaterial com destaque para o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro em Ilha Grande.

Específicos:

- ✚ Articular com instituições de ensino do município e Estado cursos de extensão ou formação continuada na área da educação patrimonial;
- ✚ Partilhar experiências referentes a práticas educativas e o patrimônio cultural;

- ✚ Oferecer formação que contemple a parte diversificada dos currículos escolares do município, a partir da inserção de conteúdos associados ao ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro em Ilha Grande;

Justificativa:

- ✚ O Município Ilha Grande é carente de cursos de formação de mediadores de educação patrimonial. Oferecer formação continuada para profissionais de áreas diversas voltadas do patrimônio, cultura e educação contribuirá de forma significativa para o conhecimento e reconhecimento do ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro em Ilha Grande.

Estratégias:

- ✚ Articulação com instituições de ensino do município e Estado;
- ✚ Mobilização de profissionais de áreas diversas para participarem de curso de formação de mediadores de educação para o patrimônio;
- ✚ Oferta periódica de cursos na área do patrimônio, cultura e educação;
- ✚ Organização de turmas, espaço de aprendizagem e seleção de mediadores dos cursos ofertados;
- ✚ Criação de cronograma de aulas e outras atividades do curso ofertado;
- ✚ Realização de atividades teóricas e práticas junto aos cursistas;
- ✚ Garantia da formação e certificação para os cursistas;

Parceiros:

- ✚ Secretarias Municipais de Ilha Grande;
- ✚ Universidade Federal do Piauí;
- ✚ Escolas públicas e privadas.

Periodicidade:

- ✚ Semestral.

AÇÃO 2

- ✚ Mostra Cultural: artes e ofícios de Ilha Grande.

Objetivo

Geral:

- ✚ Realizar evento de natureza educativa e cultural que comunique o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro em Ilha Grande.

Específicos:

- ✚ Mobilizar a comunidade para participar do evento;
- ✚ Promover a replicação das memórias do ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro em Ilha Grande a partir de atividades educativas;
- ✚ Fortalecer o sentimento de pertencimento e das identidades das rendeiras presentes no território;

Justificativa:

- ✚ O evento permitirá a comunicação dos bens culturais registrados, bem como sua difusão para gerações atuais e futuras; contribuirá para o processo educativo e cultural dos participantes, além de envolver comunidade, instituições públicas, privadas e sociais e outros setores como o comércio, segurança e infraestrutura.

Estratégias:

- ✚ Escolha da equipe organizadora da mostra;
- ✚ Articulação do evento: local, data, programação etc.
- ✚ Criação de identidade visual do evento;
- ✚ Divisão dos trabalhos para cada órgão participante;
- ✚ Mobilização de setores da sociedade;
- ✚ Montagem e desmontagem da estrutura do evento;
- ✚ Realização do evento;
- ✚ Avaliação da Feira Cultural.

Parceiros:

- ✚ Gestão Pública Municipal
- ✚ Secretarias Municipais
- ✚ Universidade Federal do Delta do Parnaíba;
- ✚ Universidade Federal do Piauí;
- ✚ Associação das Rendeiras XXX;
- ✚ Associação Comercial;
- ✚ Escolas públicas e privadas.

Periodicidade:

- ✚ Anual.

AÇÃO 3

- ✚ Premiação Anual: ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro em Ilha Grande

Objetivo

Geral:

- ✚ Promover premiação para melhor iniciativa relacionada aos bens culturais inventariados.

Objetivos Específicos:

- ✚ Construir edital de premiação relacionado ao ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro em Ilha Grande;
- ✚ Articular categorias e premiações para as iniciativas inscritas;
- ✚ Avaliar e premiar as iniciativas inscritas.

Justificativa:

- ✚ A premiação de iniciativas, trabalhos, serviços e produtos associadas o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro em Ilha Grande incentivará ações diversas que mantenham e promovam a continuidade do ofício.

Estratégias:

- ✚ Organização do edital de premiação;
- ✚ Seleção de categorias e prêmios;
- ✚ Montagem de equipe avaliadora das iniciativas;
- ✚ Avaliação dos trabalhos, ações, produtos e serviços.
- ✚ Organização de premiação.

Parceiros:

- ✚ Gestão Pública Municipal
- ✚ Secretarias Municipais;
- ✚ Associação;
- ✚ Comitê de gestores do Patrimônio.

Periodicidade:

- ✚ Anual.

AÇÃO 4

- ✚ Reconhecimento em nível Municipal.

Objetivos

Geral:

- ✚ Reconhecer o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro em Ilha Grande como patrimônio imaterial de Ilha Grande e sua relevância para a história da cidade.

Específicos:

- ✚ Criar projeto de lei de reconhecimento do ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro em Ilha Grande;
- ✚ Enviar e apresentar projeto de lei junto ao poder legislativo do município;
- ✚ Inserir o patrimônio cultural imaterial nas políticas de preservação do patrimônio local.

Justificativa:

- ✚ O reconhecimento em nível municipal contribuirá no empoderamento de atores sociais locais; que são os verdadeiros detentores desses patrimônios; dando visibilidade a cultura das águas na região, podendo ter reconhecimento por outras instituições estaduais ou federais.

Estratégias:

- ✚ Criação de projeto de lei;
- ✚ Apresentação junto ao poder legislativo;
- ✚ Aprovação e publicação da lei municipal.

Parceiros:

- ✚ Gestão Pública Municipal
- ✚ Câmara Municipal

Previsão de Realização:

- ✚ 2021.2

PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO CULTURAL

AÇÃO 1

- ✚ Museu da Cidade (com destaque para os ofícios e modos de saber-fazer).

Objetivos

Geral:

- ✚ Criar um museu que narre as memórias dos os ofícios e modos de saber-fazer.

Específicos:

- ✚ Reabilitar espaço sem uso social no município para construção do Museu da Cidade;
- ✚ Construir projeto expográfico que narre o ofício e modos de saber-fazer da renda de bilro;
- ✚ Comunicar as memórias das rendeiras sobre os ofícios e modos de saber-fazer em espaço educativo-cultural.

Justificativa:

- ✚ Os museus são instituições sem fins lucrativos que contribuem para o desenvolvimento educacional, social e cultural de seus usuários e visitantes. Construir um museu que narre as memórias dos ofícios e saberes das populações ribeirinhas promoverá o desenvolvimento social e econômico do município; além de promover a pesquisa, documentação, comunicação e salvaguarda dos bens culturais relacionados ao ofício e modos de saber-fazer. Nesse sentido, o Museu da Cidade terá um caráter educativo, feito com e para as pessoas da comunidade.

Estratégias:

- ✚ Construção ou reforma de espaço público no município;
- ✚ Organização de documentação do museu, com formação de equipes;
- ✚ Construção de projeto expográfico;
- ✚ Abertura do museu;
- ✚ Construção de plano de trabalho;
- ✚ Manutenção e conservação do acervo.

Parceiros:

- ✚ Gestão Pública Municipal
- ✚ Secretarias Municipais;
- ✚ Associação;

 Comitê de gestores do Patrimônio;

 Universidade

Previsão de Realização:

 2022.

AÇÃO 2

 Casa das Rendeiras

Objetivo

Geral:

 Fazer manutenção predial na Casa das Rendeiras.

Específicos:

 Realizar estudo de reforma a Casa das Rendeiras;

Justificativa:

 O Museu da Cidade.

Estratégias:

 .

Parceiros:

 Gestão Pública Municipal;

 Secretarias Municipais;

 ;

 Comitê de gestores do Patrimônio;

 Universidade.

Previsão de Realização:

 2022.

EQUIPE ORGANIZADORA DA PROPOSTA DE PLANO DE SALVAGUARDA

RENDEIRAS | ILHA GRANDE DO PIAUÍ

Francisca da Cunha Vieira (Francisquinha)

Maria Helena Castelo Branco Costa

Luzia Sá da Silva (Noga)

Edinalva Maria Alves

Clarice Carvalho dos Santos Souza

Maria do Socorro Reis Galeno

Ana Paula da Silva Sousa

Tarsila Inocência Santos

Maria do Socorro Freitas dos Santos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO
PARNAÍBA | PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, MESTRADO PROFISISONAL,
EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA**

Áurea da Paz Pinheiro

Marinete Martins Vasconcelos

Rita de **Cássia Moura** Carvalho